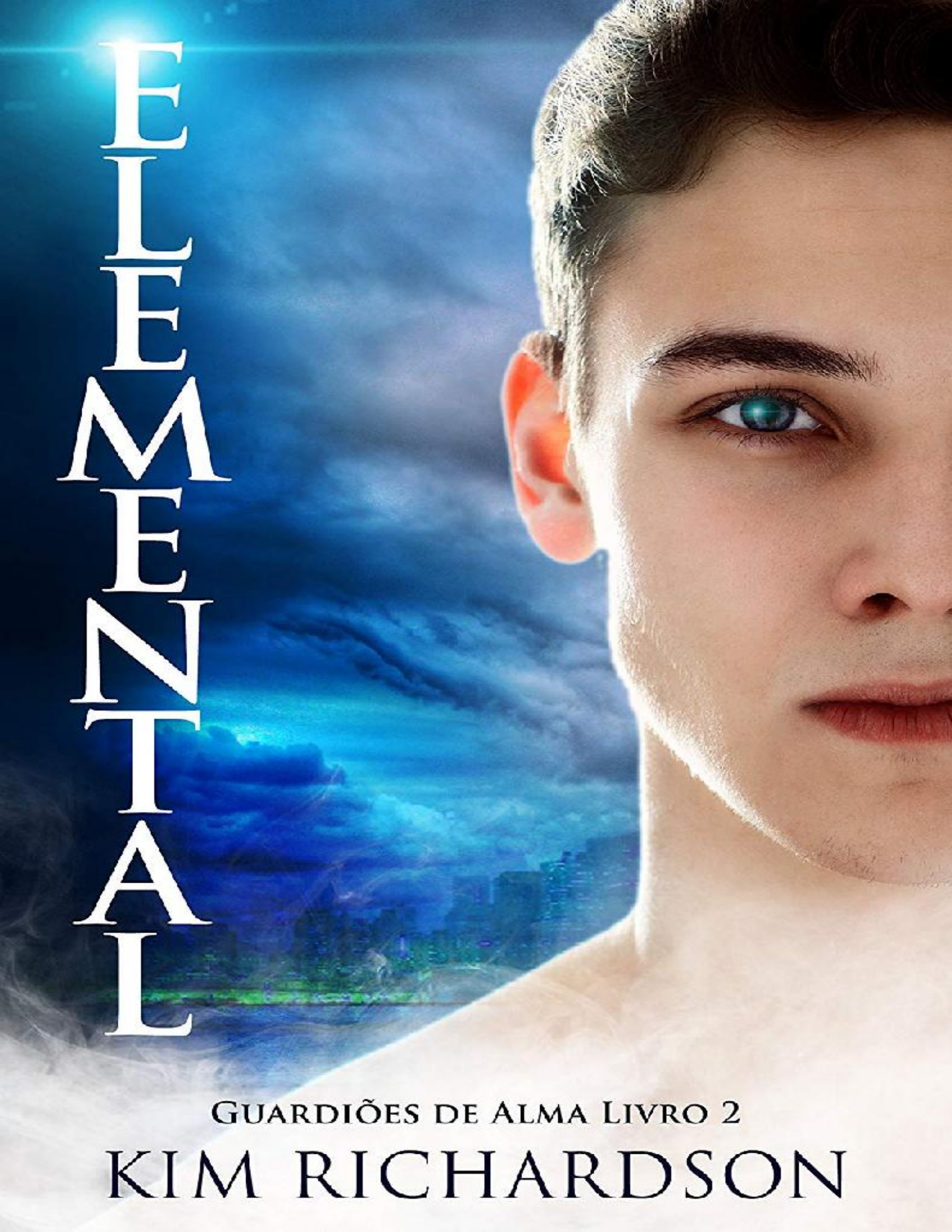



GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 2

KIM RICHARDSON

GUARDIÕES DE ALMA

* Livro Dois *

# ELEMENTAL

KIM RICHARDSON

Traduzido por Henry Alfred Bugalho

Elemental, Guardiões de Alma Livro 2:

Copyright © 2011 de Kim Richardson

Este e-book é uma obra de ficção. Qualquer referência a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usados ficcionalmente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e a semelhança a eventos factuais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Este e-book está licenciado apenas para seu divertimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada pessoa que você compartilhar. Se você estiver lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado para seu uso individual, então você deve retorná-lo e comprar sua própria cópia.

Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada Livro 1

Elemental Livro 2

Horizonte Livro 3

Submundo Livro 4

Seirs Livro 5

Mortal Livro 6

Ceifeiros Livro 7

Demônios Livro 8 (Em breve)

SÉRIES MÍSTICOS

O Sétimo Sentido Livro 1

A Nação Alfa Livro 2

# O Nexus Livro 3

**ÍNDICE**


Capítulo 1 - Raio

Capítulo 2 - Desaparecida em Ação

Capítulo 3 - Desastre na missão do Novato

Capítulo 4 - Nova Raça

Capítulo 5 - Um novo posto

Capítulo 6 - Departmento de Defesa

Capítulo 7 - Salvando Catherine

Capítulo 8 - O poder interior

Capítulo 9 - Julgamento

Capítulo 10 - Tártaro

Capítulo 11 - A Fugitiva

Capítulo 12 - Paris

Capítulo 13 - Fazendo um Acordo

Capítulo 14 - A Polícia Francesa

Capítulo 15 - Para bom entendedor

Capítulo 16 - A Fissura

Capítulo 17 - Sr. Barata

Capítulo 18 - Submundo

Capítulo 19 - Sonhos estilhaçados

Capítulo 20 - Indo para casa

HORIZONTE

Capítulo 1 - Esquecida

Sobre a Autora

## Capítulo 1

### *Raio*

**K**ara e um menininho estão juntos, sozinhos em um riacho. Ele aperta a mão dela. A água fria faz cócegas em seus dedões. Uma leve névoa se levanta e os envolve, e Kara sente o tênue fedor de carne podre. Alguém toca o seus dedos. Ela olha para baixo.

Mãos brancas saem da água e agarram seus tornozelos. Ela pula para trás, puxando a criança consigo. Mais mãos a alcançam ao redor. Uma espessa névoa branca sobe e cobre o córrego. Longos cipós se enrolam em suas pernas, como cobras brancas. Kara grita e chuta a névoa.

Um odor de ferro a domina. A névoa se divide. Kara luta para manter o equilíbrio. Ela está em um rio de sangue. O menininho tem sangue até as coxas. Kara está nauseada.

Ela ouve um ruído na água.

Uma figura, no rio... um homem, não... uma cabeça humana distorcida e com um tórax enfermo se ergue do rio, cresce numa confusão de vísceras humanas e de insetos nas costas de um monstro medonho. Longas pernas de inseto atacam-na, negras e afiadas. Pústulas e feridas cobrem a pele do monstro, como lepra. Seus olhos negros brilham na névoa negra. Ele morde com sua mandíbula.

A criança solta a mão de Kara. Ela é arrastada pelo rio de sangue. Kara se inclina e move a sua mão pelo sangue, procurando pelo menino.

Um soluço. Kara olha para cima.

A criatura está com a criança. Ela agarra o menino chorando pelo pescoço e aperta. Ela abre a boca. Sangue pinga por seus pontudos dentes amarelos. Lentamente, ela leva a criança gritando para sua boca molhada...

Kara despertou sobressaltada.

Seu coração batia com força no peito, enquanto ela piscava por entre olhos remelentos com lágrimas secas e suor. Ainda meio adormecida, ela se sentou na cama com os braços esticados para frente, pronta para salvar o menininho do monstro. Ela tirou as franjas pegajosas de sua testa suada e esperou, acalmando-se, até que os efeitos do sonho se dissipassem. Ela estava chorando.

Ela limpou o rosto e seus olhos lentamente se ajustaram à luz matinal em seu quarto. Sombras escuras se tornaram nítidas. As pinturas de demônios e anjos que cobriam as paredes como papel de parede pareciam ainda mais sinistras nas penumbra. Ela estremeceu com um calafrio.

As pinturas eram parte de uma história que Kara queria contar. Com os pesadelos ainda frescos, ela pegava o pincel e pintava as histórias recorrentes. Ela dizia a si mesma que era um tipo de terapia e que, talvez, um dia os pesadelos fossem parar.

Depois de um tempo, sua mãe se recusou a ir a seu quarto. Kara lembrava-se que a sua mãe havia lançado as mãos para o ar e gritado que os monstros viriam para pegá-las.

Mas, para Kara, eram apenas pinturas. Ela imaginava que não poderiam ferir ninguém.

5:00 da manhã... ainda cedo demais para se levantar para a escola. Ela forçou para fechar os olhos e caiu de novo na cama. O tênue ronco vindo do segundo quarto seguindo pelo corredor confirmava que a sua mãe não havia sido acordada pelos gritos de Kara. Isto a reconfortava. Sua mãe trabalhava por longas horas, então merecia uma boa noite de sono.

Todas as noites, Kara sonhava com monstros horripilantes, e com um menininho assustado com cabelo louro emaranhado e pijama azul e branco... prestes a ser devorado. Ela despertava gritando na hora em que a criança desaparecia na boca do monstro.

Kara exalou demoradamente. Não conseguia volta a dormir.

Ela lançou as pernas para fora da cama e caminhou nas pontas dos dedos até a penteadeira. As tábuas de pinho rangeram. Tinta branca descascava no tampo e nas pernas da penteadeira, dando uma falsa impressão de antiguidade. Alguns puxadores estavam faltando nas gavetas de cima e Kara tinha de usar canetas como puxadores. Ela apanhou um porta-retratos de metal.

O vidro estava trincado e lascado. Kara o segurou perto. Um homem com cabelo castanho despenteado e um sorriso amigável

segurava uma garotinha com longas chuquinhas castanhas e macacão amarelo. O peito de Kara se apertou. Ela quase não conseguia mais se lembrar mais daquele dia. A imagem de seu pai tinha se esvaído. Ele morreu quando ela tinha apenas cinco anos e Kara não se lembrava nada dele. Ela contornou o rosto dele com o dedo. O que ela não daria para ter um pai de verdade! Talvez sua mãe fosse mais sã se houvesse um homem por perto. Kara sentiu uma dor no coração e, com um suspiro, colocou a moldura de volta na penteadeira.

O rosto de Kara a encarou de volta pelo espelho trincado e forçou um sorriso. Hoje era o seu aniversário de dezessete anos. Dezessete deveria ser a idade quando as garotas se apaixonam e partem para a universidade para seguirem seus sonhos. Seu sorriso se desfez. O trabalho de verão de Kara mal deu para ela ajudar a pagar as compras. Ela nunca conseguiria economizar o suficiente para a universidade.

Uma barata escalou seu espelho e parou bem no meio. Estava na altura dos olhos de Kara; seus dois olhos negros e redondos a encaravam com uma inteligência sinistra. Suas antenas se moviam nervosamente.

BAM!

Kara removeu o livro do espelho e jogou a barata morta na lata de lixo. Ela se sentiu culpada por ter matado o inseto. Ela comprimiu os lábios e deu uma outra olhada para o espelho. Ela podia ser feliz, ela sabia. Mas ela se sentia vazia por dentro. Uma parte dela estava faltando, como um carro sem a roda, que não pode ser conduzido.

Por meses, ela vagou pela escola, sem querer fazer nada além de pintar e ler livros. Até mesmo o seu melhor amigo Mat a evitava. Duas semanas atrás, na hora do almoço, ele disse que andar com ela estava fazendo com que o cérebro dele derretesse; ela o estava deixando deprimido. Sem Mat para apoiá-la, ela se sentia ainda mais perdida e confusa. Ela tentava afastar o sentimento, mas nada funcionava. Ela se sentia sozinha.

O som do cantarolar dos pássaros atingiu seus ouvidos. Kara sorriu. Apesar de incomodá-la, às vezes, eles cantavam lindamente. O cantarolar se tornou mais alto e intenso. Então ela ouviu o grasnar de corvos, de muitos corvos...

*Estranho*, Kara pensou consigo mesma.

Ela se esgueirou até a janela. O piso de madeira estava frio sob a planta dos pés. Ela apertou a cabeça no vidro e olhou para fora. Uns vinte corvos estavam empoleirados nos altos bordos. Com suas cabeças inclinadas, eles gritavam para algo abaixo que Kara não conseguia ver. Ela se esforçou para olhar por entre os galhos. Um calafrio lhe percorreu a espinha.

Seu coração foi parar na boca. No meio da estrada havia um menininho... o mesmo menininho de seus sonhos.

Ela achatou o nariz contra o vidro, enquanto observava a pequena figura de pijama cambaleando pela rua. Ele estava descalço. Em Montreal, no mês de agosto ainda é quente, mesmo nas primeiras horas da manhã. Ela o observou parando e se equilibrando. O menininho se embrenhou por entre os carros

estacionados. Jornais voavam ao redor dele, apanhados pelo vento invisível.

*Tenho de ir lá pegá-lo,* Kara disse para a janela. Ela se convenceu e enfiou um calça de moletom cinza e um suéter. Com um clique, ela abriu a porta do quarto e caminhou para as sombras. Tomando cuidado para não despertar sua mãe, ela caminhou furtivamente pelo corredor escuro e correu para fora da porta do apartamento.

Ela pulou para baixo das escadas de dois em dois degraus e quicou no saguão. Ela recuperou o fôlego e empurrou as portas de vidro. O ar lá fora tinha cheiro de folhas secas e de grama, cálido na pele, dando sinais do outono que se aproximava. Poças cinzentas espalhavam-se pelas calçadas e Kara pulou para evitá-las. Ela correu para o ponto na rua onde tinha visto o menininho pela última vez.

Ela tinha sumido.

A rua estava bastante quieta e Kara percebeu que os pássaros haviam parado de cantar subitamente. O vento cessou. Kara estremeceu. Um calafrio subiu por suas costas e o coração palpitava nos ouvidos.

— Ei, menininho! — ela disse com uma voz abafada, sem querer despertar a vizinhança. — Menininho... onde está você?

Ela correu pelo ponto e parou. Ela se agachou e procurou sob os carros estacionados. Nada.

*Ele não deve ter ido muito longe. Ele é apenas um menininho*, ela pensou. Kara deu alguns passos adiante e parou. Os pelos de sua nuca se eriçaram. Ela sentiu que algo não estava certo, um formigamento lhe dizia para correr.

E ali estava ele.

Kara segurou a respiração. Ela podia vê-lo claramente agora — não a criança, mas um belo desconhecido que ela havia visto antes. Ele se recostava em um carro estacionado, com os braços cruzados. O olhar do desconhecido se fixou nela. O coração de Kara parou. Ele era alto e magro. A jaqueta de couro marrom abraçava seus poderosos ombros, ele usava calça jeans rasgada com uma camiseta apertada que enfatizava o seu peito musculoso. Ele a encarava com este sorriso quase tolo pintado em seu rosto. Com covinhas rasas, o rosto dele era evidentemente lindo. Perfeito demais. O tipo de rosto que embrulhava o estômago dela. Kara havia lhe dado o apelido de "perseguidor gostoso"... a sua linda sombra.

*O que ele está fazendo aqui a esta hora?*

Ela franziu o cenho. Algo não fazia sentido para ela. Parte dela sentia a empolgação de ter tal cara bonito a espiando assim, mas a outra parte lhe deixava com a pele arrepiada... e não do tipo legal. Havia algo bizarro no jeito que ele olhava para ela.

O perseguidor gostoso penteou sua cabelo bagunçado com os dedos e se virou. Ele apanhou o olhar de Kara, então desviou o olhar, fingindo estar interessando em alguns carros estacionados.

Para Kara, ele não parecia nada com o tipo de assassino em série da espécie de Jeffrey Dahmer... o tipo que desmembra e come as suas vítimas, como em algum tipo de guisado exótico. Não, ele tinha uma boca tão linda que ela não conseguia imaginá-lo comendo alguém. Kara não conseguia entender porque ele a estava perseguindo. Sem peitos e com suas curvas invisíveis, ela não tinha muito a oferecer ao sexo oposto em termos de visual. O que era tão atraente nela para o "delicioso perseguidor"? Nada. E isto a fazia suspeitar dele. A coisa era boa demais para ser verdade, ela concluiu, especialmente quando tinha a ver com ela.

Ela desviou o olhar dele por um instante para procurar novamente a criança. Sombras negras espreitavam pela rua silenciosa e Kara se sentiu tensa. Mas nada mais se moveu. O menino não estava em nenhum lugar. E quando ela olhou de volta para o perseguidor gostoso, ele também havia sumido, como se fosse apenas uma invenção de sua cabeça.

*Sério, estou ficando doida*. Kara pensou, retirando a franja do rosto. Um leve chuvisco refrescou suas bochechas quentes e Kara a agradeceu...

Algo se moveu no canto de seu olho.

Primeiro, ela pensou que era o perseguidor gostoso voltando. Mas ela rapidamente constatou que não era ele. Este homem tinha cabelo branco e pálida pele acinzentada. Ele vestia um terno negro e que, para Kara, parecia ser caro e deslocado a esta hora da manhã. Ele se recostou em um poste de luz do outro lado da rua.

Mesmo à distância, ela conseguia ver que tinha algo errado com os olhos dele.

Eram negros. E a observavam.

Ela sentiu um frio no estômago; ela inspirou e um horrível sentimento se arrastou pela nuca dela, fazendo com que seus pelos se eriçassem. O coração dela palpitava nos ouvidos e ela estremeceu. Ela reconhecia aquele rosto... pertencia ao monstro nojento de seus pesadelos. Ele fez uma careta e lambeu os lábios, revelando um punhado de dentes amarelos.

As tripas dela se reviraram. Um sensação de enjoo subiu até a garganta dela e Kara correu pela rua.

Com seus chinelos se arrastando no asfalto, ela ganhou velocidade. Ela se tornou mais consciente da imobilidade ao redor dela. Era como se o mundo houvesse parado e apenas ela se movesse nele. Uma súbita lufada de vendo a acertou nas costas. As trevas aumentaram, sugando a luz. Kara ouviu um trovão à distância. Uma grande sombra apareceu repentinamente no chão diante dela, como se um balde de tinta negra houvesse sido derramado aos seus pés. Ela olhou para cima. Uma única nuvem cinza-escuro aproximava-se no céu rosado e azul. Ela viajava rapidamente contra o vento e se encaminhava na direção dela.

Kara perdeu o fôlego e se concentrou em aumentar o máximo possível a distância entre ela e o monstro de olhos negros. Ela deu uma olhada para trás. O coração dela veio parar na garganta.

O demônio estava bem atrás dela.

Um alto rugido fez com que ela pulasse, enquanto o trovão reverberou por todos os lados. Kara olhou para cima. A nuvem cinza estava agora sobre ela. A sua pele ficou toda arrepiada. *Como pode uma nuvem se mover daquele jeito?* Ela sabia que não era natural. Pânico atravessou todo seu corpo.

Kara correu em direção a um ponto de ônibus do outro lado da rua e caiu dentro da proteção de vidro. Uma sombra cobria o chão e as trevas a cercaram. Ela olhou para cima e observou o topo do abrigo. A nuvem cinza estava diretamente sobre ele. Havia seguido-a.

Kara seguiu-a com seus olhos. Uma fagulha emanou da nuvem, depois outra, até que a nuvem houvesse sido consumida inteiramente por pequenos choques elétricos. Ela balançou a cabeça sem acreditar.

Algo se moveu no canto de seu olho. Ela avistou o demônio... ele estava parado na porta. Ele rosnava, com os dentes brilhando nas trevas. Ela fechou os olhos e desejou que o pesadelo terminasse. Ouviu um súbito barulho alto; Kara abriu os olhos.

Um raio caiu da nuvem.

Ele atingiu o demônio.

Ela gritou, enquanto o via fritar e crepitar diante de seus olhos. Os membros dele se quebraram em pedaços como uma torrada queimada. Cinzas flutuaram no ar como folhas secas de uma árvore

numa brisa. Uma pilha de pó foi tudo o que sobrou do demônio. Kara sentiu um pouco de náusea dominando-a.

*ZAP!*

Um raio atingiu o abrigo. Em um brilho branco de luz, todo o abrigo sumiu completamente, deixando apenas alguns vestígios de fumaça e cheiro de plástico queimado. Apavorada, Kara olhou ao seu redor. Como isto era possível? Ela tremia, enquanto o seu estômago se apertou em uma bola. Suas mãos estavam tremendo e ela as fechou em punhos.

Kara saltou para fora do abrigo enegrecido, de volta para a rua e correu em direção à casa mais próxima. Um som efervescente, perto demais... ela sentiu algo atrás dela. Algo tocou o seu cabelo, roçando a sua nuca. Ela se virou para olhar... e quase desmaiou.

O demônio com olhos negros corria atrás dela com velocidade sobrenatural, como uma imagem sendo reproduzida em *fast-forward*. Ele sibilou e cuspiu furiosamente. Sua careta pálida revelava fileiras de pontiagudos dentes. Ele não havia sofrido nenhum arranhão, Kara constatou. Sem sinais de queimaduras do raio que o havia imolado, nem mesmo em seu terno.

Os joelhos de Kara perderam a força. Ela se chocou contra o chão e gritou. Ela rolou e torceu o pé. A pele ao redor de seu tornozelo inchou e instantaneamente ficou vermelha e roxa. Ela tentou se levantar, mas caiu de volta. Uma sombra se esgueirou pelo chão. Kara olhou para cima. A nuvem cinza estava a centímetros de sua cabeça, tão perto que ela podia estender o

braço e tocá-la. Um alto som de algo raspando veio de trás e Kara se virou.

O demônio estava a apenas poucos passos dela. Ele estaria sobre ela em uma questão de segundos. Um sorriso estranho surgiu no rosto dele enquanto corria, como se estivesse prestes a ganhar na loteria.

— Socorro! — Kara gritou, desesperada. — Alguém me ajude!

A boca do demônio se abriu e seu queixo desceu até o meio do peito, como uma cobra expandindo seu maxilar, pronta para engolir a sua presa. Naquele instante horrível, Kara percebeu que estava prestes a ser devorada... exatamente como o menininho em seus sonhos. Ela só conseguia tremer e observar.

Ao mesmo tempo, uma nuvem cinza parou sobre ela. Faíscas azuis e brancas dançavam para dentro e fora da nuvem.

Então outro raio caiu.

Kara piscou, enquanto uma luz branca queimou a sua vista.

Ela sentiu uma corrente de eletricidade atravessar o seu corpo. Queimava. Ela não teve tempo para gritar.

Então ficou escuro.

## *Capítulo 2*

## *Desaparecida em Ação*

**U**ma luz piscou diante das pálpebras fechadas de Kara. Ela se esforçou para abri-las. Uma névoa como um fino véu branco soprando no vento obscureceu a visão dela. A princípio, ela pensou que estava de volta a seu quarto, mas, quando a imagem se tornou clara, ela percebeu que estava de pé em um elevador. Ela piscou e aguardou que as imagens diante dela se tornasse nítidas.

O elevador parecia antigo, como de um hotel dos anos de 1920, com belos painéis de madeira polida e pisos de mármore acobreado. Ela não se lembrava de ter entrado em um elevador. *Como cheguei aqui?* Um cheiro de torrada queimada e de naftalina pairava no ar. Ela ouviu tênues sons efervescentes e crepitantes, e quando ela olhou para baixo, ela tomou conhecimento que o ruído vinha dela. Ela ergueu o braço e o examinou. Longos caracóis de fumaça emanavam de seus membros. Todo o seu corpo estava fumegando, como uma lenha na lareira.

— Ahãm — disse uma voz rouca.

Kara recuou. Primeiro, ela tinha certeza que seus olhos estavam pregando uma peça nela. Mas ela logo constatou que estava, de

fato, encarando um grande chimpanzé. Ele estava sentado em uma cadeira de madeira diante dela e cutucava seus pés calosos em um jeito descompromissado. Ele se ajeitou e limpou migalhas de sua bermuda verde. Ele suspirou pesadamente e a considerou de maneira desafiadora. O macaco parecia estranhamente familiar para Kara. Ele ergueu o queixo e fez uma careta.

— Faz tempo que não a vejo por aqui — disse o chimpanzé. — Estava de férias?

Kara piscou, confusa. Ela não se surpreendeu que o chimpanzé pudesse falar. Ela se perguntou o por que. Ela fez uma careta.

— Você não parece estar surpresa, Senhorita Nightingale. Já nos encontramos antes. Apenas... demorará alguns minutos para que a sua memória volte. Sempre volta.

— Minhas memórias? — Assim que ela pronunciou as palavras, imagens invadiram a sua mente como uma imensa cachoeira. Mas nenhum delas fazia qualquer sentido para ela. Era como assistir a um filme em velocidade rápida sem botão de pausa. Ela viu lampejos de pessoas, pessoas bonitas, altas e imperativas. Imagens de esferas brilhantes voando pelo céu negro, como centenas de estrelas cadentes. Ela balançou a cabeça e uma clara imagem de uma cidade sobrevoando em um magnífico céu azul e flutuando entre nuvens brancas. Diferentes primatas apareceram em sua mente. O hálito nojento. Aqueles dentes amarelos. Ela conhecia apenas um único macaco com aquele tipo de atitude. Kara logo compreendeu porque o chimpanzé tinha tal comportamento familiar.

Quando o chimpanzé viu que ela tinha finalmente reconhecido-o, ele sorriu triunfantemente.

— E nos encontramos novamente, senhorita Nightingale.

— Você é aquele Chimpanzé 5M51. Sim... Eu me lembro agora. Você era terrível. Como posso me esquecer...?

— Parabéns. Você levou bastante tempo — resmungou o chimpanzé, e ele uniu as mãos. — Eu estava começando a achar que teríamos de ficar um tempão aqui, e eu não havia trazido a marmita. Vou lhe dizer, os anjos não tem consideração pelo nosso trabalho! Eles pensam que são melhores que a gente, é?

Kara não o ouviu. Ela estava perdida em seus pensamentos, concentrada nas memórias que brotavam em seu cérebro. Ela se sentiu tonta. O chão ao redor dela balançava ligeiramente. Ela se apoiou nos painéis. Enquanto suas memórias mortais sumiam, elas eram substituídas por lembranças de anjo da guarda.

O corpo de Kara se rachou e estalou subitamente. Ela estudou seus membros fumegantes.

— Aquela... aquela nuvem negra! O raio! Ele... ele me matou. Assim como da primeira vez que fui morta pelo ônibus! Estou de volta em Horizonte! Morri, e agora estou de volta.

O Chimpanzé 5M51 contraiu os lábios, claramente se incomodando com a recuperação lenta de Kara.

— Sim, sim, muito sagaz, senhorita. Não sei porque me disseram que os anjos da guarda eram os únicos com cérebro. — Ele virou os olhos. — Claramente, fui enganado.

Kara fez uma careta para o chimpanzé. Ela decidiu ignorar os comentários dele e, ao invés disto, abriu a sua mente. Ela teve calafrio, enquanto tudo voltava para ela — as suas experiências e sentimentos por David, seu treinamento como anjo da guarda e como ela derrotou Asmodeus. Ela se lembrava vagamente de uma luz dourada que foi disparada de sua mão e que causou a derrocada do senhor dos demônios. Ela se lembrava de ter salvado a criança elemental, uma entidade com poder tremendo, e que a sua luz dourada também era elemental. O poder indomável de Kara era possuído apenas por aqueles nascidos de pais humanos e anjos, uma combinação extremamente rara. E Kara possuía aquele poder. Ela se lembrava. A sua alma era parte elemental.

O chimpanzé suspirou pesadamente, como se esta fosse a coisa mais tediosa do mundo.

— Você já se deu conta de tudo, senhorita? Ou teremos de ficar aqui no limbo até o fim dos tempos, esperando que o seu cérebro vazio desperte. Vou lhe dizer, *nós* que deveríamos ser guardiões, e os anjos deveriam trabalhar nos elevadores. Como isto aconteceu... é além da minha compreensão. Evidentemente, você não é uma guardiã competente. Talvez você pensasse que estávamos no zoológico? — Ele deu uma risadinha.

Kara continuou a ignorá-lo e vasculhou seu cérebro. Ela se lembrava de sete níveis diferentes em Horizonte e dos lindos

arcanjos que os gerenciavam. Empolgação percorreu o seu peito.

— Então... você sabe qual nível tenho de ir agora? — O corpo dela formigava ao se lembrar de David. A imagem do beijo pairava diante de seus olhos, tão real que ela quase podia sentir os lábios carnudos dele apertados contra os dela.

— Nível dois, senhorita. Operações.

O chimpanzé ergueu o longo braço negro e apertou o botão de cobre número dois no painel de controle. O elevador balançou um pouco para frente e para trás. Subiu para um andar superior.

Seu ânimo aumentou ao se lembrar de Operações, o segundo dos sete níveis de Horizonte, onde colossais dunas vermelhas serpenteavam e desapareciam num vasto deserto vermelho, e onde David, seu oficial, havia ensinado-a a lutar como um anjo da guarda — para salvar almas mortais de demônios, ela se lembrava.

O elevador balançou e parou abruptamente. Ela ouviu um *ting*, depois um *swish*, e as portas se abriram.

— Nível dois, Operações! — gritou o chimpanzé. Ele gesticulou impacientemente com suas mãos. — Para fora, senhorita.

Kara começou a se sentir ansiosa. Ela mordeu o lábio inferior.

— Só um minuto. Preciso pensar. Acredito que eu tenha de ver Gabriel.

— Não sei e não me importo — declarou o chimpanzé. Ele franziu o nariz. — Agora para fora! *Você* está deixando o meu elevador fedido!

— O quê? Só um segundo — ela rosnou e tentava apagar o fogo em seus braços. — Isto não foi minha culpa! Foi um raio...

O chimpanzé agarrou Kara pelo braço e a arremessou para fora do elevador.

Kara caiu na areia vermelha. Um punhado de sal entrou em seu nariz e em sua boca.

Ela cuspiu e limpou sua boca com a mão.

— Você vai pagar por isto! Seu *macaco* maldito! Vou reportá-lo ao Alto Conselho! Espero que eles o joguem nas chamas brancas do Atma — ela resmungou, contrariada. Ela enfiou os dedos na boca e limpou os pequenos grãos de areia que estavam entalados em seus dentes.

Ela ouviu um ronco. O Chimpanzé 5M51 a considerava com seus preguiçosos olhos amarelos.

— Isto é uma ameaça? Quão terrivelmente desinteressante. Eu imaginaria que você teria concebido algo mais... original — disse o chimpanzé, com condescendência. Ele curvou os grandes lábios gordos, balançou teatralmente os braços no ar e deu um tchauzinho de Miss para ela, enquanto o elevador começou a descer.

Kara se ergueu da areia e se debateu para levantar-se. Sem pensar, ela agarrou um punhado de areia e jogou-o diretamente no elevador.

— Errou — riu o chimpanzé, enquanto as portas se fechavam.

Ela observou o elevador desaparecer de volta na areia.

— Torça para nunca mais me ver! — ela gritou e ergueu o punho. — Porque será a última vez, *macaco!*

Frustrada, Kara se ergueu e limpou a areia. Milagrosamente, seu corpo não estava fumegando mais. Não havia marcas de queimadura alguma, nenhum vestígio do raio que a havia atacado.

Ela retirou a franja da frente dos olhos e olhou ao redor. Ela sorria. Como pôde ter se esquecido das lindas dunas de areia vermelha da Operações?

A areia vermelha cintilava como joias, ao refletir o sol. Intermináveis colinas de areia vermelho-rubi se estendiam diante dela por quilômetros antes de desaparecerem de vista. Uma brisa gélida eriçou os pelos de suas costas, trazendo consigo o cheiro do oceano. Ela se lembrava de Operações como seu lugar favorito em Horizonte. Ela suspirou. Ainda era.

Devia haver uma razão para eles terem trazido-a de volta tão cedo. Ela calculava que tinha ficado em casa por uns dez meses. O Alto Conselho a havia informado que convocariam seus serviços novamente. Ela só não esperava que fosse ser tão cedo.

Uma imagem de David apareceu em sua mente. Ela estremeceu. Ela queria vê-lo. Tocá-lo. Mesmo após David tê-la repelido quando descobriu nela a Marca e acreditou que ela fosse um demônio, ele tinha se aproximado no final e acreditado que ela era inocente e boa, e isto apenas fez com que ela se importasse com ele ainda mais. Ela se indagava se ele ainda se sentia do mesmo modo. Mas ela sabia que os sentimentos dela por ele eram perigosos. Romance era proibido em Horizonte. Ela não conseguia evitar os seus sentimentos. Era natural. Se os anjos não deviam se apaixonar, então por que ela estava repleta por tais intensos sentimentos — o seu corpo angelical tinha todos os outros quatro sentidos. Como estes sentimentos poderiam estar errados?

Kara caminhou por entre as colinas de areia. Ela atravessou um gigantesco labirinto de pirâmides de sal, altas como casas de dois andares. Crianças com cabelos dourados e rostos idênticos conduziam grandes geringonças com mangueiras de metal que sugavam o sal. Seus trajes azuis balançavam atrás deles.

Kara saltou para fora do caminho de uma das máquinas... ela parecia ser invisível para os querubins. Ela deixou os altos sons de batidas e trituração para trás e escalou até o cume da duna seguinte. Milhares de tendas abertas azuis se espalhavam em fileiras diante dela, com suas coberturas tremulando com o vento suave como ondas no mar. O ar ao redor dela era ruidoso com os sons da batalha. Anjos da guarda lutavam uns contra os outros em práticas de combate, acertando-se e bloqueando com suas brilhantes espadas prateadas.

Um calafrio a atravessou ao pensar nas lições de treinamento de combate com David. Ansiosa para ver o rosto dele, ela caminhou.

Uma conhecida grande tenda branca se estendia diante dela, e Kara foi envolvida por um odor ainda mais forte de mar. Ela podia ver centenas de piscinas redondas... posicionadas para que os anjos da guarda mergulhassem para suas próximas atribuições. Ela observou os lampejos de luz que apareciam sobre as piscinas, para desaparecerem segundos depois. Ela se lembrava de viajar à Terra ao pular nestas piscinas. Ela se lembrava de como a água não tinha a sensação alguma de água, mas era mais como uma névoa cobrindo tudo ao redor depois de um demorado banho quente... e então a luz brilhante explodindo ao redor, enquanto seu corpo angelical se desintegrava.

Kara mordeu o lábio e cerrou os punhos. Ela caminhou até a tenda. Ela imediatamente reconheceu o arcanjo Gabriel. Ele se elevava sobre os oráculos e anjos da guarda ao redor dele. Ela estava na ponta de uma grande mesa de carvalho, com suas pernas polidas refletindo na luz. Mesmo em seu folgado traje de linho branco, seus braços e peito musculosos eram visíveis pelo tecido, com os botões quase arrebentando. Ele tinha ombros poderosos e grossos antebraços musculosos. Sua pele negra resplandecia como uma pantera negra e Kara tinha certeza que ela devia ser sedosa ao toque. Ele parecia como um daqueles deuses gregos... surreal. Ele sempre fazia com que Kara se sentisse um pouco nervosa. Suas enormes mãos digitavam em um teclado. Ele não havia percebido Kara até que ela parou diante dele.

Ela tentou pigarrear, mas, ao invés disto, um estranho cacarejo saiu.

Gabriel olhou para cima. Seus olhos marrom-escuros brilhavam sob espessas sobrancelhas. Quando ele se deu conta de quem era, ele se endireitou, e ela viu que alívio apareceu no rosto dele. Isto a confundiu.

— Kara. Estou feliz em ver que você conseguiu. Estávamos um pouco preocupados...

Uma bola de cristal gigante rolou na direção de Kara. Esmagava a areia embaixo com uma explosão de altos ruídos.

— Ah! Até que enfim ela está aqui! A única...! — Um homenzinho com cabelo branco com uma longa barba fina flutuando atrás dele, como um cachecol branco, manobrava a bola de cristal sem esforço com seus pés. Ele cambaleou por um instante e parou a poucos centímetros do rosto de Kara.

O oráculo pulou no ar e uniu suas mãozinhas encardidas com empolgação.

— Vejamos aqui... então esta é a sua primeira vez em Horizonte. Bem-vinda! Bem-vinda! — Ele parou e franziu o rosto. — Mas você realmente deveria estar em Orientação. Entende, todos os novos anjos se reúnem lá para...

— Hã... esta não é a minha primeira vez aqui, oráculo — Kara sorriu com gentileza e torcendo para não ser rude. — Esta é a

minha *segunda vez* em Horizonte. Estive aqui... mais ou menos dez meses atrás, acho.

O oráculo coçou a cabeça agressivamente.

— Oh, puxa. Acho que misturei os períodos de tempo de novo. Este negócio de ver o futuro nunca fica mais fácil. Juro que me matará um dia.

A expressão dele se tornou perplexa, enquanto enrolava a longa barba branca com seus dedos.

— Então esta não é a sua primeira vez aqui? Oh, puxa. Parece que me esqueci o que estava prestes a fazer?

— Você tem de dar a ela a segunda estrela, Oráculo — disse Gabriel, um pouco incomodado.

*A segunda estrela*, repetiu Kara em sua mente. Ela sentiu um jorro de empolgação. As segundas estrelas significam mais responsabilidade. Ela achava que não era mais uma novata. Talvez até mesmo uma oficial como David, ela esperava.

Os olhos do oráculo se arregalaram.

— É claro que sim! Como pude me esquecer? Isto é tão empolgante! Mal consigo me conter, quem diria a minha mente!

Ele apertou as mãos diante de si e se aproximou de Kara. Ele movia os dedões com entusiasmo. Subitamente, um brilho branco emanou da bola de cristal do oráculo. Ele iluminou a maior parte

inferior do corpo dele e, depois, lentamente se desvaneceu. Um turbilhão de fumaça branca apareceu dentro do cristal, como nuvens aprisionadas.

— Aproxime-se, Clara.

Ele estava praticamente a tocando, pensou Kara. Ela se perguntou quão mais perto ele queria que ela chegasse. Ela podia ver seu reflexo nos reluzentes olhos azuis dele. Ela gostava dos oráculos. Ela balançou a cabeça e riu.

— É *Kara*, não *Clara.*

— Sim, você tem razão. Agora se aproxime — Ele balançou os braços impacientemente.

Antes que Kara pudesse reagir, o homenzinho estendeu o braço e pressionou o polegar em sua testa. A cabeça dela se inclinou para trás, enquanto o toque dele queimava um ponto entre suas sobrancelhas. Um jato de energia se espalhou por seu corpo, como uma injeção de adrenalina. Ela estremeceu, enquanto um calor a atravessou da cabeça aos pés.

Então, acabou.

O oráculo se inclinou para trás. Os olhos dele mudaram de volta de dourado para sua brilhante cor azul. A bola de cristal perdeu a sua luminosidade, como uma lâmpada lentamente se queimando.

— Pronto, Clara — disse o oráculo jovialmente e se balançando na ponta dos pés. — Você agora graduou-se oficialmente de seu

status de novata na Legião de Anjos de Guarda, e foi promovida para o próximo nível — como uma oficial. Agora você pode realizar, de todo o coração, os seus deveres como um anjo da guarda, com honra e justiça.

Kara sentiu um senso de orgulho inflar-se dentro dela. Ela nunca havia conquistado muito em seus dezessete anos de existência na Terra; ela não havia tido tempo ou inclinação. David era um oficial, ela sabia. E agora ela também era. Ela se indagou se eles trabalhariam juntos de novo. Eles formariam uma boa equipe.

— Obrigada. Isto é muito importante para mim. Não vou desapontá-los. — Kara certificou-se que Gabriel não estava prestando atenção e abaixou a voz. — E o meu nome é *Kara*, só para constar. Não Clara.

— Oh, puxa... errei de novo? Vou lhe contar, este negócio atual está confundindo a minha mente. — O oráculo puxou os lóbulos da orelha com os dedos. Em um movimento suave, a bola de cristal gigante rolou embora, com o oráculo correndo sobre ela.

— Eu disse pra você que eles só acertam o seu nome depois de uma cem vezes — disse uma voz vindo detrás de Kara.

Kara sentiu arrepios por todo o seu corpo e se virou rapidamente. Ela desejou que ela não parecesse tão ansiosa. David caminhou até ela. Kara constatou que ela não conseguia desviar o olhar. Ele vestia a sua usual jaqueta de couro e a camiseta branca apertada. O seu sorriso usual estava estampado em seu rosto.

— Ei, garota. Sentiu a minha falta?

Com um milhões de perguntas e sentimentos prestes a estourar dela, Kara se esforçou para manter a compostura. Ela tinha de dar uma boa impressão diante de Gabriel.

— Ei, David. — Ela exibiu um sorrisinho e mordeu o interior da bochecha.

Nenhum dos dois sabia o que fazer. Kara se indagava se eles deviam se abraçar. Mas ela descartou a ideia quando pensou que Gabriel poderia não aprovar. Ela olhou nos olhos de David. Ele tinha um rosto inesquecível.

Então, ela se lembrou de outra coisa, algo sobre David, ela compreendeu. Ficou claro...

Ela deu um forte soco no braço de David.

— Ai! Por que você fez isto? — David riu, esfregando o braço. — Também sinto falta sua, sabe. Mas você não tinha de esmurrar amor em mim, mulher. A não ser que você curta isto... tenho certeza que podemos conversar sobre isto...

— Era você! — Kara fez uma careta para David. — O cara que estava me perseguindo!

Ela lutou para controlar sua raiva ao constatar que o seu perseguidor gostoso era, na verdade, o gostoso do David. Ela franziu o cenho.

— E lá estava eu apavorada por meses porque algum esquisitão estava me seguindo — você me dava calafrios — me tirava do sério. Eu pensei que estava enlouquecendo. E todo este tempo era *você*! — Ela o esmurrou de novo, com mais força.

David pulou para trás e riu. Ele tentava o máximo evitar o ataque de Kara.

— Ai... deixe-me explicar! Ai! Espere... só um segundo! Pare... ai. Gabe, ajude-me!

Pela primeira vez na vida, Kara viu Gabriel sorrir. Os lábios dele se curvaram, e ela pensou que ele ficava ainda mais bonito.

— Ajudá-lo? Por que eu o ajudaria? Você fez isto consigo próprio, David. Além disto, eu me divirto vendo isto. — Gabriel riu e entrelaçou os dedos. — Isto é muito engraçado.

Com mais dois socos, Kara cruzou os braços e faz uma careta para David.

— Como você foi capaz? Você quase me matou de medo! Eu pensava que éramos amigos. Não havia percebido que você era algum tipo de psicopata. Diga-me uma coisa, você persegue os seus amigos?

— Ok, ok! Escute-me, Kara. Era a minha *atribuição* rastreá-la. Você era a minha missão. Eu tinha de manter o olho em você, entende. Eu tinha de garantir a sua segurança. É por isto que parecia que eu a estava perseguindo.

— Segurança? Segurança contra o quê?

Uma centelha de medo apareceu nos olhos de David, e a própria Kara se sentiu tensa.

— Contra os bizarros clones albinos... os malditos demônios superiores... cabelo branco, olhos negros, idênticos uns aos outros, comedores de almas de anjos... demônios superiores.

Kara se lembrou. Um calafrio atravessou a sua espinha. Ela havia quase perdido a sua alma para estes demônios... mais vezes do que conseguia se lembrar.

David deu um passo mais na direção de Kara e falou mais gentilmente desta vez.

— Eles a encontraram, Kara. Eles descobriram onde você morava. Fizemos o nosso melhor para despistá-los de seus rastro, mas eles encontraram seu apartamento.

Ele soltou um longo suspiro e passou os dedos por entre o cabelo.

— E eles quase a pegaram. Nós a puxamos de volta no momento exato. Quase a perdemos. — Ele olhou nos olhos dela. Kara sentiu uma sombra de terror por um instante, então o sentimento se foi.

Ela se lembrou do homem com pele acinzentada e olhos negros — com sua boca cheia de dentes pontiagudos, hálito podre de

vinagre, e um olhar faminto que fazia a pele dela se arrepiar. Ela pensou no raio.

— ... então você me vaporizou com um raio? — disse Kara. — Isto não foi um pouco demais? Mesmo para você? Por que não eu podia morrer dormindo? Pelo menos teria sido mais confortável.

— Bem, ele a salvou... não foi? — David ergueu o colarinho da jaqueta. — Foi a minha ideia. Sim. Você pode me agradecer depois. Pensei que foi um modo fodástico de morrer. — Ele enfiou as mãos nos bolsos dianteiros.

Kara pensou na manchete de amanhã da Montreal Gazette:

*Morta por raio!*

*Garota de dezessete anos frita até a morte em bizarro ataque de raio.*

*Horríveis fotos na página 13.*

— Espere um instante — um sentimento de terror tomou conta de seu corpo trêmulo. — A minha mãe... e a minha mãe! Você disse que os demônios superiores sabiam onde eu estava. Isto quer dizer que eles sabiam onde minha mãe estava também! Temos de buscá-la! Temos de salvá-la!

David apertou a mão getilmente nas costas dela.

— A sua mãe está segura. Não se preocupe. Eu cuidei disto pessoalmente. Temos uma equipe observando-a vinte e quatro horas por dia. Ela vai ficar bem.

De algum modo, isto que não fez com que Kara se sentisse melhor. Ela havia visto o que os demônios superiores eram capazes de fazer com um anjo. Imagens da morte da sua amiga Brooke inundaram a sua mente. Ela não podia deixar que isto acontecesse com a sua mãe.

Kara afastou a mãe de David e correu para Gabriel.

— A minha mãe é uma guardiã também. Por que vocês não mandam um raio nela e a trazem para Horizonte como fizeram comigo?

— Porque agora ela precisa ficar onde está. É mais seguro se vocês duas estiverem separadas. Eles não irão atrás de sua mãe agora; era você que eles queriam, Kara. — A expressão de Gabriel era fria e imperturbável.

— Não se preocupe, Kara. — David deu um sorriso empático para ela. — Ela está bem. Eu prometo. Não deixaria que nada acontecesse à sua mãe.

Mas Kara não conseguia se livrar deste horrível sentimento dentro dela. Ela decidiu que teria de fazer alguma coisa em relação à sua mãe mais tarde. Ela cruzou os braços diante do peito.

— Então vocês me trouxeram de volta para me salvar dos demônios superiores. É isto?

— Não apenas para salvá-la — disse David. Ele e Gabriel se entreolharam, e Kara viu algo se passar entre eles.

Ela contorceu o rosto.

— O quê? O que você quer dizer com isto? O que está acontecendo, David? Diga-me!

Foi a vez de Gabriel responder. Ele se inclinou e apertou suas grandes mãos na mesa. A expressão dele era um misto de confusão e desolação.

— Precisamos de sua ajuda, Kara. Algo tem acontecido na Legião desde que você partiu. A sua força e poder únicos podem ser a chave para a nossa sobrevivência.

Ela cambaleou para trás. O seu queixo caiu.

— Hã? Para a *nossa* sobrevivência? Do que você está falando? — Os olhos dela se voltaram para David. — David... o que está acontecendo?

— Anjos da guarda estão morrendo todos os dias — respondeu Gabriel — e não sabemos como parar isto.

## *Capítulo 3*

## *Desastre na missão do Novato*

**K**ara abriu caminho por entre a enorme aglomeração de recém-finados que aguardavam sua instrução inicial na chegada em Horizonte. David caminhava ao lado dela. O gigantesco salão da orientação tinha a mesma aparência que ela se lembrava. Estava abarrotado com pessoas de cada origem étnica imaginável. Os milhões de mortos tagarelavam como uma tempestade, enquanto aguardavam em filas que sumiam de vista. Luz se projetava através das infinitas trevas acima eles, como estrelas cintilantes no céu da meia-noite. Estava quente e abafado, e Kara mal podia esperar para sair dali.

Kara seguiu David por entre um labirinto de salas e escritórios entulhados. Ela tentava processar tudo que havia acontecido. Ela havia sido convocada de volta para Horizonte porque eles precisavam dela, isto era o que Gabriel havia dito. Seus poderes especiais deveriam ajudar, mas Kara não tinha certeza disto. No fundo, ela sabia que não tinha ideia de como convocar seus poderes. Ela ainda não entendia o grande fluxo de energia que era indomável e imprevisível, e havia apenas se materializado quando ela estava no limite de sua própria morte. Não era algo que ela

poderia acessar facilmente. Ela não tinha certeza se poderia convocá-lo novamente. Ela devia dizer-lhes que estavam enganados — ela não era esta pessoa poderosa que eles pensavam que ela era. Como ela contaria isto a eles?

Kara se concentrou na tarefa diante dela. Ela estremeceu. O seu nervosismo aumentou. Ela cruzou os braços na frente do peito.

— Hã... David?

David continuou caminhando.

— O que foi?

Os lábios dela estavam grudados, a princípio. Ela não tinha certeza como expressar-se apropriadamente.

— Você... você acha que é uma boa ideia *me* dar um novato? Eu não tenho experiência alguma treinando alguém. Não posso sequer ensinar o meu hamster a parar de fazer cocô em minha mão. Sou um verdadeiro desastre. Só não me vejo como a tutora de alguém. Eu aprendo rápido, mas não quer dizer que eu seja uma boa professora.

David riu.

— Não se preocupe. Você vai se sair bem. Os oráculos sempre dão os trabalhos mais fáceis para o oficial em treinamento. Não é grande coisa, eu juro. Quero dizer que... você foi treinada por mim,

lembra-se? Você teve sorte de ter o melhor guardião como tutor. E o mais bonito.

Kara virou os olhos.

— Sim, bem, eu me lembro da nossa primeira atribuição... e não foi fácil. Quase morremos!

Kara comprimiu os lábios. Ela não havia se dado conta que estava gritando.

David estacou no lugar. A linha de seu maxilar se enrijeceu. Um olhar de preocupação atravessou seu rosto.

— Veja. Isto era diferente, você estava *marcada*. E este não é mais o caso. A Legião não teria pedido para você treinar novatos se eles não estivessem desesperados por novos guardiões, confie em mim. Coisas estranhas estão acontecendo. Os guardiões partem para atribuições... para nunca retornarem... as almas angelicais deles se perdem. Então... nós realmente precisamos de novos guardiões... e realmente precisamos entender o que diabos está acontecendo.

— E não há pistas? Alguém deve ter visto algo?

Os olhos de David se estreitaram.

— Nada. É como se todos eles houvessem desaparecido sem deixar vestígio. Milhares se foram.

— Milhares! Como isto é possível?

Ela o encarou, estupefata. Ela pensava nas luzes das milhões de almas no Salão das Almas se apagando ao mesmo tempo, como um gigantesco interruptor houvesse apagado uma cidade inteira, deixando uma escuridão horrível.

David devolveu um discreto sorriso. O olhar dele se encontrou com o dela.

— Não sabemos. Ouça... não se preocupe com isto agora. Você precisa se concentrar em seu novato... pare de olhar assim para mim, estou lhe dizendo, será moleza. — David deu a sua piscada famosa.

Mas Kara não se sentia melhor. Na verdade, sentia-se pior.

Eles finalmente chegaram diante de uma grande porta de madeira. Uma placa de néon vermelha e azul zunia e piscava. Podia-se ler: *Divisão Oráculo nº 998-4567, Orientação*.

Antes que eles pudessem bater, a porta se abriu e eles ficaram parados no meio de um entulho de papéis e livros espalhados pelo chão. Arquivos abarrotavam o pequeno escritório e deixava pouco espaço para as gigantescas bolas de cristal que corriam pela sala. Oráculos se equilibravam sobre as grandes esferas transparentes, com seus trajes prateados esvoaçando atrás deles. Eles rolavam de um arquivo ao outro num piscar de olhos.

Kara e David se espremeram em outra sala entulhada de papéis e arquivos. Um odor de sal alcançou Kara e ela se virou para ver uma piscina redonda montada no canto oposto. Um oráculo

tamborilava com os dedos sobre uma grande mesa semicircular de madeira.

Um rapaz estava parado na frente do oráculo. Ele deu uma olhada para a Kara e David, ao se aproximarem. Ele era mais baixo do que David, com um cabelo castanho-escuro despenteado e olhos castanhos. Sobrancelhas espessas ancoravam seu rosto pontudo. Ele tinha um par de olhos azul-escuros e uma camiseta verde. Com suas mãos nos bolsos, ele parecia ter a mesma idade de Kara, por volta de dezessete. Uma estrela dourada estava marcada na testa dele.

David passou por Kara e parou perto da escrivaninha.

— Ei... e aí, Grande O? — Ele ergueu a mão direita no ar e tentou dar um "toca aqui" no oráculo. O oráculo só piscou, confuso, então David se contentou em dar um tapinha no ombro dele.

— Oficial Kara Nightingale apresentando-se para o dever, senhor. Sim, senhor! — ele fez uma saudação militar e bateu o pé.

O oráculo encarou David com uma expressão intrigada no rosto.

— Você parece ser muito *masculino* para uma garota. E uma muito feia. Você passou por algum tipo de operação? — Ele enrolou a longa barba branca com seus dedos e examinou David mais cuidadosamente, como se ele fosse algum tipo de inseto.

Kara pigarreou.

— Ahã... Eu sou Kara Nightingale, oráculo. O David aqui só está tentando ser engraçado. — Ela deu um empurrãozinho nele. — Não que esteja dando certo.

Os olhos azuis do oráculo cintilaram e pousaram em Kara. O rosto dele se iluminou.

— Ah sim, é claro. Aqui está você! — Ele folheou alguns papéis em sua mesa e apanhou uma pasta. Ele deu uma olhada nela por um breve momento e a entregou para Kara. Então ele esticou seus braços em direção ao rapaz.

— Timmy... conheça Kara Nightingale. Kara... conheça Timmy Hicks. Timmy será o seu novo novato hoje.

Por um longo tempo, ninguém se mexeu ou disse algo. Finalmente, Kara se decidiu e caminhou em direção a Timmy. Mas suas pernas pareciam coladas no lugar e ela quase tropeçou. Isto pareceu ter quebrado o gelo. Timmy sorriu. Ele balançou a cabeça.

— Oi. Seu Tommy Hicks. Não é Timmy. E todos me chama de Tom.

Pequenos formigamentos brotaram no rosto dela. Feliz de não poder corar, Kara apertou alegremente a mão dele.

— Oi, Tom. Prazer em conhecê-lo.

O oráculo uniu as mãos.

— Bem, agora que todos se conhecem, é hora de salvar vidas! Pressa! Sem tempo a perder! A correr! A correr... oh, isto rima! — Satisfeito consigo, o oráculo gesticulou para eles. — Vão! Vão!

Kara mordeu o lábio inferior e abriu a pasta:

*Anjos da Guarda: Kara Nightingale, Tommy Hicks*

*Ordem de classe nº 4567*

*Nível: Oficial, W-2 Esquadrão da guarda, Novato Primeiro ano, W-1 Esquadrão da guarda*

*Atribuição: Monica Smith. Esquina da Monkland Avenue com Cavendish Boulevard.*

*10:13 de manhã. Atropelada até a morte por 30.000 ciclistas durante o Tour de L'ile.*

A Cavendish Boulevard ficava a duas quadras da casa dela... ela conhecia bem a área. Sem outro pensamento, ela dobrou a pasta e a enfiou em sua mochila negra.

David apertou a mão sobre o ombro de Kara. Ela se virou e o encarou. Os olhos azuis dele cintilaram. Seus lábios se curvaram em um sorriso. Ela sentiu uma pontada aguda no peito.

— Tudo bem, Kara? — David deu um sorriso maroto. — Estou fora. Boa sorte em seu primeiro dia como oficial. E não pense demais. E tente não se meter em problema.

Ele se virou para olhar o Tom e exibiu seus dentes.

— Ei, camarada, não acredite em tudo que ela lhe contar.

— Ei! — disse Kara, ultrajada. — Não diga isto a ele! — Ela olhou para David com um olhar sorridente. Ela sabia que se o olhasse por muito mais tempo, estaria em maus lençóis. Ela desviou o olhar.

— Tom, você está pronto?

Tom suspirou.

— Tão pronto quanto posso estar, acho. — Ele coçou a cabeça com nervosismo. — O que eu sei?

— Siga-me.

Kara conduziu Tom pelo ombro em direção à piscina. Ela subiu facilmente e estendeu a mão para baixo para ajudá-lo a subir. Ela vasculhou o rosto dele e se indagou se ela tinha a mesma expressão de terror que ele em sua primeira vez nas piscinas.

— Vai dar tudo certo. Promeeto. — Ela deu um sorriso aconchegante. — Aqui... me dê sua mão. Vamos pular juntos.

Com uma última olhada para David, Kara segurou a mão de Tom e pularam na água.

Enquanto caíam até o fundo, uma luz cegante explodiu ao redor deles. Kara sentiu uma sensação de desconforto e observou seus corpos se desintegrarem em milhões de brilhantes partículas. Tudo ao redor deles desapareceu.

Kara e Tom saíram de dentro de um fedorento banheiro químico em uma área de construção nas ruas de Montreal. Ela ouviu o trânsito e sentiu o cheiro de asfalto quente. Edifícios de vidro e metal agigantavam-se ao nos dois lados da rua. Pessoas inundavam as calçadas, perdidas em seus próprios mundos. Ninguém parecia reparar da moça ajudando o um rapaz a caminhar pela primeira vez em novo traje M.

O sol do meio da tarde queimava o topo da cabeça de Kara. Para começar, Tom não conseguia animar suas pernas, mas logo eles caminhavam juntos pela Monkland Avenue. A rua estava viva com o odor de especiarias e de canos de escapamento. Para onde quer que olhassem, multidões de pessoas caminhavam envolvidas em conversas animadas. Famílias carregavam cadeiras dobráveis sob os braços e Kara se perguntou para onde iam enquanto passeavam pela calçada. Ela esticou o pescoço e olhou pela rua. As pessoas estavam esperando alguma coisa. As fileiras de cadeiras dobráveis azuis e vermelha ocupadas por homens e mulheres de meia-idade com óculos de sol e chapéus, e uma porção de jovens vestindo roupas de lycra de ciclismo deixou claro do que se tratava, esperando pela corrida ciclística.

Kara deu uma olhada no relógio. Algo a perturbava no fundo da mente. Ela se sentia inquieta.

— Hã... Tom? Ouça. Ainda temos meia hora antes do acidente começar, certo? Então... se você não se importar, preciso fazer algo antes. Só vai levar alguns minutos.

— É... o quê? — Tom estava intrigado, e ele parecia inseguro. Imediatamente, Kara se sentiu culpada, mas ela não deu bola.

— Há algo que preciso fazer — ela disse, gentilmente. — Preciso ver como está minha mãe. Não se preocupe; é apenas duas quadras daqui. Podemos ir e voltar em quinze minutos.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela sabia que estava com problemas. Mas, agora, a segurança de sua mãe era a sua prioridade. Ela não podia simplesmente dar as costas.

Tom coçou a cabeça com sua mão direita, e Kara percebeu que a mão esquerda dele, que pendia frouxamente ao lado, imitou o movimento.

— Há, podemos fazer isto? Somos autorizados a ir para outro lugar?

— Sim, é claro. Não é grande coisa. Faço isso sempre — Kara mentiu. Ela desviou, envergonhada, o olhar dos olhos arregalados de Tom. Ela podia perceber que ele estava incomodado.

Kara fingiu não dar-se conta.

— Tudo bem, então é melhor irmos. Certo? Venha!

Antes que Tom pudesse reclamar, Kara agarrou a mão dele e o puxou consigo. Ela tentou correr, mas ele continuava tropeçando nas pernas novas. Ela se sentiu ainda pior por forçá-lo a acompanhá-la. Mas ela tinha de fazer isto. Ela tinha de confirmar se a sua mãe estava à salvo.

Kara tinha a horrível sensação de que os demônios superiores provavelmente iriam querer vingança. Como eles não haviam conseguido pegá-la, ela sabia que a segunda melhor opção seria a sua mãe. A segurança dela era crítica.

Eles passaram pela Cavendish Boulevard e continuaram na Monkland por outras duas quadras, então viraram para o sul na Walkley Avenue. Eles chegaram a um edifício de tijolos vermelhos com quatro andares. O caminho para a entrada estava sujo com jornais velhos e sacos plásticos rolavam no vento. Os moradores estavam amontoados nas varandas de metal enferrujado, esticando-se para observar a corrida. Kara não pensava que elas eram feitas para aguentar vinte pessoas nelas por vez. Ela empurrou Tom sob elas, em direção ao apartamento de sua mãe na alameda. Ela se convenceu a entrar.

— É aqui — disse Kara e suspirou. — É aqui onde eu moro... costumava morar, com a minha mãe. Não é o Hilton, então não se assuste quando ver alguns bichos. É o suficiente para nós duas. Venha. Vou lhe mostrar o lugar. Só vai levar um minuto.

Kara agarrou o braço de Tom, mas ele não se moveu.

Com um último puxão ineficiente, ela o soltou. Ela não queria deixá-lo no meio da rua. Ele continuava se contorcendo como se tivesse formigas dentro das calças.

— Vamos, Tom. Não vou deixá-lo aqui no meio da calçada.

Tom cambaleava no lugar.

— Eu... eu não sei, Kara. Não estou me sentindo bem sobre isto. Talvez devamos voltar.

Kara suspirou impacientemente.

— Escute. Nós vamos olhar a minha mãe. Não vou embora antes de saber se a minha mãe está à salvo! — Ela estudou o rosto dele. Tão jovem. Tão assustado. — Só vai levar um minuto. Prometo. Nada vai acontecer. Entraremos e, antes que você se dê conta teremos, saído.

Ele ficou lá, cambaleando como a torre de Pisa. E sem esperar uma resposta, Kara agarrou Tom pela mão e o arrastou pela porta de entrada. O cheiro de cigarro os atingiu, enquanto ela abriu a porta de vidro. Eles passaram por caixas de correio enferrujadas com suas portinhas abertas. Panfletos de propaganda estavam entulhados no chão como um carpete de papel. Eles subiram os três lances de escada. Uma grande lareira de pedra, que Kara pensava que devia ser magnífica um dia, jazia esquecida no canto oposto do saguão. Uma mancha de mofo espalhava-se pelos tapetes cinzas. Kara sorriu e se indagou se o seu novo traje M era mais sensível a

odores. Tinta bege descascava das paredes e adicionava mais textura à pichação.

— Por aqui — disse Kara, enquanto puxava Tom para as escadas. — Nós moramos no quarto andar... apartamento 4B.

— Você vivia aqui? Mas se parece mais como uma boca de fumo, ou coisa do gênero. — Tom tinha um pitada de arrogância e Kara viu um lampejo de presunção nos olhos dele. Provavelmente ele nunca tinha passado fome, ou houvesse faltado leite para seu cereal, como frequentemente ocorria com Kara.

Com um resmungo, ela ignorou o comentário dele.

— Venha! — Kara deu um puxão no braço de Tom, e ele a seguiu pelas escadas, mas ela percebeu que os olhos dele estavam colados na pichação no saguão.

Kara começou a se sentir ansiosa por causa de sua mãe. Ela subia as escadas dois degraus por vez. E se os demônios a houvessem pego? E se ela já estivesse morta? O pelo da sua nuca se eriçou. Ela se lembrava do som de fratura do espírito de Brooke ao morrer, enquanto as pernas dela desapareciam dentro das gargantas salivantes dos demônios. Ela ainda conseguia ouvir seus gritos, enquanto os demônios a rasgavam no meio. Kara estremeceu e subiu as escadas.

Ela voou por sobre o último degrau e virou à direita. Seus passos reverberam no corredor sujo, e ela disparou em direção à porta de seu apartamento.

Kara parou e observou a porta. A pintura da porta estava rachada e descascando, bem como ela se lembrava. Impressões digitais de mão contornavam a maçaneta. Ela piscou, enquanto Tom apareceu atrás dela.

— É aqui? — Ele olhou para cima e fitou os números negros de metal sobre o batente da porta. — Quatro B... É aqui, certo?

— Bem-vindo ao Hilton, meu amigo.

Ela enrolou o capacho com o pé e agarrou uma chave prateada. Apertando os dentes, ela segurou a fria maçaneta de metal, enfiou a chave e a girou. Ouviu-se um *click*, e Kara abriu a porta. A pele de seu traje mortal formigava. Ela atravessou o vestíbulo e desapareceu atrás de uma porta em direção à cozinha.

Ela procurou ao redor freneticamente. O lugar parecia vazio, como se ninguém estivesse vivendo aqui por dias. Uma sensação de terror a inundou.

— M... mãe? — ela resmugnou. — Mãe! Você está aqui? MÃE!

Kara correu para fora da cozinha e invadiu a sala de estar.

— Mãe!

Estava vazia. As almofadas do sofá permaneciam intocadas, posicionadas perfeitamente. Uma luz suave entrava por uma grande janela atrás da namoradeira azul-celeste, refletindo-se na superfície de madeira polida da mesinha de centro. Não havia uma única sujeirinha à vista. Kara sentiu que algo estava terrivelmente errado.

Freneticamente, Kara correu para o quarto de sua mãe. Ela abriu caminho e parou. Um calafrio percorreu sua espinha. Estava vazio. O quarto parecia intocado. Ela correu para a cama da mãe e agarrou um travesseiro. Empurrando-o contra seu rosto, ela tentou encontrar o cheiro de sua mãe. Nada. Apenas o cheiro genérico de detergente. O que havia acontecido?

Com a sua mente girando com perguntas, ela caminhou para fora do quarto e parou. Ela se inclinou no batente. O mundo dela estava desabando.

— Talvez ela esteja trabalhando ou no mercado? — disse Tom. Ele sorriu e tentou confortá-la do melhor jeito possível. — Tenho certeza que ela está bem... quero dizer, por que não estaria, certo?

Kara compreendeu que Tom não tinha ideia de quem ela era e do que havia acontecido dez meses atrás. Ele não sabia sobre Asmodeus e os demônios superiores. Ele era novinho, recém-saído da caixa.

Ela tremeu. A sua mãe trabalhava em casa e só ia ao mercado nas terças e quintas. Hoje era quarta.

— Sim. Acho que você tem razão.

Kara caminhou lentamente em direção ao sofá e se jogou nele. Ela se sentia amortecida. *Onde está minha mãe?*

Ela olhou para o relógio. Era 10:05 da manhã. Eles tinham menos de dez minutos para voltar a Cavendish Boulevard e salvar Monica Smith.

— Devemos ir. Temos de concluir a nossa atribuição e voltarei mais tarde para ver minha mãe. — Kara se levantou do sofá com relutância. — É melhor nos apressarmos. Temos menos de dez minutos para chegarmos lá. Você está pronto?

— Tudo bem. — Tom se encaminhou para a porta. — Tenho certeza que você está exagerando. Tenho certeza que ela está bem.

Kara o seguia de perto. Ela não conseguia afastar a terrível sensação de que algo estava errado. A mãe dela podia ter saído numa missão? Ela observou Tom estendendo a mão em direção à maçaneta...

## *Capítulo 4*

## *Nova Raça*

**E**stilhaços de madeira da porta explodiram como se uma bomba houvesse sido detonada. Tom e Kara voaram para trás no ar. Tom atingiu primeiro a parede e desabou no chão. Kara voou mais para trás e tombou no chão da cozinha. Um gás pútrido a cobria em sua fumaça. Ela ergueu a cabeça do chão e se engasgou.

Uma criatura enorme como um inseto com quatro patas rastejou na direção a eles. Sua cabeça, torso e braços humanóides brotavam do meio da criatura. A pele humana era pustulenta e grosseira. Um pus verde pingava no chão em espessas poças. Ela tinha dois olhos vermelhos anormalmente grandes, em um rosto humano que parecia que tinha sido esticado como cera derretida. O ar fedia a carne podre. Kara podia ver um terceiro olho na testa da criatura, como se estivesse marcado ali.

O monstro abriu o boca e gemeu.  O som queimava. Kara pôs as mãos sobre os ouvidos e gritou com dor excruciante.

Com um rugido, o demônio saltou no ar e caiu do lado do horrorizado Tom. A criatura rosnou, com líquido negro gotejando de

uma boca aberta. O odor de carne podre os envolvia. Grudava em seu traje M como uma névoa nojenta, tentando infiltrar-se na pele.

Tom cambaleou e caiu. O demônio levantou sua cabeça derretida e cheirou o ar, como um animal selvagem farejando sua presa. Ele inclinou a cabeça para o lado e atacou.

Kara se levantou num pulo. Ela jogou sua mochila no chão e sacou uma Lâmina da Alma. Ela precipitou-se em auxílio de Tom brandindo sua arma.

Mas o demônio tinha Tom em suas garras. Tom chutava e gritava, como um coelho apanhado nas garras de uma grande águia, mas de nada adiantava. O demônio o ergueu no ar como uma boneca de pano. Kara assistia horrorizada enquanto o demônio rasgava a testa de Tom com suas patas dianteiras. Tom abriu a boca em um grito inaudível. Luz branca estourou de sua garganta. O demônio trouxe Tom mais perto de seu rosto pútrido. Seus olhos vermelhos pareciam famintos. Ele abriu a boca e colocou seus lábios pálidos na testa de Tom. Kara gemeu, enquanto ele começou a sugar a essência de Tom.

— NÃO!

Kara arremessou sua Lâmina da Alma com precisão. Ela acertou o alvo e perfurou o pescoço do demônio.

A criatura jogou a cabeça para trás e gemeu, momentaneamente distraída de sua refeição. Com uma de suas patas de inseto, ele retirou de si a lâmina da alma. Sangue negro escorreu do ferimento

e espirrou no chão com pesadas gotas. Kara observava horrorizada enquanto a lâmina da alma borbulhava e fumegava. O sangue negro corroeu o metal como se fosse ácido. A lâmina caiu no chão, como uma espessa massa de pudim prateado.

— Kara... me ajude! — Tom se debatia desesperadamente, acertando a criatura com suas pernas e braços.

Torcendo para que ela pudesse distrair o demônio por tempo o suficiente, Kara puxou uma pedra de fogo de sua mochila e arremessou o reluzente orbe vermelho no demônio. Com uma explosão trovejante, uma luz vermelha explodiu e, por um instante, Tom e a criatura desapareceram em uma nuvem de fumaça vermelha. Então se dissipou.

O demônio permanecia com Tom em suas garras, e estava ileso.

Ela assistia em terror, indefesa, enquanto o demônio apertou sua boca novamente contra a testa de Tom, sugando a alma dele como um milkshake de baunilha.

Desesperada, Kara correu para a cozinha, agarrou uma grande faca de açougueiro, e investiu para encarar o demônio.

Ela cambaleou para trás. As roupas mortais de Tom estava empilhadas no chão. Kara piscou. Enquanto seus olhos se ajustavam à claridade, ela podia ver uma figura iluminada, tão brilhante quando uma estrela, dependurada nas garras do demônio. Ela sabia que estava vendo um anjo nu desesperadamente atendo-se à sua delicada alma.

Sem pensar duas vezes, Kara empunhou a faca e atacou o demônio. Ela ergueu o braço e cortou com a faca, decepando uma perna dele. Sangue negro explodiu em um fino jato do ferimento. Ele jorrou no peito de Kara. Ela deu um pulo para o lado. Fumaça cinza surgiu de suas roupas. O algodão definhou e se desfez. O sangue do demônio queimou através de suas roupas mortais, e Kara gemeu de dor enquanto o sangue da criatura queimava até seu âmago como fogo líquido. Ele soltou a faca e se ajoelhou. Ela estremeceu e rolou no chão. O fedor de carne queimava suas narinas. Ela iria morrer? Era pra valer agora?

Ela ouviu um tênue grito e ergueu a cabeça. Com uma ingestão final, a criatura sugou o resto da forma de vida de Tom até que ele deixou de existir. Tom, o novato, havia sumido.

Kara observava estupefata, incapaz de se mover. O demônio jogou a cabeça para trás e lançou um repugnante gemido. Ele estremeceu em êxtase. Ele virou sua cabeça deformada na direção dela. Seu grandes olhos se arregalaram e cintilaram com uma cálida energia branca. Seu corpo tremia, contorcia-se e requebrava-se, enquanto a perna decepada se regenerava. O rosto de seus pesadelos sorria faminto para ela com uma boca cheia de dentes pontudos.

Com a vontade de viver de volta nela, ela se levantou e cambaleou até a cozinha. Mas algo a acertou nas costas. Ela caiu pesadamente e sua visão ficou turva com a dor queimante.

*Estou pegando fogo!* Ela rolou no chão. Ela estava coberta com o sangue ácido do demônio.

Ela sentia que seu traje M derretia, como um sorvete num quente dia de verão. Ela não sobreviveria. Vapores negros subiam de seu corpo mortal enquanto o traje M derretia como cera. Ela assistia horrorizada enquanto pedaços de sua pele humana se enrolavam e expunham a brilhante luminosidade abaixo. O quer que fosse este demônio, Kara sabia que ela não páreo para ele. Se ela pudesse usar o seu poder elemental de algum jeito? Mas ela ainda não sabia como funcionava. E ela não pensava ter força o suficiente para convocá-lo.

Ela fechou sua mente para o resto do mundo e procurou dentro dela. Ela desejou que o poder viesse. Uma pequena fagulha de calor pairava sobre sua alma, como uma pequena bola de luz. Ela tentou alcançá-la, mas ela não vinha. Não respondia ao seu chamado.

Desesperada para escapar da dor, ela quis que as trevas a consumissem. Ela não conseguia mais suportar.

Ela estava morrendo... de novo.

O demônio teve um espasmo e se moveu na direção dela, e um nojento odor emanava dele. Os pálpebras de Kara ficaram pesadas. Seu corpo desabou no chão. Se pelo menos a dor parasse. Trevas rastejaram para o canto do olho dela. Ela se entregou.

*Kara...* disseram as vozes dentro de sua cabeça. *Kara... não desista!*

Era como se houvesse um rádio distante, quando os sons estão com estática e difíceis de serem ouvidos. As vozes que haviam lhe dado força para derrotar Asmodeus era apenas uma lembrança agora. Ela utilizou toda a energia que lhe restava para abrir os olhos. Ela poderia encarar a morte de frente, ela decidiu.

Como uma mosca limpando as patas dianteiras após uma refeição, o demônio esfregava suas patas com antecipação. Havia fome em seus olhos sem vida.

A criatura abriu a boca com sua mandíbula esticada de maneira anormal. Ela cuspiu. Longos tentáculos negros acertaram Kara. Ela sentiu o seu corpo se erguer no ar e girar. Ela podia sentir os grossos cabos pegajosos se enrolarem nela. Ela sentiu os membros dele apertarem o corpo dela. A criatura a estava envolvendo em um casulo. Ela parou de girar e a criatura a agarrou pelos pés. Ela arrastou seu saco corpóreo para o saguão.

Ela sentiu outra dor aguda na lateral, e foi arremessada contra uma parede.

O demônio gemeu com um som que era primitivo, de algo que havia sido humano muito tempo atrás. Então luz cegante envolveu o demônio. Ele se dissipou e por entre olhos apertados, Kara reconheceu David.

Ele e outros dois AGs correram pela porta danificada. Eles atacaram e cortaram o demônio com cintilantes espadas de prata. Líquido negro espirrou nas paredes. O mais alto dos anjos cortou uma das patas do demônio. Mas com velocidade incrível o demônio

investiu contra ele e arrancou a espada de sua mão. No segundo seguinte, ele abriu a boca e lançou sobre ele um jato de pus ácido.

O companheiro de David gritou e tentou desesperadamente se limpar. Mas não tinha jeito. Todo o seu corpo estava coberto com o sangue do demônio. Em seguida, ele caiu como um pino de boliche e ficou imóvel.

O demônio se virou e fixou o olhar em Kara. Ele se dirigiu a ela.

— Aqui! Seu inseto gigante!

David se lançou na frente de Kara. Ele cortou e atacou a criatura com sua lâmina. Em um rápido movimento, ele enfiou sua Lâmina da Alma no pescoço da criatura. Jatos de sangue negro escaparam do ferimento. Ela cambaleou. Seus olhos viraram na cabeça. David viu a oportunidade e a aproveitou. Ele sacou outra lâmina de sua jaqueta, pulou para frente e cortou o pescoço do demônio.

Foram necessário três ataques para cortar sua cabeça. O demônio sem cabeça cambaleou momentaneamente no lugar. Então caiu. Ele tinha convulsões e se contorcia. Um misto de líquido negro e verde jorrava de seu pescoço cortado. Em segundos, não restou nada do corpo do demônio a não ser uma poça borbulhante. Lentamente se evaporou até não restar nada.

Tudo parecia um sonho para Kara. A sua visão ficou turva. David olhou para cima e correu até ela.

— Ela está mal, David — Kara ouviu o outro guardião dizer. — Não sei o que é esta coisa pegajosa. Nunca vi isto antes. É como

um casulo, ou algo do gênero. E parece que o sangue do demônio fez estrago nela. Está consumindo-a. Ela não vai durar muito assim. Temos de levá-la de volta a Horizonte... e rápido.

David gentilmente tocou o queixo dela com os dedos.

— Kara — ele sussurrou. — Kara, aguente. Você vai ficar bem. Prometo. Kara? Não feche os olhos! Fique comigo! Kara!

Kara queria ficar acordada mais do que qualquer outra coisa. Ela tentou responder, mas nada se movia. E enquanto ela tentava reunir a força para sorrir — as trevas tomaram conta dela.

## *Capítulo 5*

## *Um novo posto*

**K**ara despertou na Cura Express. O arcanjo Rafael a forçou a ficar nas câmaras de cura por vários dias, para que ela pudesse monitorar seu progresso.

Kara não se lembrava de muita coisa. Ela não queria se lembrar do que havia causado a morte de Tom. O demônio havia causado grande dano em sua essência angelical; talvez ela não pudesse se lembrar totalmente. Ela não tinha certeza.

Kara suplicou para que lhe dessem alta — que ela estava sendo mantida prisioneira. Ela explicou para Rafael como era o demônio que a havia atacado — eles nunca tinham visto ou ouvido sobre tal demônio. Era uma nova raça? Havia alguém ou algo criado-os?

Finalmente, Rafael deu alta a Kara de sua custódia protetora desde que ela se encontrasse com o arcanjo Gabriel em Operações. Ela partiu rapidamente para o silêncio das dunas.

Enquanto caminhava pela areia macia, Kara ouviu passos de alguém correndo atrás dela. O seu corpo formigou, enquanto David corria até ela.

— Ei! Como você está se sentindo? — Ele sorriu. — Estava procurando por você no nível três... então Rafael finalmente a libertou da gaiola. Estava começando a pensar que ela houvesse sequestrado-a.

Ele sorriu de novo, mas Kara podia ver preocupação, quase medo, surgir por um segundo nos olhos dele.

Ela ajeitou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha. Ela mordeu o lábio. Ela não sabia mais o que ele sentia por ela. Ela não queria que ele pensasse que ela estava feliz por vê-lo.

— Sim, finalmente. Acho que ela levou o meu bem-estar um pouco a sério demais — Kara forçou uma risada e torceu para que David não percebesse o tremor em sua voz.

David suspirou.

— Bem, estou feliz que você esteja bem. Estava realmente preocupado. Você quase não conseguia se manter em seu traje M... não estava certo se você suportaria.

Incômodo surgiu no rosto dele novamente.

Kara começou a se sentir desconfortável. Ela desviou o olhar.

— ... mas suportei. — Algo a perturbava no fundo da mente. — Ei, como você sabia que eu estaria no apartamento da minha mãe? Você me seguiu? Não me entenda mal, se vocês não estivessem lá, eu estaria morta, e sou grata. Mas como sabiam que eu estaria ali?

David chutou um pouco de areia vermelha com seu pé.

— Porque sou um vidente, gata.

Kara ouviu com nervosismo enquanto ele continuava.

— Bem, quero pensar que a conheço um pouco. Eu tinha a sensação que você aproveitaria sua primeira oportunidade para ver como estava sua mãe. E parece que eu estava certo.

Uma raiva súbita atravessou o rosto de David.

— E parece que os demônios também.

Kara começou a se sentir assustada de novo.

— O quê? O que você quer dizer?

— Parece que os demônios a estavam esperando. Foi uma armadilha, Kara.

Kara se lembrou de um homem alto com cabelo negro bem aparado e com um comportamento astuto. Ela podia ver fome em seus olhos. Ela podia ouvir o som do raio negro e recordar-se, por um instante, a dor excruciante enquanto seu corpo ardia.

— Asmodeus! Ele ainda está vivo! Deve ser ele. Ele queria sugar o poder elemental de mim, e depois matar-me! — Kara se deu conta que estava gritando.

— Não sei se o senhor dos demônios ainda está por aí. Mas algo está criando novos demônios. Aquelas coisas malditas em seu

apartamento, nós nunca vimos nada parecido antes. Eram parte inseto e parte humanóide... horríveis criaturas nojentas... e muito difíceis de matar. E alguém ou algo está, definitivamente, atrás de você.

David deve ter lido o medo no olhar dela, pois ele pôs sua gentil mão sobre o ombro dela.

— Não se preocupe, Kara. Estou aqui para protegê-la.

De algum modo, isto não a reconfortava.

— Asmodeus queria o poder elemental do menininho que salvei dele, e agora ele quer isto de mim. — Kara balançou a cabeça. — Mas... isto ainda não explica como minha mãe... — Kara olhou para David.

Ela desviou o olhar. Seu rosto se estreitou. Ela estudou a expressão dele. Ela sabia que o que fosse que ele tinha para falar era ruim.

— Não estamos cem por cento certos... por enquanto... com o ataque em seu apartamento... isto prova que os demônios estavam atrás de você. Eles usaram sua mãe como isca. Não sabemos onde sua mãe está, Kara. Sinto muito.

— O quê! Não... você está mentindo! Não acredito em você. Você disse que ela estava sendo protegida. Que havia uma equipe vigiando-a.

David enfiou as mãos nos bolsos. Ele fitava o chão.

— Sinto muito que você saiba deste jeito. Mas é a verdade. Ela se foi. Sinto muito.

Kara deu um soco no peito de David.

— Não é verdade! Não pode ser. Por que você está fazendo isto comigo?

David segurou os pulsos dela e a controlou.

— É verdade, Kara. Ela se foi...

— Não! — Kara lutou para se soltar de David e xingou. A sua garganta se apertou e ela soluçava. Ela caiu de joelhos.

David se ajoelhou ao lado dela. Ele segurou a cabeça ela entre suas mãos.

— Ouça. Ramiel me disse que a alma de sua mãe ainda vive. Ela ainda brilha... a fonte vital vive. O que quer dizer que o corpo mortal se foi, mas a alma dela não está morta.

— Tem certeza? — Kara ergueu a cabeça aliviada e olhou para além das colinas vermelhas, meio que esperando ver sua mãe.

— Pensamos que elas a capturaram. — Os olhos de David cintilaram. — Não sabemos porque, mas tem de ter a ver com você. O demônio no apartamento de sua mãe queria levá-la para algum lugar. Ele o enrolou bem apertado. Não planejava matá-la, Kara.

— Então, a alma da minha mãe ainda vive. Está por aí, no reino dos demônios? Tem certeza?

— Só pode. Senão teria voltado para cá. A alma dela está aprisionada em algum lugar, estou certo disto.

— Então temos de ir buscá-la! — Kara se levantou num salto. — Temos de salvar a minha mãe.

David ergueu as mãos, protestando.

— Uau... espera um pouco, garota! Não é tão simples. Você não pode simplesmente entrar no reino dos demônios e pedi-la de volta. Você precisará de um plano de ataque e de um exército com você. Além disto, não sabemos como entrar.

— Não há portas ou algo assim? Devem haver, senão como os demônios viajam para a Terra?

David sorriu gentilmente.

— Bem, sabemos de portais que eles usam. Mas eles nunca ficam abertos por tempo o suficiente. Nunca ouvi falar de um anjo que tenha cruzado-o. Não tenho certeza se é possível fazer isto.

— Tem de ser feito! — Kara disse, contrariada. — E será feito. Vou salvar a minha mãe, com a sua ajuda ou sozinha!

— Está certo, seguda a onda aí — ele riu. — Eu nunca disse que não a ajudaria.

— Você disse que não podia ser feito. — Kara cruzou os braços sobre o peito.

David suspirou.

— Eu disse que não tinha *certeza* se podia ser feito, não que não podia. Deve haver um jeito. Temos de falar com o Gabe sobre isto. Certamente o grandalhão deve ter algumas ideias. E falando sobre o gostosão real, ele quer falar com você. Provavelmente para discutir o que aconteceu no apartamento.

Kara hesitou ao pensar em Tom. Ela sabia que os gritos desesperados dele a assombrariam para sempre.

— Eles vão me punir pelo que aconteceu com o Tom?

David encolheu os ombros.

— Não sei. Talvez. Não acho que o Gabe esteja muito contente com isto. Mas como é você... talvez ele abra uma exceção.

O arcanjo Gabriel era o pitbull entre os outros arcanjos. Ela olhou para baixo das colinas e reconheceu a grande tenda branca. O que aconteceria com ela? Ela era responsável pela morte de um novato.

— Kara, você está bem?

As palavras de David arrancaram Kara de seu transe.

— Sim. Estou bem. Acho que vou indo, eles estão esperando por mim.

Ela caminhou pelo declive.

— Você não parece estar bem. — David a seguia logo atrás. — Vamos encontrar a sua mãe. Eu lhe prometo.

Kara baixou os olhos.

— Não é só isto. Eu fiz com que o Tom morresse hoje! É a minha culpa que ele esteja morto... e agora vou pagar o preço! — Ela queria se esmurrar por ter sido tão tola.

— Não seja tão dura consigo mesmo. Eu teria feito o mesmo.

— Você só está dizendo isto para que eu me sinta melhor... mas não está funcionado.

— Não — disse David, erguendo a voz. — Eu teria feito o mesmo. Mas eu teria parado em um bar para tomar uma ou duas cervejas depois, e você sabe disto!

Kara olhou para o rosto dele. Ela sabia que ele falava a verdade, e ela relaxou um pouco, mesmo que fosse por apenas uns instantes. Mas a cada passo que ela dava em direção à tenda branca, Kara se sentia mais inquieta.

A morte de Tom a oprimia — ela havia quebrado as regras e ignorado sua missão por causa de seu próprio egoísmo. E agora ela deveria pagar pelas consequências. Seria ela exilada de Horizonte? Banida para morar com os demônios?

Ela já estava pisando em ovos com a maioria dos membros do Alto Conselho e com grande parte da Legião ainda acreditando que ela era um demônio espião. A morte de Tom em sua primeira atribuição apenas poria mais lenha nas suspeitas deles.

Ela fechou os punhos e apertou as mãos. Eles passavam por um grupo de anjos da guarda. Kara mantinha os olhos fixos no chão. A vergonha dela se materializava em pequenos espasmos incontroláveis. Logo David e Kara chegariam à grande tenda branca.

O arcanjo Gabriel estava sentado pacientemente atrás da grande mesa. Oráculos rolavam sobre suas bolas de cristal e atendiam os muitos anjos da guarda esperando por suas próximas atribuições. Gabriel observava Kara chegando. O rosto dele era indecifrável. De algum modo, isto fazia com que ela se sentisse pior. Se ele estivesse com cara de bravo, pelo menos ela poderia se preparar.

— Kara Nightingale. Que bom que você veio. Estava pensando que não viria. — A voz de Gabriel se sobressaiu sobre o barulho generalizado na tenda. Os lábios de Kara estavam colados.

— Ei... e aí, Gabe? — David se adiantou de Kara e se pôs na frente. — Você está ótimo! Tem malhado? Veja só estes músculos. — Ele ergueu uma brincalhona sobrancelha.

A testa de Gabriel se franziu.

— Cuidado com a língua, David McGowan. Não estou com humor para besteiras.

— Ah... pare com isso. Só estava fingindo ser legal, sua santidade. Você sabe que você está certo. Estou sendo bobo... ninguém está olhando para mim. — Ele passou os dedos por entre os despenteados cabelos louros.

Kara virou os olhos. Ela compreendeu que, no momento de silêncio que se seguiu, Gabriel estava lutando para manter-se calmo.

Seu semblante se obscureceu.

— Você desobedeu as nossas leis e abandonou a sua atribuição. Como resultado de seu mal julgamento, Kara, dois anjos perderam as vidas.

Kara abriu a boca para retrucar, mas calou-se imediatamente porque ela sabia que anjos da guarda haviam morrido tentando salvá-la. Ela baixou os olhos para o chão.

— A punição para tal comportamento — continuou Gabriel — é uma viagem ao Tártaro por um período indeterminado.

Kara recuou. Ela nunca havia ouvido falar do Tártaro. Ela suprimiu as imagens de anjos sendo torturados em profundas masmorras escuras. Uma prisão é uma prisão, ela concluiu. Isto não era bom. Ela não podia sequer abarcar o que seria um período inderteminado em Horizonte.

O chão perto dos pés dela começaram a ser mover um pouco. O corpo dela cambaleava. David segurou o braço dela e a equilibrou.

— Certamente, a sua santidade pode compreender as circunstâncias envolvendo estes incidentes significam que Kara não é responsável por elas — disse David, erguendo a voz. — As mortes de dois guardiões é uma tragédia, concordo. Mas Kara encontrou-se com uma nova raça de demônios. Eles usaram a mãe

dela como isca. — Ele deu um passo adiante. — Não é culpa dela! Ele gritou

Uma leve brisa ergueu o cabelo de Kara de sobre suas costas. Ao longe, ela podia ouvir o tênue ruído de armas se chocando nas tendas de treinamento. Ela fechou as mãos trêmulas em punhos.

Gabriel olhou para eles e disse:

— Bem então, considere este seu dia de sorte.

Kara ergueu a cabeça.

— O... o quê? Não serei punida?

— Não. A não ser que você realmente queira ser punida, o que posso providenciar — um imperceptível sorriso apareceu nos lábios de Gabriel.

— Hã... não, não. É claro que não. — Kara fechou a boca antes que se metesse em mais problemas. Ela permaneceu com os olhos arregalados.

Gabriel empurrou sua cadeira para trás e se ajeitou.

— Agora mesmo, a Legião tem assuntos mais importantes para resolver — disse Gabriel. — Guardiões estão sendo mortos aos milhares. Esta nova raça de demônios é muito desencorajadora. Ela apareceu em um período muito grave. Precisamos de todos os guardiões disponíveis para lutar.

— Veja, Gabs, não foi tão difícil ser legal, foi? — David exibiu seu sorriso usual. — Você é o cara, Grande G! Com músculos e todo o mais!

O ar ao redor dela ficou mais leve e Kara relaxou. Ela não pensava que eles poderiam vê-la tremendo mais.

— E sobre a minha mãe — Kara desembuchou. — E sobre a alma dela?

— Não podemos fazer nada sobre isto agora — respondeu o arcanjo. — É muito infeliz, mas as minhas mãos estão atadas. Sinto muito.

— O quê? — Kara ergueu as mãos. — Nós temos de fazer isto! A alma dela está desaparecida, você sabe disto. Por que não há ninguém procurando por ela?

Gabriel pareceu estar surpreso e perplexo. Kara não estava certa se ele não aprovava que ela erguesse a voz para ele.

Gabriel prosseguiu:

— Sinto muito, mas, neste momento, não temos pessoal para procurar uma única alma perdida. Precisamos de cada anjo disponível cumprindo seus deveres. Por ora, não temos anjos o suficiente para proteger o mundano. Não posso permitir que guardiões vão atrás de sua mãe. É arriscado demais.

— Você não pode fazer isto — disse Kara, olhando diretamente para os olhos negros dele.

— Receio que posso. E farei. — Os olhos dele se estreitaram. — Milhares de almas mortais estão agora sem seus anjos da guarda. O que quer dizer que milhares de almas mortais são mortas todos os dias. Você tem sorte que a sua mãe ainda está por aí. Talvez, um dia, você tenha a chance de procurar por ela. Mas não hoje.

Kara apertou os dentes... se eles não queriam ajudá-la, ela teria de fazer isto por conta própria. Ela jurou para si.

Um súbito *beep* veio do computador de Gabriel. Ele passou as mãos sobre o teclado. Depois de digitar por uns trinta segundos, ele olhou para cima.

— Kara, você precisa se apresentar no nível cinco — disse Gabriel — no Departamento de Defesa.

— O quê... ela está indo para o nível cinco? Está brincando? — David parecia realmente chocado.

Gabriel o ignorou.

— O arcanjo Cassiel a aguarda, Kara. De agora em diante, você se reportará a ele diretamente. Ele vai lhe passar os detalhes.

— Só um segundo! — David caminhava de um lado a outro. — E eu? Devo ir também. Você sabe que estou esperando para me unir à divisão no nível cinco há cinco anos. E cinco anos é bastante tempo! — David gritou.

— Sinto muito, David. — Gabriel olhava para o teclado e falava para a tela. — As minhas ordens são para que Kara se apresente no

nível cinco. É uma infelicidade, mas você não foi convocado. Talvez a Legião o tenha negligenciado agora, David. Mas ouça-me, David. A sua reputação fala por si... nem todos são tão pacientes quanto eu com as suas macaquices. O nível cinco é uma unidade muito séria.

Kara nunca havia visto David sem palavras antes. Os lábios dele se apertavam uma linha rígida. Raiva apareceu nos olhos azuis dele. Ele ficou parado sem se mover. Kara pensou poder ver uma fumacinha saindo da cabeça dele e por seus ouvidos.

— Talvez em outra ocasião, David. — A voz de Gabriel tinha uma pitada de arrependimento. — Mas, por ora... tenho uma solicitação somente para Kara... e você tem de ir, eles estão esperando. — Ele apanhou um cartão-chave dourado de sua escrivaninha e o entregou a ela. — Aqui, pegue isto. Sem esta chave, você não pode subir ao nível cinco. Entregue-o ao operador do elevador.

Kara apanhou o cartão e o virou na mão. Ele cabia perfeitamente na palma dela. Era feito de ouro e ela viu estrelas gravadas nos dois lados. Ela podia ver seu rosto refletido nele. Ela olhou para cima e seus olhos se encontraram com os de David. Apesar de estar incômoda, ela pôs a mão sobre o ombro de David para reconfortá-lo. Ele a retirou.

— Venha — ele disse apressadamente — vou levá-la até o elevador. — Ele se virou e se foi.

Kara olhou para Gabriel, e ela pensou ter visto arrependimento atrás daqueles olhos negros. Ela correu para acompanhar David. O rosto dele estava franzido. Os braços dele balançava para frente e

para trás enquanto ele marchava com determinação. Kara não podia mais aguentar o silêncio dele.

— David. O que há de tão especial no nível cinco? — Ela olhou para o rosto dele. — O que é o nível cinco? Eu nunca ouvi falar disto?

Ele não respondeu, a princípio. E, quando finalmente respondeu, ele deixou que a sua frustração se dissipasse.

— O segredo mais bem guardado da Legião. É onde eles mantém *o crème de la crème* dos anjos da guarda. — disse David, com um traço de amargura.

Kara enfrentou a vontade de tocá-lo. Ela não tinha certeza como ele reagiria desde que o beijo deles havia ficado estranho entre eles, e Kara não sabia como andava o relacionamento deles. Ao invés disto, ela perguntou:

— Então... o que é este nível cinco? Como é que eu nunca estive lá antes? — Ela segurava o cartão-chave dourado. — E por que precisamos destes cartões especiais?

David deu uma olhava para o cartão por um segundo, então olhou para outro lado.

— Porque é ultrassecreto. Apenas alguns poucos anjos pertencem à divisão... um grupo de elite. Pense neles como a CIA da Legião.

— A CIA? — Kara franziu o nariz e refletiu sobre esta nova informação. Ela olhou nos olhos dele. — E você queria fazer parte disto, certo? É por isto que você está agindo assim?

— Não. Eu só queria um distintivo bonito para atrair as garotas — ele disse, num tom descontraído, apesar de suas expressões duras.

— Não fique bravo comigo porque estou indo para lá. Não pedi por isto.

Subitamente, David parou de caminhar. Os cantos de sua boca se curvaram.

— Não estou bravo com você, Kara. Eu... eu só queria isto pra *valer*. É um saco. — Ele suspirou. — Eles não me querem lá porque sou gostoso de mais.

Kara deu um empurrão de brincadeira nele.

— David... eu preciso encontrar a alma da minha mãe de algum jeito... você vai me ajudar?

— Darei uma olhada. Sei que você pensa que Gabe não quer ajudá-la, mas é ele quem tem me dado todas as informações. Ele também está procurando. Estou certo que a encontraremos. — Kara estava chocada em ouvir que Gabriel se importava com ela. Ela ficou satisfeita.

— Obrigada. — Kara soltou um longo suspiro. — Queria que você estivesse vindo comigo. Preciso de um amigo agora. Não sei o

que estes anjos esperam de mim.

— Grandes coisas, tenho certeza. — Ele pareceu estar estupefato. — Você se sairá bem. Sempre consegue, garota. Você derrotou Asmodeus sozinha. Não há outra como você. — Os olhos dele se fixaram no dela.

Kara sentiu uma energia percorrê-la. Os joelhos dela tremeram. Ela não conseguia responder, então só concordou.

Ele sorriu brevemente.

— Bem, tenho de ir para a minha próxima atribuição. Encontro você mais tarde... e você pode me contar tudo sobre o nível cinco. — Ele deu uma piscadela. — Talvez você possa me infiltrar lá? Até mais.

Kara observou David se virar e se afastar dela. Ela o observou até que desaparecesse atrás de uma duna vermelha.

## *Capítulo 6*

## *Departmento de Defesa*

**K**ara segurou sua chave dourada em suas mãos trêmulas. Um misto de empolgação e medo a revirava por dentro. O desconhecido era apavorante para ela, mas excitante ao mesmo tempo, como um passeio numa montanha-russa gigante que balança e range, pronta para desfazer-se. Esta nova divisão, David tinha dito, era secreta. Uma sensação de orgulho a preencheu, e ela não conseguia evitar de sorrir. Talvez esta fosse a oportunidade dela para provar para a Legião de uma vez por todas que ela não estava maculada — que era uma guardiã de corpo e alma, fiel à causa, pronta e disposta a salvar almas mortais do perigo.

Com um *ting*, as portas do elevador se abriram. O velho primata sobre a cadeira do operador estava curvado tanto que a cabeça dele quase tocava o assento. O pelo dele era completamente branco. Os cotovelos e joelhos estavam secos a pele rachada e flácida. O rosto dele era tão enrugado que Kara mal podia ver os úmidos olhos rosados escondido sob camadas. Um único monóculo redondo pousava confortavelmente sobre o olho direito. Seus grandes lábios estavam comprimidos em uma linha rígida.

— Qual piso, senhorita? — disse o primata branco com uma voz arranhada, como se não houvesse falado em anos.

Kara observou os lábios dele se movendo e constatou que ele não tinha dente algum.

— Hã... certo. Nível cinco, por favor.

O velho macaco examinou o rosto de Kara por um instante.

— E você tem a chave, senhorita? Apenas aqueles com a chave dourada podem ir ao nível cinco.

— Quase me esqueci... aqui. — Kara entregou ao macaco seu chave dourada.

Ele segurou a chave bem na frente do seu monóculo. Ele a examinou com atenção, como se de algum modo Kara houvesse feito uma chave falsa. Quando ele pareceu satisfeito, ele a enfiou em um fino vão no painel de controle. Uma luz dourada brilhou na pequena abertura e o elevador tremeu um pouco quando as portas se fecharam. Então o velho primata pressionou o botão de cobre número cinco no painel de controle e o elevador respondeu com um solavanco, enquanto subia.

Empolgação cresceu no peito de Kara. Ela nunca havia estado no nível cinco e, segundo o que David havia lhe contado, parecia ser algo de grande importância. Ela torceu silenciosamente para que toda a coisa sobre ser Marcada houvesse finalmente passado. Por que eles a trariam para tal grupo secreto se não confiassem nela? Ela mordeu o interior da bochecha e decidiu que deveriam confiar

nela em um certo nível. Um formigamento de empolgação jorrou dentro dela. Ela pensou que a melhor oportunidade para encontrar sua mãe estaria provavelmente nesta nova divisão. Como faria isto, não tinha ideia. Mas, de algum modo, ela sabia que esta era a seu melhor chance.

Depois de um instante, as portas do elevador se abriram e revelaram uma enorme sala circular do tamanho de um campo de beisebol. Escadas de metal conduziam ao segundo e ao terceiro andar, onde centenas de escritórios eram separados por paredes de vidro. Centenas de anjos da guarda caminhavam para cima e para baixo das escadas ou estavam sentados em escrivaninhas, ocupando seus dedos com os teclados.

Sua atenção se voltou para as grandes telas holográficas que pareciam como papel de parede móvel. Ela observava enquanto os AGs tocavam nas telas e faziam com que as imagens desaparecessem e que outras imagens as substituíssem.

Uma grande mesa redonda estava sobre uma plataforma no meio do grande espaço. Um grupo de anjos estava sentado ao redor da mesa, discutindo sobre o que a tela holográfica lhes mostrava. Um grande homem estava sentado com este grupo. Ele tinha um despenteado cabelo curto castanho-claro e a sua pele era bege clara. A sua camiseta preta apertada revelava um peito musculoso por baixo. Kara podia ver que ele tinha uma calça cargo preta, do tipo militar, ela pensou. Ela rapidamente percebeu que este deveria ser o arcanjo Cassiel. Ele era grande, mas nem de longe grande quanto Gabriel.

Sem pensar, Kara saiu do elevador e plantou os pés no piso cinza de concreto.

— Ahã. — O primata branco esticou um longo braço fino. Ele apontou o cartão dourado para ela.

— Não se esqueça do seu cartão, senhorita.

— Oh, certo. — Kara deu um passo para trás e agarrou seu cartão. Ela levou um tempo para examinar as estrelas gravadas nele, então o enfiou no bolso.

— Obrigada...

As portas do elevador se fecharam em sua cara.

— Típico — sibilou Kara com raiva. — Você espera que eles sejam um pouco mais amigáveis... mas não! Apenas um bando de macacos idiotas...

— Com quem você está falando?

Kara estremeceu e se virou. Uma pequena adolescente com um cabelo curto repicado roxo a encarava. Delineador preto e sombra de olho roxa contornavam seus grandes olhos verdes. Ela era bonita com traços agudos. Ela sorriu para Kara. Ela estava vestida exatamente como o arcanjo Cassiel, excetuando que o top dela era roxo. Os seus coturnos roxos engraxados refletiam a suave luz que vinha das luzes de néon acima.

*Acho que a repicada gosta de roxo.*

Kara começou a se sentir desconfortável sob o escrutínio da garota repicada. Ela virou a cabeça para o elevador.

— Ah... com ninguém. Eu só estava... admirando a... decoração destas portas — ela mentiu, evitando os olhos dela.

— Sério — riu a garota. Ela ergueu as sobrancelhas. — Você é esquisita. Bem, então. Quer dizer que você é a *famosa* Kara. — Ela deu um amplo sorriso. Satisfeita de ver que sua atenção estava deixando Kara desconfortável, ela esticou a mão. Esmalte roxo decorava seus dedos. — Eu sou Jenny Harris.

Depois de um instante de hesitação, Kara respondeu.

— Prazer em conhecê-la, Jenny.

— O prazer é meu.— Jenny ergueu as mãos no ar. — Bem-vinda à DCD.

— DCD? — Nem Gabriel nem David haviam usado a abreviação DCD.

— DCD... Divisão Contrademônios — informou Jenny, com orgulho. — Rastreamos e eliminamos demônios.

Ela se virou a apontou para as telas holográficas.

— Nós monitoramos a Terra daqui. E procuramos por atividade demoníaca.

— Atividade demoníaca? Que tipo de atividade demoníaca? Como quando eles nos atacam, ou quando eles tentam devorar uma

alma? — perguntou Kara. Ela se lembrou da nova raça de demônios sugando a fonte vital de Tom como um shake de café-da-manhã, e se indagou porque a DCD não apareceu com David e com os outros.

Jenny concordou.

— Sim. Mas, na maioria das vezes, procuramos por Fissuras.

— Fissuras?

— Buracos negros causados por mudanças nos campos magnéticos da Terra. Você provavelmente o chamaria de portais ou passagens. Os demônios vão e voltam ao seu reino da Terra através de Fissuras... quanto mais Fissuras são abertas, mais os demônios circulam pela Terra. Nós as rastreamos e as destruímos. — O rosto dela estava sério.

A imagem de um demônio superior apareceu na mente de Kara. Ela estremeceu.

— Então... e sobre as almas? Nós as salvamos também, não é?

— Fazemos isto se tivermos de fazer — disse Jenny. Seu rosto pontiagudo se contraiu. — Mas aqui na DCD cuidamos das Fissuras. Nós tornamos a Terra mais segura para que os guardiões possam fazer seus trabalhos com segurança sem serem atacados.

Kara pensou em sua mãe.

— Então o nosso trabalho é manter os mortais *e* os anjos seguros. Gosto disto.

— Bom. Venha. — disse Jenny. — Devo mostrar-lhe o lugar. — Ela fez um gesto com o braço para que Kara a seguisse.

Jenny saltitou e se enfiou por entre labirintos de escrivaninhas, paredes de vidro e telas holográficas, enquanto Kara caminhava ao lado dela. Ela estava ciente que olhos a observavam, mas estava grata. Eles pareciam cuidadosos para não encará-la por tempo demais antes de olharem-na de novo.

Ela se sentiu como se caminhasse pela ponte da USS Enterprise. Ela constatou que os AGs ali estavam todos vestidos em uniformes para tarefas específicas — pretos, caqui ou azul-marinho. Os guardiões em caqui estavam sentados em escrivaninhas e operavam computadores. Os de azul tinha seus próprios escritórios e alguns subiam e desciam as escadas com pastas nas mãos. Kara podia ver que todos os AGs de preto estavam sentados ao redor da grande mesa. Todos eles ouviam o que Cassiel tinha para lhes contar.

Jenny levou Kara ao redor das bordas da sala circular. Ela parou perto de um escritório tipo um cubículo com uma tela holográfica pairando sobre ele. Kara deu um passo adiante e pôde ver cinco imagens diferentes da cidade com prédios e pontes.

— Vê aqui — disse Jenny, e ela se sentou na escrivaninha. Ela tocou a tela com seu dedo indicador. Imediatamente, a imagem que ela tocou encheu a tela e as outras quatro imagens desapareceram.

Kara piscou e encarou um beco escuro em uma rua que ela não conseguia reconhecer.

— Então... para o que estou olhando?

— Isto aqui — disse Jenny, tocando novamente a tela, e Kara observou-a dando zoom. — é uma Fissura. — Jenny apontou para o exterior da parede tijolos de um prédio.

Kara apertou os olhos.

— Não consigo ver uma porta em lugar algum. Tem certeza que há uma aqui? — Ela deu um passo adiante e inclinou a cabeça.

Jenny sorriu, claramente surpresa pela incapacidade de Kara de ver a passagem. — Olhe de novo... e repare no movimento ondular no tijolo. É como uma onda de calor.

Kara se inclinou para olhar mais de perto. Ela viu uma cintilação de movimento na imagem... um pequeno movimento ondular, como se um ponto na imagem estivesse, de repente, quente.

— Acho que vejo. É como uma onda de calor. — Com seu dedo, Kara tocou a Fissura. A imagem se aproximou ainda mais. — Então é assim a passagem para o reino dos demônios.

— Sim. — Jenny olhou para cima e estalou os dedos. Um guardião vestindo uniforme caqui veio apressadamente em direção a eles.

— Scott... encontre Jules e diga ela que há uma possível passagem neste local. — Jenny apontou para a tela e Kara viu o endereço impresso com letras brancas em negrito: 54 Piazza del Colosseo, Roma, Itália.

Kara se apoiou na outra perna.

— Uau... isto é fantástico. — Ela ficou olhando a imagem holográfica. Se a DCD conseguia encontrar as Fissuras, ela pensou que eles poderiam facilmente encontrar uma alma angelical... Kara poderia salvar a sua mãe.

— Então estas telas holográficas... elas podem detectar outras coisas, como talvez... almas? — perguntou Kara, e ela lutou para manter a sua voz firme.

Jenny saiu da escrivaninha.

— Almas? — Ela olhou para Kara atentamente. — Não... por quê?

— Por nada. Só estava me perguntando. — Kara lutou para não mostrar-se desapontada.

Jenny observou Kara por um instante.

— Estas telas holográficas — Jenny ergueu os braços e indicou o salão — representam todos diferentes locais na Terra. Monitoramos Fissuras em todas as cidades e continentes ao redor do mundo. Nós indicamos seus locais e enviamos equipes para destruí-las. Mas nem sempre conseguimos.

— O que você quer dizer?

— Bem — respondeu Jenny — às vezes, o que parece ser uma Fissura é somente uma oscilação nos planos terrestres, e às vezes a passagem não fica aberta por tempo o suficiente para obtermos sua localização.

Kara ficou olhando para a tela.

— Há quanto tempo você está na DCD?

O rosto de Jenny se iluminou.

— Por volta de um ano — ela respondeu. — Eu não tinha ideia que este lugar existia até que cheguei aqui.

— Sim, é bastante secreto. Um amigo meu queria fazer parte, mas, por alguma razão, não permitiram. — Kara se indagou o que David estaria fazendo naquele exato momento.

— Bem... Sei que eles são bastante seletivos sobre quem aceitar. — Jenny contraiu os lábios. Ela caiu na gargalhada. — Ainda não sei porque *eu estou* aqui. — Ela abriu os olhos. — Mas eles dizem que cada é um selecionado por um talento especial... todos sabemos qual é o *seu*.

Kara suspirou. Parecia que toda a divisão pensava que ela possuía um talento incrível. Todos haviam ouvido sobre sua batalha contra Asmodeus. Todos esperavam grandes coisas. O que aconteceria com ela se percebessem que ela não conseguia controlar seu poder? Seria demitida?

Kara balançou a cabeça:

— Não sei o que vocês estão esperando que eu faça. Qualquer seja este talento que eles dizem que eu tenho... eu nem sei como usá-lo... talvez nem o tenha mais.

Jenny enrolou um cacho de seu cabelo roxo entre os dedos.

— Oh, para com isto. Estou certa que você tem.

Algo atraiu a atenção de Jenny e ela olhou para cima.

— Ah... eles estão prontos para nós. Venha. — Jenny conduziu Kara em direção à grande mesa — em direção a Cassiel e aos quarenta guardiões sentados ao redor da mesa observando-a como se ela fosse uma alienígena.

Cassiel empurrou a cadeira para trás e se levantou enquanto Jenny e Kara se aproximavam. Ele tinha olhos amendoados sob finas pálpebras. Seu rosto era bonito, como de todos os arcanjos, mas uma longa cicatriz sob o olho esquerdo relevava que ele tinha estado em batalha. Kara se indagou quais seriam as outras cicatrizes escondidas sob as roupas.

— Bem-vinda, Kara, ao Departamento de Defesa. — Cassiel segurou os braços como num abraço.

— Ob... obrigada — Kara gaguejou. *Não acredito que acabei de dizer isto. Sou  uma idiota.*

Cassiel uniu as mãos.

— Bom. Feliz em ouvir isto. Estou especialmente contente de ter um anjo com tais talentos *especiais* em minha equipe. Tenho certeza que você se dará muito bem aqui na DCD. — E seu rosto se abriu em um acolhedor sorriso.

Kara se sentiu mais relaxada. De algum modo, Cassiel não era tão arrogante ou autoritário quanto outros arcanjos homens que ela havia encontrado. Rafael era o único arcanjo que tinha sido gentil com ela, e ela havia sido, talvez, um pouco maternal demais.

— Obrigada. — Kara deu um amplo sorriso, mas imediatamente apertou os lábios ao perceber quão tola ela deveria estar parecendo. Ela deu uma olhada para Jenny, que arregalou os olhos com um sorriso.

Cassiel prosseguiu:

— Bem, então, deixe-me apresentá-la à Divisão de Campo. — Com seu braço, ele fez um gesto em direção ao grupo de pessoas sentado ao redor da grande mesa. — Pessoal, esta é a nova integrante, Kara Nightingale.

Boa parte do grupo sorriu e a saudou, mas Kara reparou em uns dez indivíduos com o cenho franzido, uma clara indicação de que ela não era bem-vinda. Eles sussurram algo entre eles, periodicamente olhando para ela com expressão de desgosto. A garganta de Kara se apertou. Ela trajou uma expressão valente, forçou um sorriso e aquiesceu para o grupo.

Cassiel reparou no desconforto dela e olhou momentaneamente por sobre o ombro. Ele estudou o grupo que estava sussurrando. Ele baixou as sobrancelhas. Mas, quando olhou de volta para Kara, o rosto dele não tinha vestígios de raiva.

— Kara, você fará parte da Divisão de Campo na DCD — disse Cassiel, com sua voz reverberando dentro da câmara. — Esta é a divisão mais perigosa de toda a Legião. Aqui, nós rastreamos e destruímos as Fissuras, limpando o caminho para os nossos colegas anjos. Salvamos vidas e protegemos o futuro da Terra. — Ele pôs a mão dentro do bolso da calça e puxou um pequeno estojo de couro negro. — Aqui... pegue isto... é o seu passe de identificação. Você pode pôr o seu cartão-chave aqui.

Kara estendeu a mão e apanhou o estojo. Ela o abriu facilmente. Um escudo dourado estava protegido no interior, como um distintivo policial. Pequenas letras estava gravadas nele, em uma língua que Kara não conseguia entender. Agora ela se sentia como uma agente da CIA. Ela esboçou um sorriso.

Cassiel examinou Kara por um instante.

— Agora, você precisará pôr o seu uniforme... — Ele se virou e fez um gesto. — Jenny... apanhe o uniforme de Kara, por favor.

— Imediatamente, senhor — Jenny respondeu prontamente. Ela se virou e correu para o fundo. Kara pôde distinguir compartimentos de metal com portas como armários. Jenny veio segundos depois com uma pilha de roupas negras dobradas apertada contra o peito. Um par de coturnos em seu braço livre.

— Você pode se trocar ali — Jenny entregou a Kara suas roupas e botas e apontou para o que parecia ser um vestiário.

Kara agarrou as roupas e caminhou para o vestiário. Em menos de dois minutos, ela vestiu as calças cargo negras — o tipo com um monte de bolsos extras — e a camiseta negra, e enfiou os pés no par de coturnos brilhantes. Ela se surpreendeu com a leveza deles. Ela mexeu os dedos. Finalmente, ela vestiu a jaqueta curta estilo piloto de caça. A princípio, pareceu ser pesada para ela. E ela descobriu o porquê. De dentro dos bolsos da jaqueta, Kara puxou um relógio de pulso, duas adagas curtas e três bolas de gude prateadas.

Ela enrugou o rosto.

— O que diabos é isto? Não acho que possam ferir um demônio. — Ela as pôs de de volta nos bolsos da jaqueta. Ela deixou suas velhas roupas num banco de madeira e voltou para o grupo.

A conversa animada da Divisão de Campo foi subitamente interrompida por um súbito grito de um guardião. Um guardião homem em uniforme azul-marinho passou correndo por Kara e em direção a Cassiel.

— Um relatório está vindo da seção NA-212 — declarou o anjo. — É Catherine, senhor. Ela detectou um demônio desta nova raça!

Cassiel se moveu em direção à grande mesa.

— Rápido... mostre-nos, Steven! — Ele se inclinou, com as mãos firmemente apertadas contra a mesa.

Steven tinha um longo cabeço loiro puxado para trás em um rabo-de-cavalo, um pescoço fino e queixo quadrado. Seus dedos correram sobre um teclado no canto da mesa. Kara pensou que estava olhando para um jovem gladiador. Com um *zap*, um holograma de uma mulher, reduzida para aproximadamente sessenta centímetros, surgiu de um orifício no meio da mesa. Luz foi projetada desde o orifício e cercou o holograma, como um cilindro semitransparente. Kara deu um passo adiante. Ela percebeu que a mulher parecia aterrorizada.

— S... s... senhor — disse uma voz com estática, como se estivesse vindo de um velho rádio. — Estamos sob um... ataque. A nova raça matou... — A voz estava cortando... e, de repente, se perdeu. O boca de Catherine se movia, mas não saía som algum.

— Catherine! — gritou Cassiel. — Catherine, estamos perdendo contato!

O holograma perdeu seu brilho por um instante, como se uma onda o atravessasse, então voltou, trazendo consigo a voz de Catherine.

—... todos mortos... não consegui lutar contra eles... — disse Catherine, com o rosto aterrorizado. Luz brilhante brotava de seus muitos ferimentos. —... muito poderoso... — Ela virou a cabeça para os lados, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Ela sacou a espada. Mas ela não foi rápida o bastante.

O corpo de Catherine foi propelido para trás com uma força assustadora. Kara ouviu um grito horrível. Então, nada.

O holograma tremeu e desapareceu.

## *Capítulo 7*

## *Salvando Catherine*

**S**ilêncio se espalhou pela grande mesa. Ninguém se moveu até que Cassiel finalmente falou.

— Quero três equipes para irem atrás de Catherine — a voz dele tremeu. — Jenny. Peter. Amit. Peguem seus parceiros e vão! Agora! Peguem suas armas no caminho... e sejam cuidadosos. Apenas a resgatem. Não quero mais baixas.

— Mas, senhor... não acho que ela tenha sobrevivido — disseram os guardiões que haviam dado uma olhada atravessada para Kara antes. — Você está arriscando mais vidas.

Os ombros de Cassiel ficaram tensos. O rosto dele se obscureceu e ele se endireitou.

— Não vamos deixar nenhum anjo para trás! — Ele sorriu com seu lindo rosto e Kara involuntariamente deu um passo para trás. — Você iria querer ficar para trás... Samuel?

Samuel baixou os olhos.

— Não, senhor. Eu só estava...

— Certo, então. — Cassiel virou sua cabeça e olhou para cada guardião. — Demônios... — ele bateu com o punho na mesa —... nós o matamos!

— Aqui, aqui! — gritaram os guardiões ao redor da mesa. Cassiel sorriu, e Kara se sentiu como se estivesse assistindo o técnico de um time de futebol preparando sua equipe antes de um jogo.

— Tudo bem! Vamos lá, pessoal! Vamos salvar Catherine e trazê-la para casa!

Toda a Divisão de Campo se levantou num pulo e eles se espalharam como ratos. Kara cambaleou no lugar, enquanto os observava. Ela se indagou se algum deles iria voltar. Uma nova raça de demônio havia quase acabado com ela. Ela torceu para que seus talentos especiais os salvassem.

— Kara.

Kara estremeceu e olhou para cima para Jenny, que sorria.

— Você vem comigo, garota. Você é a minha nova parceira.

— Tudo bem, parceira. — Kara deu um tímido sorriso. Ela estava contente de ser a dupla da Jenny. Gostava dela, e ela achava que a Jenny também gostava dela. A sua mente vagou por um instante. Ela se lembrou da primeira vez que fez dupla com David, e como eles escaparam dos demônios das sombras mergulhando na privada suja de uma velha. Ela se perguntou se David ainda estava chateado por ter sido preterido para uma promoção para o nivel

cinco. Ele devia estar. Mas ela se lembrava da tristeza nos olhos dele.

— Você está em boas mãos, Jenny. — Cassiel caminhou até elas. — Kara é uma guardiã excepcional. Ela nos salvou de Asmodeus. E Gabriel contou que ela tem poderes incríveis. Se alguém pode nos trazer Catherine de volta, será você, Kara.

Culpa inundou Kara. Ela sentiu uma onda de pânico. Como ela contaria para ele que estava errado? Ela não era uma grande guardiã e ela não sabia como utilizar seus poderes.

— Bem, mal posso esperar para vê-la chutando a bunda desta nova raça.

Jenny vestiu uma jaqueta sem mangas.

— Rápido... vou explicar os procedimentos quando chegarmos lá, mas primeiro temos de carregá-la com suas armas. — Ela abriu a jaqueta e revelou os bolsos. — Você já deve ter algumas coisas dentro dos bolsos de sua jaqueta.

— Sim. — respondeu Kara. Ela observava Cassiel se afastando da mesa. — Reparei quando a vesti. O que é isto? — Ela segurou em suas mãos e mostrou as bolinha de gude para Jenny.

Jenny aponhou uma bolinha e a ergueu.

— Estas belezinhas são hiloglobos. Elas a conectam diretamente com o quartel-general da DCD. Você as ativa assim... — Jenny segurou um hiloglobo entre o polegar e o indicador. Então ela o

pressionou. O topo da bolinha se abriu e se ergueu como um chapéu, mostrando um dispositivo de metal no interior. — Então você põe no chão ao seus pés e recua um pouco. Ele projeta um holograma de si e com comunicação direta com a DCD.

Kara observou a pequena bola.

— Como o que vimos com Catherine.

— Exatamente. — Jenny pressionou-a novamente e a parte do topo da bolinha se fechou. — Aqui... rápido, temos de ir. — Ela entregou o hiloglobo de volta para Kara. — Siga-me.

Jenny correu para a lateral esquerda do salão, com suas pernas finas projetando-se para frente como uma gazela. Kara correu para acompanhá-la. Jenny pressionou suas palmas na tela e uma porta na parede de metal diante dela se ergueu. Centenas de armas diferentes estavam nas prateleiras.

— Você sabe usar isto? — Jenny enfiou a mão dentro e puxou um arco dourado e com uma aljava cheia de flechas prateadas com penas azuis-claras na extremidade.

Kara ignorou Jenny e envolveu sua mão em uma cintilante espada prateada, uma Lâmina da Alma.

— Sou muito melhor com uma espada. — Ela a girou com o punho. A sensação era boa e legal em sua mão. Ela podia fazer muito dano com isto.

— Bom, então. Leve quatro!

Kara apanhou outras três Lâminas da Alma, enquanto Jenny apanhou duas e enfiou a aljava sobre os ombros.

— Tubo bem... há mais uma coisa que precisamos fazer. — Jenny deu um passo para a direita e apanhou uma jarra de vidro. Ela segurou a jarra e a balançou para que Kara visse. Pequenas criaturas transparentes se moveram no interior.

Kara ficou inquieta.

— Hã... o que é isto? — Ela assistiu a muitos filmes de ficção científica em seus dias de mortal, e se indagava se aquelas bizarras criaturinhas eram mais perigosas do que pareciam ser.

Jenny girou o topo da jarra facilmente.

— Eles são ácaros rastreadores. Você pode facilmente rastrear qualquer guardião da DCD com eles... e podemos nos comunicar usando-os. Veja...

Kara observou Jenny agarrar um ácaro rastreador por uma de suas patas e pô-lo perto de sua orelha. O inseto rastejou ao redor e se instalou no exterior do ouvido. Parecia exatamente como um besouro, tirando que era transparente e que a sua carapaça tinha um suave brilho prateado. Parecia como um confortável aparelho auditivo.

— Aqui, pegue o seu. — Jenny entregou para Kara outro ácaro.

Com o rosto contorcido de nojo, Kara agarrou o ácaro por uma de suas pernas e o trouxe para perto da orelha. Ela estremeceu,

sentindo pequenas picadas enquanto ele rastejava para dentro da orelha. Ela sentiu o inseto se fixar, então ela percebeu que mal o sentia. Um pequeno *bip* de vez em quando era a única indicação que ele ainda estava ali.

— Você está pronta? — Jenny perguntou com um sorriso encorajador.

— Estou pronta.

— Vamos. — Jenny correu para o extremo oposto da câmara, para uma área nos fundos que Kara ainda não tinha reparado. Elas passaram por mais cubículos e telas holográficas no caminho. Todas as vezes, Kara se deparava com os olhares dos anjos em suas mesas. Ela ouvia murmúrios ao passar. Alguns deles até apontavam para ela, como se ela não pudesse vê-los. Ela se sentiu como no primeiro dia em uma escola nova, quando o professor põe você na frente da turma e o obriga a falar sobre si e a sua língua fica seca e gruda na boca. Se tudo que eles fizessem fossem olhar, ela podia aguentar.

Jenny parou subitamente, e com Kara olhando para todos os lados, ela deu uma trombada.

— Desculpa. Não vi você... o quê...? — Kara recuou um pouco de Jenny com a boca aberta.

De volta à câmara, quatro blocos retangulares gigantes de água esverdeada que pareciam água tóxica estavam sobre uma grande mesa. Pareciam tanques de aquário sem as paredes de vidro.

— Tanques vega — disse Jenny, enfim.

Kara parou do lado e observou dois outros guardiões, Peter e seu enorme parceiro musculoso pararem dos dois lados de um dos tanques vega e se viraram para encarar os demais. Eles deram outro passo para o lado e, com uma luz brilhante — desapareceram.

*Eles são como as piscinas — mas diferentes*, pensou Kara.

Os guardiões Amit, um alto homem do Oriente Médio, e sua parceira, uma baixa mulher asiática de meia-idade e com aparência determinada eram os próximos. Sem qualquer hesitação, os dois caminharam para os tanques de água e seus corpos se desintegraram na água.

Era a vez de Kara agora. A primeira vez que Kara viajou por Vega foi apavorante, mas então ela aprendeu a amar isto. Era sempre um jato de adrenalina. Despertar de volta na Terra em um novo traje corporal era estranho e empolgante ao mesmo tempo.

— O cor tóxica verde vai devorar minha alma? — ela perguntou a Jenny. — Parece nojenta. E um pouco mais espessa do que as águas das piscinas da Operações.

— É por causa da série M-5.

Kara virou o rosto para Jenny.

— A série M-5? Soa como um carro de luxo caro.

— Trajes mortais série cinco. O verde é uma camada extra de proteção... não me pergunte o que é, porque não sei. O que sei é que estas belezinhas são os trajes mais fortes de toda a Legião. São projetados para mantê-la por mais tempo na Terra e para ter uma resistência maior aos demônios.

Kara se indagou se era verdade. Eles não pareciam estar protegendo Catherine, ou sua equipe. Pelo que ela tinha visto no holograma, não parecia fazer diferença o traje que você tinha. As novas raças de demônios eram ferozes, e Kara não sabia como eles as derrotariam.

— Vamos — disse Jenny. Ela agarrou Kara pela mão e a puxou. — Não se preocupe, é exatamente como as piscinas que você já usou antes... confie em mim.

Não eram os tanques que estavam deixando Kara nervosa, ela constatou, mas o que a esperava do outro lado. Se Jenny pensava que Kara era alguma espécie de super-heroína, então os outros também deviam pensar isto. Ela se indagava o que aconteceria com quando descobrissem que ela era uma fraude.

Jenny deu um passo adiante do tanque.

— Eu a vejo do outro lado, garota! — Ela pisou na parede de água e em menos de um segundo tinha desaparecido.

Kara fechou os punhos e a seguiu.

Em um lampejo de luz branca, ela desapareceu também.

Kara seguiu Jenny pela rua 42 em Manhattan, Nova York. Tudo ao redor dela tinha um tom verde. Sem dúvida por causa da água verde, ela concluiu. Ela podia sentir o poder adicional nestes novos trajes,  como uma injeção extra de adrenalina, empurrando o seu corpo com mais força. Ela sentia como se pudesse pegar um carro e arremessá-lo, como alguma super-heroínas de suas histórias em quadrinhos. Ela não tinha certeza de quão mais fortes eram estes trajes, mas ela estava ansiosa para descobrir.

Por causa da película verde em sua visão, o céu parecia ser uma mistura de laranja escuro e marrom-escuro. Edifícios enormes de pedra e vidro os cercavam nos dois lados. Outdoors imensos e telas de TV do tamanho de um ônibus iluminavam o céu noturno. Ela sentiu o odor de amendoins torrados e asfalto. Milhares de locais e turistas se aglomeravam pelas ruas, rindo e desfrutando da vida da cidade. Dois garanhões magníficos com as pernas compridas como um homem adulto trotavam entre os carros. Seus cavaleiros, dois policiais, examinam a selva de pedra de cima. Os cavalos e seus cavaleiros pareciam tão deslocados para Kara.

Eles passaram pelo distrito dos teatros e seguiram para o norte pela Oitava Avenida.  Kara nunca havia estado em Nova York, e ela sorriu ao reconhecer os famosos táxis amarelos que buzinavam nas ruas.

Apesar de Jenny ser mais baixa do que Kara, ela era muito mais rápida. Kara tinha de correr para acompanhá-la. Depois de cinco minutos de caminhada pela Oitava Avenida, eles finalmente viraram

na rua 48 West. Passaram por altos edifícios e pequenas lojas, antes de finalmente entrarem em um beco escuro. Os outros guardiões já estavam lá. Kara reconheceu imediatamente Peter e seu imenso parceiro. Eles estava parados em frente a uma desgastada parede de tijolos vermelhos. O cheiro do lixo da semana passada atingiu seu nariz. Não havia sinal de Amit e Aiko.

Peter se virou e olhou para cima, enquanto eles se aproximavam.

— A passagem está fechada.

Ele abriu sua palma e uma pequena esfera vermelha planava sobre ela, como uma bola de gude flutuante. Ele moveu sua mão ao redor de uma área na parede de tijolos.

— Não estou captando nada... não há sinal de Catherine em lugar algum. Amit e Aiko entraram neste prédio. — Peter inclinou a cabeça em direção a uma porta de metal. Ela estava coberta com ferrugem, como um câncer.

— Amit disse que captou um sinal fraco... então eles foram conferir. Mas alguma coisa está errada. Posso sentir isto.

— Você não foram apresentados apropriadamente. — Jenny pulou entre Peter e Kara e ergueu os braços. — Kara, este é Peter. Peter é um geek completo...

— Ei! — protestou Peter. Ele ergueu os óculos e coçou a nuca.

— ... mas ele é o melhor geek da Legião. É ele quem projeta e constrói todas estas geringonças de espião... com a bola vermelha que ele está segurando... e os ácaros rastreadores. É porque isto que ele está com a divisão e não operando elevadores.

Kara gentilmente sorriu para Peter.

— Muito impressionante. Prazer em conhecê-lo, Peter.

Com um pequeno sorriso, Peter arregalou os olhos. Ele olhava para o chão.

Kara caminhou em direção à parede de tijolos.

— Você disse que tinha alguma coisa errada.

Ela forçou os olhos para tentar ver uma ondulação ou alguma coisa incomum na parede, como ela tinha visto na tela holográfica, mas ela não conseguia perceber nada.

— O que está errado, Peter? Não vejo nada.

Peter suspirou alto.

— Perdemos duas equipes em uma única operação de campo... a equipe de Catherine e de Mateo. — Ele enfiou a esfera vermelha no bolso da jaqueta. O olhar dele se encontrou com o de Kara — ... sem um rastro. Isto não acontece. Não faz  sentido!

Peter olhou de volta sobre seu ombro com nervosismo, e Kara se indagou se esta era a primeira missão de campo dele.

— Você disse que Amit captou um sinal fraco? — Jenny tocou seu ácaro rastreador várias vezes e Kara constatou que ela havia se esquecido de usar o dela. — Não estou recebendo nada.

Kara pressionou gentilmente o seu ácaro rastreador. Ela ouviu um pop baixo, então um click. Então altos sons de estática encheram o seu tímpano. Depois ela ouviu a voz de Jenny estourar tão alto que ela deu um salto. Envergonhada, ela pressionou o ácaro rastreador mais uma vez e se lembrou de não fazer isto de novo.

— Eu disse para vocês... está cheirando mal! — Peter ergueu as mãos para cima. — Alguma coisa não está certa aqui. Talvez devêssemos ir e... trazer reforços.

Kara olhou para o rosto petrificado de Peter. Ela se perguntou por que ele estava na divisão. Claramente, ele estava morrendo de medo. Por que teriam alguém como ele em campo? Ele não deveria estar de volta na divisão trabalhando em alguma invenção?

O parceiro truculento de Peter deu um passo adiante. Kara pensou ter sentido o chão tremer um pouco.

— Tenho de concordar com o Peter. Aliás, eu me chamo Fred... — ele estendeu sua mãozorra para Kara.

Kara o cumprimentou.

— Kara. — Ela sorriu calorosamente. Ela sentiu como se estivesse apertando a mão de um gorila.

— Está com cara de armadilha, se vocês querem saber. — disse Fred. Ele caminhava de um lado a outro pelo beco, como um urso cinzento.

Kara não tinha certeza.

— Talvez devêssemos ir atrás deles... só para garantir. — Ela se lembrou do rosto apavorado de Catherine, sabia que não poderia viver com a própria consciência se os deixasse lá dentro.

Ela olhou para Jenny e depois para Peter.

— Se está cheirando *mal*... devemos tirá-los de lá...

Um grito alarmou todo o mundo.

Kara olhou para cima.

— O quê...?

— É Aiko! Rápido! — Jenny disparou em direção à velha porta enferrujada e a abriu. Ela correu para dentro sem dizer uma única palavra aos outros. Fred se precipitou porta adentro atrás dela.

— Venha, Peter! — rugiu Kara, enquanto se dirigiu à porta. Peter hesitou por meio segundo, então correu atrás dela.

Kara sacou uma Lâmina da Alma. Ela segurou firmemente o punho na mão e correu por um estreito corredor. Ela chegou a uma escada.

Jenny não estava à vista.

Ela ouviu altos sons de pancadas nos andares acima — então um grito aterrorizante e o som de armas se chocando.

Kara segurou o corrimão negro de metal e subiu três degraus por vez. Ela se sentia ágil como um gato, correndo sem esforço escada acima, como se ela estivesse caminhando. Ela sentia que a força em seu novo traje série M-5 a inundava. Era pelo menos dez vezes mais forte do que os trajes M normais, ela pensou. Mais poderoso com maior torque, o Cadillac dos trajes M. David teria adorado isto.

Kara avançou dentro do prédio até a fonte do barulho. Ela abriu uma saída de emergência, correu para um corredor e parou.

Diante dela, Jenny estava frente a frente a um demônio da sombra. Sua forma grotesca só era visível momentaneamente, antes de oscilar e começar a se transformar em uma nuvem de fumaça negra.

Com velocidade incrível, Jenny estendeu o braço para trás, ajeitou uma flecha prateada no arco, puxou a corda e disparou uma flecha. Kara estava espantada com Jenny.

Um rastro prateado seguiu a flecha, enquanto ela se propelia em direção ao demônio da sombra. Acertou. Fagulhas prateadas explodiram ao redor do demônio. Ele gritou. Gotículas prateadas envolveram a carne podre. Jenny o acertou com outra flecha, exatamente quando ele se virou para atacar.

Kara se virou para uma criatura ainda mais horrível no final do corredor. Um enorme demônio movia-se de um lado para outro. Ele

tinha quatro cabeças humanas com bocas abertas e o corpo era de um grande inseto. Suas melequentas asas pontigudas se abriram e balançavam no ar atrás como uma mosca monstruosa. Seu corpo de inseto estava misturado com suas partes humanas, uma massa torcida e rasgada de tecido e carapaça. Sangre negro brilhava em sua carapaça. O odor de coisas mortas e carne putrefata pairava denso no ar.

Kara estremeceu. Fred estava preso em suas garras, sem vida como uma boneca de pano gigante.

Kara ouviu passos e Peter chegou.

— AH — ele gemeu e recuou para a parede. Ele se achatou como uma panqueca, tentando espremer seu corpo através da parede de pedra. Os olhos dele estavam fixos na fera.

— Peter! Venha! — chamou Kara.

Mas ele apenas balançava a cabeça. Ele tremia. Não era um lutador. Kara se virou e olhou para a nova raça.

Ela brandiu sua espada e avançou. Passou por Jenny e pelo demônio da sombra, concentrada apenas em salvar Fred. O sangue negro da nova espécie era ácido e havia matado Tom e quase a matado. Ela não podia deixar que ele tocasse a sua pele.

Ela parou e estudou a criatura. Enquanto hesitava, as quatro cabeças do demônio se viraram ao avistá-la. A cabeça do topo esticou sua boca anormalmente longa e seus olhos incandescentes

se focaram no inconsciente Fred. Com uma de suas pernas de inseto ele trouxe Fred para perto de sua mandíbula aberta.

Em um piscar de olhos, Kara arremessou a lâmina. Ela fincou no olho do demônio.

A criatura recuou a cabeça e gemeu. O som macabro de vozes mortas de humanos gritando em suas costas fez com que Kara titubeasse. Ele batia ao redor em tudo que podia alcançar. Fumaça branca subiu de onde a lâmina havia tocado a pele do demônio.

O demônio cambaleou para trás por um instante.

Então ele agarrou e arrancou a lâmina de seu olho. Ele jogou a lâmina longe e Kara a observou quicar no chão.

Sangue negro espirrou da órbita do demônio. As quatro cabeças soltaram um penetrante e agudo gemido que atacaram Kara como facas. Ela cambaleou, cobrindo os ouvidos e, quando estava prestes para cair, o grito parou.

Ela olhou para cima.

A criatura estava parada olhando pela ela. Kara viu uma macabra inteligência aparecer em seus olhos.

Ele se virou para outro lado, abriu todas suas bocas e cobriu Fred com um vômito de sangue negro ácido. Fred só teve tempo para soltar um pequeno murmúrio — então seu corpo se dissolveu e suas roupas flutuaram no chão, como folhas secas.

Então o demônio se virou e se concentrou em Kara. Ele inclinou a cabeça, como se a estivesse desafiando o próximo movimento dela.

Kara sacou duas Lâminas da Alma e as segurou com força em cada mão trêmula.

— Kara! Por aqui!

Jenny e Peter correram para a saída.

Sem hesitação, Kara correu de volta para os restos do demônio da sombra que Jenny havia matado e seguiu seus companheiros porta afora. Jenny e Peter correram escada acima.

— Espere! Por que estamos indo para cima! — gritou Kara. — Não deveríamos ir para *baixo*!

— Vi mais demônios da sombra para baixo. É melhor arriscarmos o telhado! — gritou Jenny.

— Você acha que é uma sábia decisão? — gritou Kara. Jenny não respondeu.

Eles subiram os dois últimos andares remanescentes e abriram a porta para o telhado.

Kara gritou, surpresa, caiu no chão, rolou para o lado e se levantou, ainda segurando suas duas Lâminas da Alma em suas mãos. Ela odiava o cabelo branco, pele cinzenta, vazios olhos

negros e os ternos cinzas dos três demônios superiores que estavam diante dela.

— Fique perto! — Jenny puxou outra flecha prateada e deu um passo ao lado dela. Kara ouviu um gemido e viu Peter recuar e se encaminhar para a beirada do telhado.

— O que temos aqui, irmãos? *Mais* três porquinhos? — riu o demônio superior mais próximo. A sua pele cinzenta se destacava contra o branco do pôr-do-sol entre os prédios. Os olhos dele eram buracos fundos. — O mestre ficará realmente muito satisfeito. Mais três outras *deliciosas* almas para a ceia.

— É melhor você fechar a boca, *monstro*... se tiver amor à vida. — Jenny sorriu e girou sua flecha prateada brilhante como se fosse um bastão. Ela se posicionou na frente dele.

Kara deu um passo para sua direita.

— Vou lhe mostrar o que fazemos com os porcos em nossa terra. — Ela empunhou suas duas lâminas. — Estou pensando em bacon canadense.

Um sorriso maligno surgiu no rosto do demônio.

— Sim, o mestre gosta dos combativos. Ele ficará muito satisfeito com vocês.

Jenny deu um passo adiante.

— Sobre o meu cadáver, monstro.

— Tudo bem, então, o seu desejo é uma ordem. — Ele estalou os dedos.

— Ahhhhh!

Jenny foi erguida no ar e foi puxada para trás, com o seu pescoço enrolado com força nas garras da nova raça de demônio que havia seguido-os pelas escadas.

Kara correu para frente, mas era tarde demais. Jenny gritou e chutou com todas suas forças. Os braços dela estavam livres e ela atacou a criatura repetidamente com sua flecha. Sangue negro espirrava das lesões múltiplas. Mas o demônio não soltava.

Kara falou um palavrão em pensamento. Como ela pôde ter se esquecido do demônio? Ela olhou horrorizada para Peter. Os olhos dele a lembravam os do pequeno elemental que ela tinha salvado — o rosto dele marcado por medo e lágrimas. Ela sabia que ele queria fugir.

Kara olhou de volta para os demônios superiores atrás dela.

O demônio mais perto dela sorriu.

— Oh... vejo que você encontrou o nosso novo mascote. Um pequeno experimento que o nosso mestre tem feito. Finalmente encontramos outra função para os pequenos mortais patéticos. Eles são muito mais úteis para nós como criaturas do Submundo. Quem diria que nós os usaríamos como nossos mascotes?

*Mortais?* Kara contorceu o rosto e se virou para olhar novamente a nova raça. Era como uma enorme massa de humanos desmembrados e carne de inseto. Ela se indagou se estava olhando para rostos de quatro mortais que foram cruzados com um demônio inseto. Ela teve calafrios de pena e medo.

— Vocês anjos entenderam tudo errado. Vocês são mais fortes do que estes pobres mortais. Por que vocês *os* servem? É realmente patético. Os anjos são escravos dos mortais. É risível. — O demônio riu, uma doentia risada úmida que novamente enviou calafrios pelas costas de Kara.

Os olhos dela se encontraram com os de Jenny. Ela hesitou diante da dor nos olhos de Jenny. Por um instante, Kara se lembrou do medo nos olhos de Brooke antes que os demônios superiores estraçalhassem o corpo dela em pedaços.

A boca de Jenny se moveu. Ela disse *socorro*.

— Não ouça o que eles dizem, Kara — gritou Peter. — Eles estão tentando nos distrair!

— Kara… — Uma estranha fome apareceu nos olhos do demônio superior líder. — o mesmo anjo Kara que atacou o nosso mestre? Bem, bem, bem. Isto é *muito* agradável.

Kara ignorou o demônio e se concentrou. O que ela poderia fazer sozinha contra três demônios superiores e uma nova raça? Era suicídio. Ela vasculhou seu cérebro por um plano.

— Ah, parem com isto, anjinhos... por que os rostos assustados? Só estamos nos divertidno. — Seus olhos negros estudavam Peter. — Você aí... na parede. Você tem todo o direito de estar apavorado. Você sabe que a morte está perto de você, não sabe? Você pode sentir isto em sua pobre alma de anjinho.

O demônio superior arremessou alguma coisa contra Peter. Ele gritou e caiu no chão.

— Peter!

Ao correr para ele, Kara pôde ver a fumaça negra se erguendo de uma lâmina negra que havia perfurado o estômago dele. Kara gritou de dor, enquanto agarrou o punho e puxou a lâmina da morte do abdômen dele. Ela jogou a lâmina fora. Ela pôde ver os furos que ela tinha queimado através das mãos em seu traje M-5.

— Ah, temos uma heroína entre nós. A famosa Kara Nightingale. — O demônio superior riu. Ele uniu as mãos atrás das costas e ergueu o queixo no ar. — Como eu adoro um bom espetáculo.

Ele ergueu a mão e, antes que Kara pudesse se dar conta do que estava acontecendo, ele havia arremessado outra lâmina direto no pescoço de Peter.

— Pare! — Kara lançou suas lâmina no demônio superior, mas ele a desviou facilmente. — É a mim que você quer — ela gritou para o demônio. — Deixe-o em paz!

Kara assistiu horrorizada enquanto o veneno da Lâmina da Morte se espalhou pelo corpo de Peter como veias de uma aranha negra.

Ela sabia que ele morreria em poucos segundos. Desesperadamente, e ignorando a dor em suas mãos, ela arrancou a Lâmina da Morte do pescoço de Peter.

— Venha, meu animalzinho — disse o demônio superior para a nova raça de monstro. — Você tem mais um porquinho aqui.

O demônio da nova raça pousou do lado dela. Kara empalideceu ao ver o buraco aberto no ombro direito de Jenny, onde costumava ficar o braço dela. A nova raça havia arrancado-o. Os lábios de Jenny tremiam e o corpo dela tinha espasmos.

O demônio superior deu um passo mais para perto de Kara.

— Você quer ver um espetáculo, Kara? Eu adoro espetáculos. Temos as nossas próprias apresentações teatrais em nosso mundo, sabe, com palcos e grande plateia. Os demônios adoram espetáculos. Mas geralmente desempenhamos melhor quando devoramos mortais na terra. Isto, minha cara, é puro divertimento. — Ele uniu as mãos. — Eu chamo isto de... *vendo sua amiga sofrer uma morte excruciante*... o que acha deste título?

— Não ouse! — gritou Kara. Suas mãos tremiam. — Toque-a e eu o matarei! Eu juro!

— Não acho que você possa nos deter, porquinha.

— Eu mato você! Eu juro que mato todos vocês! — O corpo de Kara tremia. A raiva cresceu dentro dela e ela sentiu algo a mais ser disparado. A princípio, ela pensou que fosse o traje M-5 energizando-se, mas então ela sentui um pequeno fluxo de poder

que ela reconhecia. Como ligar um interruptor — o que estava dormente dentro dela estava despertando. Kara sentiu isto bem em seu peito.

O demônio superior ergueu a cabeça e uivou como um lobo. Ele dançou no lugar. Ele lançou um sorriso malicioso para Kara.

— Preparem-se, irmãos, para outro grande espetáculo! — Ele olhou para a nova raça. — Mate.

A nova raça abriu sua gigantesca boca contorcida e trouxe o corpo de Jenny para perto.

*Kara, sinta o seu poder... libere-o*, disseram as vozes dentro da mente de Kara.

O corpo de Kara começou a tremer. Um calor se espalhou de seus dedões às pontas dos dedos. A visão dela se tornou mais nítida. Ela podia ver um brilho dourado ao redor do canto dos olhos dela. Seu ácaro rastreador caiu de seu ouvido. Ele pousou com um ruído alto e ficou imóvel.

*Você é elemental, Kara... liberte, liberte...*

O demônio ergueu Jenny.

A raiva dela alimentava seu poder. Ela o sentiu sobrepujando-a. Em sua mente, ela viu a silenciosa súplica de Brooke diante do demônio superior que a havia desmembrado — ela não podia deixar que isto acontecesse com Jenny. Uma ânsia por matar a inundou como um veneno — ela queria matá-los todos — estraçalhar seus

espíritos até que eles deixassem de existir. A raiva ficou represada dentro dela até consumi-la. Ela só enxergava morte. A morte da nova raça.

E sem pensar duas vezes, a mão direita de Kara se ergueu no ar, como se pensasse por conta própria. O corpo dela tremia, e um raio de luz dourada foi disparado de sua palma como o jato de um foguete.

A nova raça teve um espasmo e gemeu quando a luz dourada a envolveu. Ela soltou Jenny e desabou no chão, queimando em um amontoado sem vida de membros de insetos e rostos humanos.

Em um instante, o demônio havia sumido.

Kara observou suas mãos sem acreditar — vestígios da luz dourada percorriam suas palmas como uma corrente elétrica amarela. Ela sentia o poder elemental sendo drenado, enquanto a sua raiva diminuía.

— Tola! — Os demônios superiores correram em direção à ela.

Kara teve apenas um segundo para reagir. Ela estendeu a mão — e todos os demônios saltaram e saíram do caminho, meio que esperando que o feixe dourado os acertasse. Mas nada aconteceu.

Kara balançou a mão e tentou outra vez, desesperadamente, mas nada aconteceu.

Ela deu um pulo e correu para Jenny. Ela a levantou. Jenny cambaleou um pouco, mas abriu os olhos e parecia mais forte do

que Kara tinha pensado. Esperança preencheu Kara com nova energia.

Os demônios se inspecionaram. Eles se deram conta que não estavam feridos e atacaram novamente.

— Corra!

Kara arrastou Jenny para onde jazia o indefeso Peter em posição fetal. Kara sentiu pena dele. Ela se abaixou e o pôs sobre seus ombros como se ele não pesasse mais do que uma criança. Ela torceu para que a força do traje 5-M os salvasse agora. Era tudo que lhe restava.

Com Jenny e com Peter sobre seus ombros, Kara correu pelo telhado em direção à beirada do prédio. Ela esticou o pescoço para olhar para baixo em um beco escuro coberto por sombras antes de pular. Uma luz suave brilhava abaixo de um único poste de luz, fornecendo luz o suficiente para que Kara enxergasse o fundo. Ele ficava sozinho entre os altos edifícios de pedra. O duro chão de concreto estava a uns quinze metros para baixo, ela pensou. Ela rezou para que o traje M-5 aguentasse o pulo — e continuasse intacto. Ela sabia que, se acabasse como um tomate achatado no fundo, os demônios fariam um banquete com suas almas.

Kara ouviu o arrastar de botas atrás dela. Ela sabia que tinha apenas cinco segundos antes que os demônios superiores estivessem em cima deles. Usando toda a força que o seu traje mortal conseguia reunir, ela segurou o braço de Jenny e puxou. Ela

não olhou para trás. Ela suplicou pela força do traje M-5 enquanto caía.

Kara, Peter e Jenny se precipitaram no beco com um barulho ensurdecedor. Kara rolou — todos os seus membros ainda estavam conectados. Peter e Jenny estavam atordoados, mas bem.

Ouvindo o grito macabro de raiva dos demônios superiores cuspindo e silvando desde acima, Kara carregou Peter e Jenny para fora do beco e para as sombras.

## *Capítulo 8*

## *O poder interior*

**O**s boatos se espalhavam mais rapidamente na Divisão Contrademônio do que no resto da Legião. Antes que Kara tivesse tempo para entender o que havia acontecido, a maior parte da divisão tinha vindo para parabenizá-la por ter salvado Jenny e Peter dos demônios superiores. Ela sentia mais confiança dentro da unidade. Logo Jenny e Peter deixaram a Cura Express e estavam de volta no dever participando das conversas sobre o resgate deles. Cassiel, por outro lado, estava mais interessado em como Kara havia derrotado a nova raça de demônios e fugido.

— Então, este poder seu... esta luz dourada... foi disparada de sua mão e matou o demônio? — perguntou Cassiel, com um estranho entusiasmo em seus olhos castanhos. Ele se inclinou sobre a grande mesa, estudando Kara como se ela fosse uma bomba-relógio. Ele coçava o queixo. Ele olhou diretamente para Kara novamente. — Você acha que pode reproduzir isto para mim? Você consegue controlar isto?

Kara hesitou, então balançou a cabeça.

— Acho que não. Quando tentei fazer isto de novo... não consegui. Não sei como explicar. Não sei nem dizer como consegui fazer da primeira vez. Só... aconteceu.

— Hum. — Cassiel cruzou os braços. — Você acha que, com alguma prática, você seria capaz de fazer de novo?

Kara encolheu os ombros.

— Hã... acho que sim.

Mas, interiormente, ela não estava tão certa que seria capaz. Ela só tinha feito isto duas vezes antes — uma com a criança elemental contra o senhor dos demônios, Asmodeus, e agora contra a nova raça de demônio. Ela começou a se sentir ansiosa. Cassiel esperava que ela fosse capaz de fazer isto novamente, como se fosse uma tarefa simples como andar de bicicleta. Ela se indagava se deveria dizer *não* para ele. Ela ainda continuaria como parte da DCD?

Mas tudo fez sentido para ela agora. Jenny havia dito que a maioria dos guardiões da DCD tinha algo de especial. Kara sabia agora porque estava ali — ela deveria usar seu poder elementar contra os demônios. David não foi escolhido porque ele não possuía uma habilidade única como a dela.

Cassiel uniu as mãos.

— Muito bem, então! Vamos começar!

Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou, com um sorriso aberto no rosto. Seu grande corpo se elevava sobre todos os demais.

— Gabriel concordou em nos deixar usar uma de suas tendas em Operações para praticarmos. Precisaremos de espaço, acho.

Ele olhou para Kara e se virou para encarar os outros.

— Jenny. Peter. Al. Devon... quero que vocês venham conosco. Vejamos se podemos ajudar a Kara a convocar seus poderes. De pé, guardiões. — Cassiel se moveu facilmente por entre as cadeiras e mesas e se encaminhou para o elevador.

Kara o observou se afastando. O medo a deixava pesada. Já era ruim o bastante que Cassiel esperasse que ela fosse capaz a usar seus poderes; agora ela teria plateia.

Também não seria fácil se livrar de toda a atenção para procurar pela alma de sua mãe. Ela ainda não sabia onde procurar, mas sabia que tinha pouco tempo. Obviamente, Asmodeus não havia sido derrotado, pelo contrário, estava por aí, e ele estava usando a alma de sua mãe como isca. Ela sabia que teria de mordê-la em algum momento.

Ela viu uma cabeça com cabelo roxo saltitando na direção dela.

— Ei... e aí, garota? Está tudo bem? Você parece um pouco avoada. — Jenny e Peter pararam na frente dela.

— A sua cara está pálida — comentou Peter. — Você quer que a levemos para a Rafael? Inclusive, a mulher não para de falar em você. É como se ela estivesse obcecada pelo seu bem-estar.

— Sim, é bizarro — Jenny arregalou os olhos.

— Não. Estou bem. Obrigada. — Kara forçou um sorriso.

Ela suspirou e olhou para Jenny.

— Na verdade, não estou bem — ela sussurrou. — Não sei se posso fazer isto de novo. Aquele... aquele poder. Não sei como convocá-lo. E Cassiel acha que eu posso.

— Não se preocupe muito. — Jenny deu uma risadinha. — Venha... estou certa que dará certo. Cass é legal. Ele não vai ficar bravo se você estiver com dificuldade. Ele é um dos caras bons. Ele é muito paciente, confie em mim. — Kara se indagou o que Jenny devia ter feito para testemunhar a paciência de Cassiel.

Kara pensou em contar para Jenny e Peter toda a verdade. Ela se perguntou se poderia confiar verdadeiramente neles com o conhecimento sobre a alma de sua mãe. Apenas David sabia, além dos arcanjos, e agora mesmo ela precisava de amigos mais do que nunca. Ela puxou Jenny e Peter pelas mãos e os puxou para perto dela num círculo.

— Tenho algo para contar para vocês — ela sussurrou, e olhou por sobre o ombro.

— O quê? — disseram Peter e Jenny ao mesmo tempo.

— Vocês têm de me prometer que não vão contar para ninguém.

— Prometemos — disse Jenny, com os olhos arregalados e brilhando como joias.

Kara estreitou a vista.

— Certamente vocês ouviram o que aconteceu meses atrás. Comigo, com a criança elemental, a missão de vida...

— Sim. Você deu um pau em Asmodeus! — disse Jenny.

— Shhh! — Kara olhou por sobre o ombro. — Escutem. Acho que ele está de volta...

— Amosdeus? Tem certeza? Como você sabe? — Peter ergueu os óculos no nariz com uma mão trêmula. Kara pensou por um minuto que ele poderia dar com a língua nos dentes.

— Quase certa. E acho que ele pegou a alma da minha mãe.

Tanto Jenny quanto Peter ficaram em silêncio por um instante. Kara se indagou se havia feito a coisa certa ao contar para eles. Uma ponta de arrependimento começou a surgir, então Jenny e Peter se entreolharam e sorriram, e ela compreendeu que tinha sido correto confiar neles.

— Então o que *vamos* fazer quanto a isto? — Jenny ergueu as sobrancelhas e abriu um amplo sorriso.

Kara estava aliviada. E ela sentiu um peso sendo erguido de seus ombros.

— Estava torcendo para você dizer isto. — Kara não conseguia evitar de sorrir.

— Os arcanjos sabem que a alma da minha mãe está desaparecida. Mas eles não vão procurar por ela porque a prioridade principal deles é encontrar quem está matando os guardiões, e não uma alma desaparecida. Então terei de procurar por conta própria. Preciso encontrar um meio para escapar da sessão de prática — e ir procurar por ela.

O olhar de Peter se moveu de Jenny para Kara e para as muitas outra pessoas ao redor deles.

— Ela poderia estar em qualquer lugar — ele disse. — Você tem alguma ideia de onde poderia estar? Se tivéssemos uma localização, seria muito mais fácil.

Kara deu de ombros.

— O único lugar que consigo pensar... é no reino dos demônios.

Peter pareceu não tê-la escutado.

— Asmodeus está usando a alma da minha mãe como isca. Tenho certeza disto. É a mim que ele quer, não a minha mãe... provavelmente para me matar. Ele está ameaçando destruir a alma da minha mãe... não posso deixar que isto aconteça. — Subitamente, Kara se deu conta que estava quase gritando, e lutou para controlar suas emoções. Ela abaixou a cabeça e ignorou os olhares indagadores que ela recebeu dos AGs que passavam.

Os olhares dela e de Jenny se encontraram.

— Vou ajudá-la. Vamos encontrar a alma da sua mãe.

Peter se inclinou para frente.

— Vou começar a procurar nos monitores holográficos quando retornarmos. Podemos começar a procurar por qualquer tipo de anomalias estranhas que estejam acontecendo.

— Vamos encontrá-la, não se preocupe. — Jenny pôs a mão sobre o ombro de Kara. — Você salvou as nossas vidas, garota. Isto é o mínimo que podemos fazer para retribuir.

— Ela está certa. Não estaríamos aqui se não fosse por você, Kara. — O rosto de Peter se contorceu, e um sorriso nervoso surgiu em seus lábios.

Kara concordou. Ela não tinha como explicar como tinha feito isto. Tudo que ela sabia era que resgatá-los tinha sido a coisa certa a ser feita. Não havia como explicar o que havia acontecido de fato. O poder elemental dentro dela era indomável e intenso — e queria matar. Kara não se sentia confortável em dizer isto para qualquer um.

— Temos de ir — Jenny os exortou. — Estamos sendo observados.

Um grupo de guardiões olhava para eles com suspeitas, e Kara percebeu quão sozinha ela estava. Apesar de o Nível Cinco ser uma

divisão especial, os guardiões não eram diferentes do restante da Legião.

Eles caminharam para o elevador em silêncio. Kara torceu para que ela encontrasse um modo para distrair Cassiel e os outros por tempo o suficiente para dar uma escapada.

O grupo caminhou por entre as dunas vermelhas e se encaminharam para as tendas azuis onde os anjos praticavam suas habilidades de combate. Kara se indagou se iria praticar ao ar livre. Não seria uma coisa ruim, pois nada iria acontecer de qualquer modo.

Cassiel caminhou graciosamente para dentro de uma tenda e puxou um banco de madeira.

— Kara, fique parada no meio... — disse Cassiel. Ele posicionou o banco de madeira a uns seis metros dela. Ela recuou, para além das bordas do círculo de combate, e pôs as mãos nos quadris.

— Até mais tarde. — Jenny e Peter se afastaram de Kara e caminharam em direção a um banco no extremo oposto da tenda. Jenny sentou-se com um ruído alto e ergueu as pernas. Seus coturnos brilhavam sob o sol. Ela acenou para Kara.

Kara fez o que lhe foi dito.

— E agora? Só fico parada aqui assim? — Ela deixou os braços penderem ao seu lado. Ela se sentia uma completa idiota. Já era bastante ruim que Cassiel e alguns membros da DCD a

observassem, mas agora outros AGs tinham parado de praticar e estavam observando-a também.

— Tudo bem — Cassiel segurou as mãos diante de si. — Vamos tentar. Quero que você se concentre, Kara. Tente se lembrar como você convocou este poder... e uma vez que consiga... tente mirar em direção ao banco. Vai, agora. Tente.

Kara olhou para o banco de madeira. Ela se indagou por quanto tempo teria de praticar. Ela considerou suas opções. Ela deveria tentar, ou pelo menos fingir que estava tentando, mesmo sabendo que não conseguiria liberar a energia elemental. Depois de um longo tempo encarando o banco, ela ergueu os braços e mirou suas palmas para ele. Ela tentava desesperadamente se lembrar o que havia deflagrado o poder. Nada aconteceu. Ela se sentiu tão estúpida e inútil.

— Kara. Esvazie a sua mente e se concentre no poder elemental que você tem dentro de si... procure por ele aí dentro. Você consegue fazer isto. Já fez antes. Agora, concentre-se!

Kara fechou os olhos e se concentrou. Ela buscou em si por vestígios de poder elemental, mas o devastador fluxo de poder que ela reuniu ao lutar contra a nova raça parecia ter desaparecido. Ela sabia que estava dentro dela em algum lugar, ela sentia isto. Era como uma energia indomável alimentada pela emoção — quanto mais selvagem e intensa a emoção, mas provável que o poder elemental viesse à tona. Mesmo assim, ela não tinha acesso a ele agora.

Ela tentou acessar aquelas emoções.

*Onde vocês estão, rapazes?* Ela sussurrou dentro de sua mente. *Preciso de vocês agora. Não me façam pagar um papel de palhaça. Por favor! Ajudem-me!* O corpo de Kara tremeu, enquanto ela se esforçava para acessar um pequeno fragmento do poder que ela sentia estar escondido dentro dela. Ela empurrou com toda sua força. Mas nada aconteceu.

Kara abriu os olhos e relaxou os braços.

— Eu lhe disse que não consigo! — Ela olhou para as palmas de suas mãos. — Não posso acessá-lo É como se eu não o controlasse. Não posso convocá-lo...

Gargalhadas súbitas vieram dos guardiões que a observavam. Al e Devon sussurraram um para o outro e riram de Kara novamente. Raiva brotou dentro dela.

Cassiel caminhou em direção a Kara.

— Você precisa relaxar. Vá com calma. Pare de se preocupar que não consegue, e tente se concentrar onde ele está. Você pode senti-lo, não pode?

Kara começou a se arrepender desta sessão de prática. Al e Devon tirando sarro dela só fazia com que piorasse. Ela odiava ser o centro das atenções. E com Cassiel a obrigando, ela só queria ir embora. Mas ela sabia que não podia — pelo bem-estar de sua mãe.

Ela encarou Cassiel e deu de ombros.

— Mais ou menos. Consigo sentir um formigamento aqui dentro, mas não consigo alcançá-lo.

— Você se lembra de como se sentiu da primeira vez que aconteceu? — perguntou Cassiel. — Você estava com medo... ou com raiva? Você pode tentar acessar estas emoções? Acho que ajudaria.

Kara observou suas mãos.

— Claro. Posso tentar.

— Bom. Vamos tentar novamente. — Cassiel se virou e caminhou de volta para o grupo.

Kara coçou a testa e ergueu os braços novamente. Ela fechou os olhos e voltou para o seu encontro com Asmodeus. Ela se lembrou do medo que sentiu — e da raiva. Uma sensação de calor começou a fluir.

*Por favor, rapazes, não me desapontem*, ela sussurrou.

O calor começou a crescer e continuou se espalhando. Mas tão rapidamente quanto surgiu, ele sumiu.

Outras risadinhas atingiram seus ouvidos.

Kara se sentia humilhada e cansada. Por quanto tempo ela teria de ficar ali como uma idiota com os guardiões rindo dela? Ela ouviu um ronco alto — eles queriam que ela fracassasse. Ela fechou os

punhos e apertou. Ela não lhes daria este prazer. Ao inferno com eles.

Mas nada aconteceu. A equipe da DCD se dispersou depois de um tempo e estavam todos conversando e rindo entre si. Apenas Cassiel parecia disposto a ajudar Kara. Ele uniu as mãos, enquanto caminhava ao redor de Kara.

— Tudo bem... vamos tentar novamente.

— Cassiel, estamos aqui há *horas* — disse Devon. Ele se levantou e voltou sua atenção para Kara. — É óbvio que ela não *consegue* fazer nada. Ela não é nada de especial. Ela é inútil e está desperdiçando o nosso tempo...

— Lave a sua boca, seu *imbecil*!

Kara olhou para cima. E seus olhos se encontraram com os de David. O corpo dela estremeceu. Ela viu ele se encaminhar até Devon e Al. Ela não havia se dado conta até aquele momento o quanto tinha sentido falta dele.

Devon se endireitou, enrijeceu os ombros e caminhou em direção a David. Kara reparou que ele era pelo menos uma cabeça mais alto do que David, e muito mais corpulento.

— Você me chamou de imbecil? Quem diabos é você? Você é apenas um insignificante oficialzinho? — Kara não gostou do jeito que ele disse oficialzinho, como se tivesse algo amargo na boca. Devon ergueu as sobrancelhas para David, e olhou para ele com um

misto de desdém e surpresa. — Eu poderia esmagá-lo como um inseto, rapaz, por causa da sua língua. Sua pequena larva!

— Grandes palavras para um grande *imbecil*. Você pensou nisto sozinho, ou o seu comparsa aqui o ajudou com a fala. — David chegou mais perto de Devon e mostrou os dentes. Ele olhou Devon de cima a baixo e ergueu as sobrancelhas. — Cara, o que vocês andam comendo no nível cinco? Você é imenso!

— É melhor você sair da minha frente, se tiver amor à vida. — Devon se elevou sobre David, com o rosto franzido.

— Não posso fazer isto — zombou David, com seus olhos cintilando maliciosamente. — Veja bem, ninguém fala mal de Kara quando eu estiver por perto. E agora vou ter de chutar a sua bunda, grandalhão. — Ele estufou o peito.

Apesar de tudo, Kara sorriu. Ela encarou David momentaneamente e ele piscou para dela.

Al empurrou Devon para o lado e parou na frente de David.

— Por que você não dá no pé, baixote... — ele fez um gesto com sua mão a poucos centímetros do rosto de David. — ... isto aqui é assunto oficial da DCD. O seu cérebro *simplório* de oficial não pode lidar com isto. Cai fora.

David deu um tapa na mão de Al, afastando-a, e deu um passo adiante até que seus rostos estivessem a poucos centímetros de distância.

— Por que você não cai fora, sobrancelhudo. Vou ficar onde eu quiser. — David sibilou e seu sorriso se tornou predatório. Ele endireitou os ombros.

Kara começou a se sentir ansiosa. Ela não tinha como não se sentir agradecida por David a defender. Mas ela não queria que ele se metessem em problemas ou arruinasse suas chances de ser aceito na DCD. Ela olhou para Cassiel por auxílio, mas ele só ficou parado com os braços cruzados e com uma estranha expressão de contentamento no rosto. Ele olhou para ela momentaneamente e então de volta para a luta. Ela não tinha certeza se Cassiel estava satisfeito em ver David defendendo-a ou de ver as suas tropas intimidando David. Kara pensou em jogar um pedra para arrancar a cara dele de satisfação.

— David, esqueça — Kara suplicou. — Sério, está tudo bem. Sem problemas.

Devon se enfiou entre Al e David.

— David, é? O mesmo David que tem tentado entrar na DCD há... desde sempre? — Ele zombou. — Veja, Al. Este é o perdedor de quem todos riem na unidade.

— Cale a boca, Devon. — Kara estava com raiva. Ela sabia o quanto a divisão significava para David. Isto não era justo.

O franzir de cenho de David se aprofundou.

— Me chame de perdedor mais uma vez e você verá o que um baixote pode fazer com a sua cara horrível.

Al ergueu a sua mão direita momentaneamente e a fechou em punho.

— Nós *esmagamos* perdedores como diversão...

— Pare! — gritou Kara. O corpo dela tremia. — O que há de errado com vocês!

Devon se virou para Kara.

— Fique fora disto, sua esquisitona.

Por um instante, Kara apenas encarou Devon. Ela queria ter um pedra para jogar nele.

— Cassiel! — gritou Kara. — Faça alguma coisa!

Cassiel olhou para Kara. Um sorriso se materializou em seu rosto. *O que tem de errado com ele*, ela pensou. Era como se ele estivesse feliz com o que estava acontecendo. Não fazia sentido algum.

— Use seus sentimentos, Kara, e os direcione para o banco. — O olhar de Cassiel era intenso. Ele levantou os braços no ar. — Use esta raiva! Vai! Vai funcionar. Vai agora!

— O quê? Agora? Você não pode estar falando a sério. — Ela não era nenhum circo dos horrores — Cassiel não se importava com ela, ele se importava apenas com o seu poder. Kara viu como Cassiel estava tentando provocá-la, mas ele não tinha ideia de quão poderosa e incontrolável ela realmente era.

Kara viu algo negro e pontudo deslizar na manga de Al e repousar na mão dele. Brilhava na luz como um diamante negro — uma Lâmina da Morte, Kara constatou horrorizada. Como ele podia ter uma lâmina demoníaca em Horizonte? O peito dela se apertou. Al ia esfaquear David com ela.

— Pare! — ela gritou de novo.

Raiva brotou dentro dela. O corpo dela tremia. Ela sentiu um líquido fervente invadindo o seu âmago. A visão dela se tornou mais nítida. O calor se espalhou por ela do topo da cabeça até os dedões dos pés. Os dedos dela ardiam. Ele vazava pelos poros dela, como gotas de suor. O poder feroz queimou através dela, como um animal selvagem tentando se livrar de seu cativeiro. Ele queria ser libertado.

O rosto de David estava lívido. Ele empurrou Devon.

— Eu lhe disse para lavar a boca!

Al apertou os dedos ao redor do punho da lâmina. Ele a aprontou na mão.

O corpo de Kara se retesou. Ela piscou e o mundo diante dela assumiu nuances douradas. Ela ergueu as mãos, dois feixes dourados foram disparados de suas palmas e Kara foi propelida para trás com força intensa.

Os feixes acertaram Al. Luz envolveu o corpo dele como fitas douradas até que ele foi coberto completamente. Ele gritou e o

corpo dele teve convulsões. Ele ficou estático e caiu imóvel no chão. Ele não emitiu nenhum som.

— Você o matou! — gritou Devon. Ele apontou para Kara com uma mão trêmula. — Ele está morto! Você o matou, sua *aberração*! — ele se ajoelhou ao lado do amigo, com os olhos arregalados de terror.

Kara olhou para suas mãos e balançou a cabeça.

— Eu... eu sinto muito... foi um acidente! Não queria fazer isto.

Ela fechou suas mãos trêmulas em punhos. O poder elemental oscilou dentro dela por um instante, então se dissipou. O choque do que ela tinha feito a oprimiu. Isto não deveria acontecer. Ela sabia que era ruim, muito ruim. Como ela pôde ter feito isto? Por que ela não conseguiu controlar? Desespero e raiva ardiam dentro dela.

Ela olhou para o chão ao redor do corpo de Al. A lâmina havia desaparecido. Ela se deu conta que alguém a havia pego.

Cassiel correu em direção ao corpo de Al. Ele apertou as palmas no peito dele. Luz branca iluminava suas mãos, como se pequenas lâmpadas estivessem grudadas em suas palmas. Mas, depois de um tempo, a luz se apagou e ela virou o rosto para Devon com uma expressão preocupada.

— Ele não está morto, mas está severamente ferido. Precisamos levá-lo para Rafael imediatamente.

Kara observou enquanto Cassiel ergueu o corpo de Al como se pesasse menos que uma pena. Ele passou por Kara e o carregou para fora da tenda. Ele não olhou para ela.

Devon caminhou até Kara. Os olhos dele reluziam perigosamente.

— Você pagará por isto, aberração. Não me importo com o que os arcanjos falam sobre você... você é perigosa e não confio em você. Seus dias estão contados.

Kara não respondeu. Devon chutou areia com sua bota e acertou o rosto dela com ela. Então ele se virou e seguiu atrás de Cassiel.

Kara limpou de si a areia vermelha. Ela não conseguia parar de tremer. David correu até ela.

Kara olhava fixamente suas palmas abertas e esticou os dedos — estas eram as mãos de uma assassina. Ela as fechou em punhos. Ela tremia.

— E... ele tinha uma lâmina, uma Lâmina da Morte, David. Eu vi. — A voz dela era trêmula e ela não tentou esconder isto dele. — Ele ia esfaqueá-lo com ela.

David segurou a mão dela e a apertou delicadamente.

— Está tudo bem. Acredito em você. — Ele estreitou os olhos. — Onde está a lâmina agora?

Kara balançou a cabeça.

— Eu... eu não sei. Sumiu. Juro que ele portava uma!

David ficou quieto por um instante. Ele soltou a mão de Kara e penteou o cabelo com seus dedos. — Isto quer dizer que não podemos mais confiar em ninguém. A DCD foi violada. Como sabe quantos demônios espiões há na Legião? Agora mesmo temos problemas maiores... sem a faca, ninguém vai acreditar na gente.

— Isto é ruim... não é, David? — Ela se perguntou o que a Legião faria com ela.

Ela já havia pisado na bola antes, mas isto era o pior. Ela não pensava que eles seriam compassivos desta vez.

— Sim. Isto é *realmente* ruim — David respondeu.

## *Capítulo 9*

## *Julgamento*

**K**ara se sentia como uma abominação. Rostos franzidos sussurravam quando ela passava a caminho para a câmara do alto conselho. Anjos da guarda espreitavam nas portas, observando-a. Era como se ela estivesse marcada novamente. Mas, desta vez, era muito pior, ela constatou. Ela havia quase matado um anjo. Ela era uma aberração. Um monstro. Ela se indagava se verdadeiramente pertencia a Horizonte. Aberrações e anjos não vivem juntos aqui. Qualquer fosse a decisão deles, ela sabia agora quanto era diferente de todos os outros anjos. A princípio, ter uma parte elemental fazia com que ela se sentisse especial, única, mas agora ela se sentia mais como uma assassina do que qualquer outra coisa. Ela torceu para que o conselho acreditasse que tinha sido um acidente.

Kara se arrastou atrás do oráculo, com a cabeça baixa. Ela se lembrou do rosto sorridente de sua mãe quando ela vinha beijar a testa de Kara antes de ela ir para a escola. Kara sempre se esquivava, constrangida, mas no fundo ela adorava isto. Ela se lembrou da encantadora voz de sua mãe cantando canções de Ella Fitzgerald. Sua pele sempre se arrepiava. Seu peito se apertou, e

ela se deu conta que sentia dolorosamente saudades de sua mãe. Como ela poderia salvar a alma de sua mãe? Asmodeus a mataria — e tudo era culpa dela.

— Venha, senhorita Clara. Não preste atenção neles. — disse o oráculo. Os pés descalços dele caminhavam sobre sua bola de cristal. — O que aconteceu não pode ser desfeito... já vi isto muitas vezes antes... mas vai passar. Não se preocupe.

Os rosto do oráculo se contraiu em incontáveis rugas, enquanto ele sorria calorosamente para ela, como se fosse uma uva passa. Mas Kara olhava para o chão enquanto caminhava, com os lábios selados. Ela continuou revivendo os eventos dentro de sua cabeça, desejando que ela houvesse se controlado, ou pelo menos avisado-os da faca. Al ia esfaquear David, ela havia visto. Raiva inundou seu peito. Sua parte elemental havia agido por conta própria para proteger David. Ela queria matar Al. A força elemental que fluía dentro dela era tanto parte dela quanto ela era dela — eles eram uma entidade única — e ela tinha consciência de que tanto ela quanto a força elemental tinha vontade de matar.

Ela era uma assassina? Quem era ela?

Ela manteve a cabeça baixa. Não tinha confiança de olhar para cima e encontrar os olhares de repulsa que se espalhavam pelos rostos da Legião enquanto ela passava.

Risinhos alcançaram seus ouvidos. Devon estava parado na grande porta de metal. Ele estava cercado por um grupo de campo

da DCD. Kara reconheceu seus uniformes negros. Ela se indagava por quanto tempo ela continuaria vestindo o seu.

— Eu lhe disse que você pagaria por isto, *aberração*. — ele sussurrou para Kara. — Eu nunca gostei de você e sempre soube que havia um cheiro repulsivo de você. E eu estava certo! Você fede a demônio. Você será banida para sempre! Ou melhor ainda... a sua alma será destruída! — Os seus comparsas balançaram as cabeças enquanto resmungavam em consenso. Kara manteve os olhos baixo. A humilhação era demais para aguentar.

— Ele... ele tinha uma Lâmina da Morte! Eu vi. — Kara gritou.

— Uma Lâmina da Morte? — Devon riu. — Você ouviu isto, rapazes? Ela disse que viu um *Lâmina da Morte*. — Kara recuou enquanto seus comparsas riram histericamente. Ela fechou os punhos.

Devon deu risinhos.

— O quê? Você vai me dar um soco? Quer me matar também, aberração. — Ele olhou furiosamente para Kara, com seus olhos brilhando ameaçadoramente. — Então onde está a lâmina, hã?

Kara não respondeu.

— Está certo — continuou Devon e ele avançou perigosamente para Kara — não *há* lâmina. Você inventou isto, garotinha estúpida. Não pense que o conselho vai acreditar nas mentiras que vem da boca de uma traidora. Você está ferrada.

— Sim... você já era — disse um dos anjos homens que Kara não reconheceu.

— Aberração! — disse uma anja incrivelmente bonita com cabelo louro comprido. Ela riu de Kara.

— Demônio!

Kara lutou para controlar o seu tremor. Ela não queria que eles vissem quanto as palavras deles a afetavam.

Em um movimento suave, o oráculo manobrou sua gigantesca bola de cristal, atravessando o grupo. Ele gesticulou com as mãos no ar.

— Mova agora! Mova. O conselho não vai esperar. — E, com isto, o oráculo abriu a grande porta de metal.

Ele derrapou alto enquanto rolava na curva. O cheiro de concreto e ar parado atingiu o nariz de Kara. Ela abaixou a cabeça e seguiu o oráculo pela porta. Mas assim que ela saiu da entrada alguém tropeçou nela, e Kara caiu duro de barriga com um *tum* alto. O som rasgou através do silêncio sombrio da câmara como uma faca.

Kara ergueu a cabeça lentamente e se virou. Devon estava parado na porta. Seus comparsas se reuniram atrás dele e riam como um grupo de chacais. Ele ergueu o dedo indicador e fez um movimento passando-o pelo pescoço.

— Por favor, feche a porta, oráculo — disse uma voz estrondosa.

— Oh, puxa! Oh, puxa! — A bola de cristal rolou pelo chão de mármore, esmagando pequenos grãos de areia. O oráculo envolveu sua pequena mão ao redor da grande maçaneta de cobre e fechou a porta.

Pequenos espamos irromperam por todo o corpo de Kara, enquanto ela se levantava. Ela tentava controlar os nervos. A câmara parecia ser exatamente como ela se lembrava. Ela estava em uma grande sala oval com um domo de vidro, através do qual entrava luz no topo. O céu azul claro elevou um pouco seu ânimo.

Ela voltou a atenção para o conselho. Os arcanjos estavam sentados ao redor de uma mesa negra em semicíruclo que brilhava sob a luz.

Ela sabia que ela devia parecer uma tola para o conselho. Ela olhou para os rostos deles. Sete expressões sombrias a encararam de volta. O choque de ver o rosto franzido de Uriel quase fez com que ela desmaiasse. Ela torceu por compreensão dele. Parecia para Kara que todo o conselho concordava com Devon. *Este poderia ser o meu último dia aqui*, ela sussurrou para si mesma.

Uma tosse suave chamou sua atenção e ela foi atingida por uma tremenda gratidão súbita. Jenny, Peter e David estavam sentados na segunda de uma vintena de fileiras de bancos de madeira que estavam em ângulo ao redor da câmara, como assentos de uma arena. As pernas de Jenny balançavam sobre a primeira fileira. E Peter fez joia para ela com os polegares. Mas o ar desafiador deles não ocultava o medo de seus olhos. Kara também sentia isto também.

David se levantou e apertou as mãos ao redor do encosto do banco de madeira da frente. Ele fez com a boca *vai ficar bem* para Kara.

Kara reconheceu os arcanjos Cassiel e Gabriel sentados na primeira fileira, do lado oposto de seus amigos, Eles estavam conversando e não olharam para cima.

Ela caminhou para o banco solitário diante dos membros do conselho. O som de suas botas ecoaram pela câmara. Ela pensou que enloqueceria com o silêncio. O mistério fazia com que sua pele e os pelos de sua nuca se arrepiassem. Finalmente, ela chegou até o banco e deu um passo diante dele. Ela ergueu os olhos e encontrou o olhar de Uriel.

— Encontramo-nos novamente, Kara Nightingale — disse Uriel, com sua incomum voz musical. Seu cabelo marrom-escuro brilhava sob a luz suave que vazava do domo de vidro acima. — E me entristeço em dizer que não é em boas condições.

Kara abaixou os olhos. Ela se sentia tonta. A sala começou a girar e ela sentiu o seu corpo pesar um pouco. As palavras de Uriel reverberaram em seus ouvidos. O que iria acontecer consigo, ela se indagou. O som de uma cadeira sendo arrastada no chão chegou até ela. Ela ergueu o olhar novamente.

— O conselho foi informado de uma certa situação. — O traje dourado de Uriel balançava enquanto ele se levantou, ondulando até seus tornozelos, como pequenas ondas douradas. — Todos sabíamos o tipo de risco que estávamos correndo ao aceitar alguém

com poder elemental de volta ao nosso mundo. Na verdade, assim que confirmamos que você tinha este poder indomável dentro de si, acreditamos que poderíamos utilizá-lo a nosso favor... que tínhamos algo que poderíamos controlar... algo mais poderoso do que os demônios.

Uriel parou por um instante e fitou a mesa. Ele olhou para cima de novo.

— Tínhamos grandes expectativas sobre você, Kara. Pedimos ao arcanjo Cassiel para ajudar a desenvolver e controlar seus talentos. Nunca pensamos que você poderia machucar outro anjo...

— Mas eu não tinha intenção! Foi um acidente! — Kara disse antes que pudesse se deter.

Uriel ergueu a mão para que ela se calasse.

— Até que investiguemos este assunto, sinto em informá-la que você não pertence mais à Divisão Contrademônio. Você não terá mais acesso ao nível cinco. Portanto, você será despojada de seu título e banida para a prisão dos anjos, o Tártaro. Você não será mais uma guardiã da Legião. Você não terá contato direto com anjos em Horizonte a não ser com alguns oficiais designados e os carcereiros. Deste momento em diante, Kara Nightingale você está exilada e banida aos confins do Tártaro.

— O quê! — protestou Kara. A cabeça dela girava. — Mas foi um acidente! Juro que não queria ferir ninguém.

— Isto não é justo — gritou Jenny atrás dela, e Kara se virou. — Somos testemunhas! Vimos o que aconteceu... Al ia esfaquear David. Ela só o estava protegendo!

— BASTA! — rugiu Uriel. A câmara tremeu. Poeira e pequenas partículas de pedra caíram sobre Kara.

Ele se virou para Jenny.

— Você só é permitida a falar quando for convocada para isto. Outra manifestação como esta e você será lançada para fora da câmara. Está claro?

— Sim, arcanjo Uriel. — Jenny baixou a cabeça e se sentou. Kara e Jenny trocaram sorrisos.

— O que você tem para dizer em sua defesa, Kara Nightingale? – perguntou Uriel. — O conselho está ansioso por uma explicação.

Kara revirou sua mente, relembrando os eventos.

— Foi um acidente. Juro. Eu... eu estava tentando convocar meu poder... se você preferir chamar assim... e nada estava acontecendo. Cassiel me disse para tentar e tentar acessar as emoções que senti durante as vezes que funcionou. Então eu estava tentando... e David apareceu. Houve uma discussão entre Devon e Al. Então vi uma Lâmina da Morte na mão de Al. Ele estava indo machucar David.

Ela olhou para baixo antes de continuar.

— Então apenas... aconteceu. Apenas aconteceu. Não queria machucar ninguém, juro que não queria. Mas eu não podia deixar que ele ferisse o meu amigo.

Kara olhou nos olhos do conselho. Dúvidas eram refletidas de volta para ela, sem compaixão. Eles não acreditavam nela.

Ela deu um passo adiante e tentou parecer o mais sincera possível. Seu lábio inferior tremia.

— Juro para vocês. Não queria fazer isto. Foi um acidente. Por favor, preciso ser autorizada na Legião para encontrar a alma da minha mãe... ela precisa de mim. Preciso encontrá-la. Vocês não podem fazer isto comigo agora. Por favor. Não é justo.

— Onde está a lâmina agora? — Uriel olhou para ela com suspeitas.

Kara se encolheu e balançou a cabeça.

— Eu... eu não sei. Sumiu. Não consigo explicar isto. Mas eu a vi, juro que vi.

— Já ouvi o suficiente as mentiras dela! — O arcanjo Zadkiel a interrompeu. A voz dele estava cheia de desgosto. — Ela é uma abominação! Um demônio que mente e tenta nos enganar ao mascarar uma garotinha. Não acredito nela!

Kara sentiu uma dor aguda com as palavras dele. O estômago dela se contraiu. Ela havia fracassado com sua mãe. Como ela a alcançaria agora?

— Eu... eu... eu sinto muito — Kara gaguejou e recuou. — Foi um...

Ele bateu o punho na mesa. Seu dedo gigante apontava para Kara.

— Eu sempre soube que você era uma traidora! Sorrateiramente infiltrando-se nos sentimentos dos nossos irmãos e irmãs... como uma ladra na noite.

— Basta, Zadkiel. Precisamos investigar este assunto mais detalhadamente antes de fazer qualquer acusação — disse outro arcanjo com cabelos ruivos cacheados longos.

Zadkiel tremia de raiva.

— Você sempre foi muito mole com ela, Camael. Vejo agora que a criança o enfeitiçou. Imundície demoníaca!

Kara se encolheu.

— Não sou um demônio — ela resmungou. Ela ergueu a voz sobre a discussão. — Não sou um demônio! — ela gritou novamente.

Zadkiel se inclinou sobre a escrivaninha e olhou para Kara. Seus olhos cintiliavam com raiva.

— *Você* é uma cria de demônio! — Ele silvou. — Você deve morrer!

Do que ele estava falando? Kara se virou e encontrou os olhos de David. Ele parecia tão confuso quanto ela. Ele deu de ombros e balançou a cabeça.

Relutantemente, Kara olhou para Uriel. Não havia ternura nos olhos dele.

— O que isto quer dizer? Não compreendo? — A garganta dela se apertou.

Uriel uniu as mãos. Rugas profundas cruzaram sua testa como couro grosso. Ele ficou em silêncio por um instante, com sua atenção em outro lugar.

Finalmente, ele respondeu.

— Não poderíamos saber disto antes. Não vimos os sinais... até que eles se revelaram. Mas agora estamos certos disto. Não há erro. Sua parte elemental... temo... não é angelical.

Kara ouviu suspiros atrás dela. Ela os ignorou.

— O que você quer dizer, não é angelical? Eu pensava que os elementais eram parte mortal e parte anjo?

— Sim — respondeu Uriel — normalmente é este o caso. Mas, com você... não é.

— Não entendo? O que você está tentando dizer? — Ela sentiu um misto de frustração e medo crescendo dentro dela.

— Traçamos a sua linhagem mortal por milhares de anos, mas não encontramos nada ligando qualquer um dos seus ancestrais mortais a um anjo. Temos todos os registros de cruza entre mortais e anjos, mas nenhum... nenhum único evento fugiu de nossos registros.

Quando ele olhou para Kara, ela viu uma ponta de tristeza nos olhos dele.

— Você se lembra de seu pai, Kara?

O choque destas palavras pegaram Kara de surpresa. Ela franziu o rosto. Os olhares de desdém do conselho não ajudavam. Depois de um instante, ela respondeu.

— Não... na verdade não. Ele morreu quando eu tinha cinco anos... é o que a minha mãe me contou. O que isto tem a ver?

— O seu pai não era um homem normal. Na verdade... ele nem era homem.

O queixo de Kara caiu.

— O quê? O que você está dizendo? E por que você está falando como se ele estivesse vivo? Eu lhe disse, o meu pai está morto.

O rosto de Uriel era inexpressivo.

— Não, receio que ele não esteja. O seu pai é um demônio. Não podíamos saber deste plano para seduzir sua mão porque só

conseguimos rastrear o que ocorre m Horizonte. Não temos conhecimento sobre o Submundo. O reino dos demônios está fora do nosso alcance.

Kara apertou as mãos contra a cabeça e deu uma risada nervosa.

— Espere um pouco. Deixe-me ver se entendi. Você está me dizendo que o meu pai mortal é um demônio? Não acredito nisto. A minha mãe saberia... ela nunca. Além disto, você disse que elementais são parte anjos e mortal. Nâo demônios.

Uriel desviou o olhar por um instante antes de responder.

— Alguns demônios costumavam ser anjos... anjos caídos, corrompidos e famintos por poder, maus e impiedosos... e bastante capazes de cruzarem com uma mulher mortal.

A cabeça de Kara girava. Ela lutou contra a vontade de desmaiar e queria poder vomitar.

— Isto é impossível! Não pode ser verdade! Eu... eu vi fotos, ele é mortal... eu me lembro dele.

Uriel se inclinou para frente, com o rosto inexpressivo e duro.

— As fotos que você viu não eram de um homem mortal... mas do seu pai demônio em um corpo mundano. Temo que seja a verdade. Mas é muito pior.

Uriel contraiu os lábios e apertou as sobrancelhas.

— Acreditamos que ele cruzou com a sua mãe mortal, porque ela seria a criação de algo único nos mundos. Algo que nunca vimos. A sua morte foi planejada com este único propósito. Ele esperou que você morresse na esperança de poder controlar o seu poder mortal. Você é a criação do mais poderoso dos demônios.

— Mas o plano dele tinha uma falha — Uriel prosseguiu — ele não previu que você já tinha sido escolhida para se tornar um anjo da guarda. Então ele a perdeu quando você veio para Horizonte. Ele não sabia quem você era até que o encontrou cara a cara. Foi quando ele a reconheceu... e o seu poder elemental. Ainda não temos certeza como ele pretende usá-la, é por isto que precisamos de tempo para investigar o assunto com mais profundidade.

— Você é, acima de qualquer dúvida, uma criança elemental nascida de pais mortal e demônio. — Zadkiel interrompeu.

Kara abriu a boca e fez a pergunta cuja resposta temia.

— Quem é o meu pai? — A voz dela ecoou na câmara.

Os olhos de Uriel se encontraram com os dela. Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Asmodeus.

## *Capítulo 10*

## *Tártaro*

**K**ara estava de pé sobre uma plataforma cinza de concreto sobre o edifício do Alto Conselho. Uma brisa leve erguia o cabelo ao redor do seu rosto. A sua mente estava anestesiada e seus membros se moviam por conta própria, como um zumbi vagando pelo mundo com uma abóbora esmagada no lugar do cérebro. Ela piscou. Ela não conseguia se lembrar de como tinha caminhado do conselho até a zona de pouso.

Ela concluiu que isto não importava. O conselho a havia condenado por traição — mais ou menos. Eles tinham votado em confiná-la no Tártaro — onde eles mantinham traidores antes de determinarem o que fariam com eles. Ela imaginava o Tártaro como um sombrio calabouço, onde carecas gordos suados aguardavam para torturá-la no potro. Ela os visualizou enquanto amarravam os membros de suas vítimas com corda ao potro de madeira, e como eles virariam a manivela fazendo com que a corda puxasse os braços da vítima. Eventualmente, com um alto som de ruptura, os membros seriam arrancados.

Não importava, de qualquer modo — o que eles fariam com ela — ela não era especial, com um dom de poder elemental. Ela era

uma abominação — Asmodeus, a filha do senhor dos demônios, o inimigo da Legião. A alma de sua mãe morreria por causa dela. E ela não podia fazer nada para evitar isto.

Um tênue som de bater de asas interrompeu a cadeia de seus pensamentos. Dois pontos negros surgiram no céu como pipas apanhadas numa corrente de ar. Eles se aproximaram incrivelmente rápido.

Kara tinha de cobrir os olhos de toda a poeira e areia que se ergueu ao redor dela quando duas águas douradas gigantes bateram suas enormes asas para reduzirem a velocidade e pousaram na plataforma ao lado dela. Assim que o pó se assentou, Kara deu uma boa olhada nelas. Como gigantescos pássaros de guerra, elas usavam capacetes de metal com intrincados desenhos circulares inscritos deles e com grandes peitorais de metal. Correntes prateadas com brilhantes pingentes azuis com formas de estrelas balançavam e batiam em seus peitos poderosos. Seus olhos eram de um marrom dourado como caramelos, e seus pontudos bicos reluziam como lâminas douradas. Suas garras arranhavam o chão de concreto e Kara tinha certeza que elas poderiam arrancar facilmente a plataforma. Elas eram idênticas. A águia que estava mais próxima de Kara voltou-lhe os olhos e ela recuou.

Um oráculo rolou sua bola de cristal em direção a Kara.

— Bem, aqui estamos. Os guardas da prisão chegaram. Eles vão levá-la para o Tártaro. — Ele lhe deu um tímido sorriso e Kara ficou

agradecida por ser o mesmo oráculo que a tinha escoltado até a câmara do conselho.

Os olhos de Kara se fixaram em suas garras gigantes. O estômago dela se apertou. Penas douradas farfalhavam nos peitos enormes dos pássaros, como uma seda cintilando sob a luz. Elas eram magníficas. Kara se indagou se ela subiria nas costas delas e as cavalgaria como se fossem cavalos.

As águas abriram as asas e subiram no ar com grande força. Kara saiu do caminho. Ela sentiu uma pressão quando uma enorme garra cobriu seu ombro direito. E antes que ela pudesse reagir, ela foi erguida do chão. Ela olhou para baixo e viu o oráaculo olhando para cima para ela. No instante seguinte, ele era estava pequeno como uma formiga, então desapareceu completamente.

Kara balançava as pernas e acertou as grandes patas do pássaro com seus punhos, mas quando ela viu o quão alto eles voavam, ela pensou que era melhor parar antes que ele ficasse bravo e deixasse que ela caísse. Ela não acreditava que anjos poderiam sobreviver a uma queda como aquela, mesmo sendo imortais.

Elas se moviam surpreendemente rápido. As cidades flutuantes do nível seis passaram borradas por elas. E logo Kara estava imersa em um céu azul perfeito preenchido apenas por nuvens brancas fofinhas. As águias fizeram uma manobra e mergulharam em uma parede de nuvens. A névoa fazia com que sua pele formigasse e a umidade apegava-se nela como roupas molhadas retiradas cedo demais da secadora. A névoa se tornou como um

nevoeiro espesso e Kara mal conseguiu enxergar um palmo à sua frente. Com cada bater de asas do pássaro gigante, Kara era açoitada por uma poderosa lufada de vento. Ela fechou os olhos e aguardou que isto terminasse.

O ar perdeu sua umidade e, quando Kara abriu os olhos, ela estava novamente cercada por céu azul. Ela não conseguia distinguir por quanto tempo estavam viajando. Pareciam ser horas e ela se indagava quando iria acabar. Ou isto fazia parte da punição? Ser arrastada para todo o sempre por entre um turbilhão de nuvens por um gigantesco pássaro raivoso.

Um objeto voador surgiu na vista. Era a única estrutura em quilômetros de céu aberto, como um navio perdido no mar aberto. Parecia que as águias a estavam levando para lá. Ao se aproximarem, ela podia ver que era um cubo gigante. Esta devia ser a prisão. Ela sentiu sua última gota de esperança esvaindo-se.

Era um enorme bloco de concreto sem janelas ou aberturas. Flutuava no ar, surrealmente destoando do céu azul perfeito com nuvens brancas fofinhas, como uma nave espacial alienígena.

Parecia uma entidade morta e desabitada esperando para sugar a fonte vital de seus prisioneiros. Dele não brotava vida alguma. Nem mesmo a luz do sol era refletida. Fedia a óleo e mofo. Os pelos de seu corpo se arrepiaram e medo a preencheu. Era um lugar onde os espíritos vinham para morrer, um cubo negro de desolação.

E era onde pertencia Kara agora. O conselho havia garantido isto.

As águas manobraram para a direita e mergulharam em direção ao meio do enorme cubo. Uma pequena parte da parede se abriu e se ergueu, como uma tábua solitária de um navio pirata. Com um último bater de asas, as águias mergulharam na pequena plataforma quadrada que saía da imensa prisão. As garras da águia se soltaram de seus ombros e ela caiu com um alto ruído na superfície dura. A plataforma tremeu, enquanto as águias pousaram graciosamente ao lado dela. Ela queria que elas tivessem proporcionado-lhe um pouso melhor. Uma das águias inclinou a cabeça.

— Por aqui. — A voz da águia era profunda e soava estranhamente humana. Kara não podia evitar de olhar para seu bico, indagando-se como é que ela podia articular-se tão claramente.

— Por aqui — a águia repetiu. Um pássaro de poucas palavras, Kara pensou consigo.

Ela se levantou. Uma porta com no mínimo quatro metros e meio de altura, grande o bastante para que as águias passassem, estava aberta diante dela. Ela não conseguia ver através dela — apenas trevas do outro lado. Ela se esforçou para não tremer. Não queria que os guardas vissem o tamanho do medo dela. Kara caminhou em direção à porta com a cabeça erguida.

Assim que ela atravessou a entrada, pequenos orbes verdes apareceram, iluminando as paredes negras com suficiente luz verde sombria para que Kara conseguisse ver através das trevas. Kara sorriu diante do odor de óleo e do fedor nojento dos cocôs de

pássaro. Ela se lembrava de ter sentido um cheiro tão horrível na oficina mecânica de sua mãe, mas isto cem vezes pior. Após terem passado pela porta, a plataforma tremeu, virou-se e girou. Com um derradeiro rangido, a plataforma de concreto se fechou atrás dela. O Tártaro estava íntegro novamente, como um gigantesco bloco de Lego.

As águias empurraram Kara para frente com seus bicos poderosos, forçando-a pelos corredores escuros. As esferas brilhantes permitiam que Kara visse um poço negro sem fim diante dela. Não havia caminho. Ela cairia no abismo. Ela começou a entrar em pânico.

— Mas... mas aqui não há nada sobre o qual eu possa caminhar?

As águias empurraram Kara novamente nas costas e ela deu dois passos adiante. Blocos de rocha voaram de cima e de baixo e se uniram sob seu pé para formar uma passagem de pedra. Até mesmo nas trevas, Kara podia ver as pedras saindo das paredes e planando uma sobre a outra diante dela, predendo-se como um quebra-cabeça.

Kara deu uma olhada no poço debaixo dela. Ela poderia já estar morta, mas sentia que o espírito dela poderia não sobreviver a uma queda nas trevas impenetráveis. *Que tipo de lugar é este?*

As águias pararam de empurrá-la. Ela estava diante de uma grande porta esculpida a partir da impenetrável rocha negra — sua cela, ela pensou. Ela podia ver uma única abertura retangular no

topo da porta. Era grande o suficiente para passar uma mão, ou para alguém espiar lá dentro. Não havia maçaneta na porta.

Um dos pingentes das águias começou a brilhar intensamente, até que a luz brilhou como uma estrelinha brilhante e Kara cobriu os olhos. Com um alto rangido, a porta se abriu nas dobradiças.

Kara sentiu a pressão contra suas costas novamente e ela foi jogada para dentro da câmara. Ela se levantou e olhou rapidamente ao redor. O quarto tinha o tamanho de um banheiro.

A águia olhou para ela e falou:

— Nem desperdice seu tempo pensando em escapar. Nenhum anjo ou demônio jamais escapou do Tártaro. Se você pular ... a atmosfera da Terra vai destruí-la. Sem Vega, o seu corpo angelical não sobreviverá à transição. Você morrerá e não retornará. É melhor que você se sente e torça para que o conselho seja complacente. Reze para que a sua estadia aqui seja breve.

— Mas eu não fiz nada de errado — Kara suplicou.

— É claro que não. Como todos os outros.

A águia deu um passo para trás e seu pingente começou a brilhar novamente. Com um solavanco súbito a porta de fechou. Uma lufada de ar mofado soprou no rosto de Kara.

Uma águia apareceu na abertura no topo da porta.

— Já vi anjos apodrecerem neste lugar, esquecidos pelo conselho. Você nunca sairá daqui. — O olho desapareceu.

Kara correu para a janelinha.

— Espere! Quando o conselho tomará uma decisão? Ei!

Sem resposta.

Kara assistia consternada enquanto as águias desapareciam nas sombras. Ela ouviu um estrondo e assistiu aos blocos girarem e se soltarem do caminho. As rochas voaram e desapareceram nas trevas. Kara ouviu ruídos e estalos vindo do caminho. Ela esperou encostada na porta até que não ouvisse mais nada. Ela ficou sozinha no silêncio macabro. Ela se arrastou para um canto e caiu contra a parede de pedra.

Ela encarou as paredes de pedra cinza escura que a cercavam. A única fonte de luz vinha de um pequeno orbe que flutuava no meio do quarto. O silêncio mórbido ao redor dela lhe dava calafrios por todo o corpo. De vez em quando, ela ouviu um som de arranhão, como unhas arranhando na pedra dura, e um gemido distante. Ela se sentou com as costas encostadas na superfície fria da pedra, encarando o globo flutuante.

A sua mente vagava para aquilo que Uriel tinha dito. Simplesmente não podia ser verdade. Ela sentiu uma mistura de ódio e medo — medo de que ela realmente fosse parte demônio mau — e ódio por Asmodeus estar usando sua mãe. Ela se lembrava vagamente de um lindo homem de meia-idade com cabelo

negro e queixo quadrado sorrindo para a bebezinha. Sua mãe tinha fotos deste homem por todo o apartamento. Kara cresceu acreditando que ele era seu pai mortal que tinha morrido em um acidente de carro quando ela tinha cinco anos. Se o que o conselho havia dito era verdade, então ele não era um homem comum, mas o senhor dos demônios, o mesmo demônio que havia tentado matá-la.

Kara ficou com raiva. A sua mãe chorava sobre esta foto — ela amava este homem — este homem que tinha mentido para ela e a traído. E agora Kara sabia a verdade. Ele tinha enganado sua mãe, fazendo-a acreditar que ele a amava, mas a usou para seu propósito doentio.

Um lampejo de fúria a consumiu e Kara acertou a parede com seu punho. Ela se lembrava muito bem da dor da mãe, e as lágrimas que ela mesma tinha derramado pelo pai que se lembrava. Mas agora parecia que tinha sido uma piada cruel, uma piada em uma solitária mulher mortal que merecia mais.

Kara amaldiçoou em silêncio. *Você vai pagar por isto.*

— Ahã — uma voz disse atrás da porta de pedra — alguém chamou pelo serviço de quarto?

O queixo de Kara caiu. A voz que vinha da porta não soava como a dos guardas. Ela se levantou nas pontas dos dedos e virou a cabeça na direção da pequena janela.

— Quem está aí? — perguntou Kara. Parte dela temia que a voz pertencesse a quem estava gemendo antes.

Houve um momento de silêncio, então a voz falou.

— Bem, cara Madame. Este é o seu cavaleiro em armadura reluzente, minha dama.

A raiva de Kara a deixou.

— David — ela chamou — o que você está fazendo aqui? Está louco! Você não pode estar aqui! Se eles o apanharem... você provavelmente ficará preso neste lugar horrível como eu! Saia daqui!

— Ei, esta não é a boa-vinda que eu estava esperando. Está ferindo o meu ego — disse David atrás da porta.

Kara deu uma risada.

— Não, é sério. Você deve partir antes que alguém o ouça. Eles não são dos pássaros mais amigáveis, sabe. Ei... espere um minuto... como você chegou aqui? Não tem chão? — Ela sentiu um instante de pânico.

— Não se preocupe, minha dama. O seu navio a espera.

*BOOM!*

Kara caiu para trás enquanto a porta tremeu. Poeira e pequenas partículas se soltaram do teto e caíram sobre ela.

— David! Você está louco! Eles vão ouvir você! O que está fazendo?

Outro grande boom foi a resposta.

— Para trás! — ela ouviu David gritar atrás da porta.

Pequenas fagulhas vermelhas disparam da porta. Elas percorreram a porta para cima e ao redor como veias vermelhas, até que a porta estivesse completamente coberta por elas. A porta silvou, rachou e explodiu. Fragmentos de pedra afiada passaram voando perto do rosto de Kara. Ela esfregou a poeira dos seus olhos e observou sem acreditar. Ali, atrás da porta, um carro celeste flutuava nas trevas. David, Jenny e Peter olhavam para ela com expectativa.

Eles saltaram para a cela dela um por vez.

— Oh, meu Deus, este lugar fede. — Jenny apertou o nariz. — Tem cheiro de cocô antigo de pássaro... como se estivesse aqui desde sempre e eles esqueceram de pagar a empregada.

— É uma prisão, lembra-se? — disse Peter, enquanto tirava a poeira de si. — Não é o Hilton. Não se *espera* que seja limpa.

— Pessoal... o que você estão fazendo a... — A voz de Kara ficou presa na garganta dela. David apareceu atrás de Peter vestindo apenas uma cueca samba-canção azul com bolinhas brancas.

Kara sentiu uma estranha sensação de formigamento em seu rosto e corpo do que ela imaginava ser a sensação que os anjos deviam sentir se corassem. Ela não conseguia desviar os olhos de David. As meias e as botas dele davam um visual engraçado para

ele, e ela foi capaz de esconder seus verdadeiros sentimentos de seus amigos.

— Com licença, minha dama — riu David, enquanto a flagrava olhando para ele. Ele se cobriu com suas mãos. — Este cavalheiro — ele apontou para trás de si — requisitou como pagamento os meus pertences. — David deu um passo para o lado.

A nuvem com forma ovalada do carro celeste com quatro assentos azuis acolchoados flutuava atrás da porta. Kara imediatamente reconheceu o pássaro preto e branco empoleirado na frente do carro.

— Sam! Como você se envolveu nisto? — disse Kara. Ela deu um passo para o lado para ter uma visão melhor.

O pássaro pulou e deu uma pirueta.

— O nome é Sam e o negócio é voar! — Ele ergueu as asas. — Eu estava entediado e o David aqui tinha algo interessante para me oferecer. E quando ele concordou com os termos do meu pagamento... nós voamos como o vento!

Kara apertou as mãos na cabeça. Ela sorriu.

— Não consigo acreditar que vocês foram loucos o bastante para isto. Mas estou feliz. — Ela deixou os braços penderem ao seu lado. — Ouçam. Vocês têm de voltar. Se os guardas os apanharem, vocês podem ficar presos aqui para sempre. Não podem ficar. Realmente agradeço o esforço... mas não quero isto também na minha consciência. Vocês têm de ir.

— Não vamos embora sem você, Kara. — David abriu caminho até ela. — Você vem conosco e vamos todos dar o pé desta caixa de titica juntos.

— Mas os guardas... eles vão nos ver.

— Não, eles não vão — disse Jenny. — Entramos aqui sem que eles percebessem... não foi?

— Falando dos guardas, temos de ir. — Peter deu uma espiada pela porta. — Não temos muito tempo. Temos de ir.

Como se fosse um sinal, as grandes paredes de pedra começaram a tremer. Poeira e pedrinhas caíram do teto. Kara correu para a porta. Ela constatou que o caminho de pedra estava se formando novamente. Alguma coisa azul estava brilhando nas trevas — as águias — e elas estavam vindo rapidamente.

— Se vocês estão planejando me libertar... é melhor fazerem isto rápido! — Ela apontou para os guardas. Ela torceu para que o carro celeste fosse mais rápido do que os pássaros gigantes.

— Vamos, rapazes e garotas! O navio espera! — David saltou para dentro. O carro balançou um pouco com o peso dele. Ele estendeu o braço para Kara. — Aqui... rápido!

Ela olhou para a mão aberta dele. Ela sabia que isto era loucura. Ela sabia, no fim, que eles seriam pegos. Mas ela era inocente. E haviam-na posto na prisão. Ela tomou uma decisão e agarrou a mão do David. Ela pulou para o lado dele.

Jenny e Peter pularam na parte de trás.

— Cuidado agora — gritou Sam. — Vocês não vão querer cair no abismo!

— Pare de falar, pássaro, e vamos dar no pé! — David apontou para trás dele. Os guardas estavam quase chegando.

— Segurem-se! — Sam empurrou com o seu peso o manche em T. O carro celeste foi acionado e o impulso lançou Kara para cima de David. Ela olhou para baixo para o rosto sorridente dele. O corpo dela estremeceu e ela ficou ali, sobre ele, por mais um instante, antes de rolar para fora e pular para um assento.

Ela percebeu com certa preocupação que o carro celeste estava disparando para as trevas absolutas. Mesmo com o vento açoitando seu rosto, ela ainda conseguia sentir o cheiro horrível de titica de pássaros.

— Como ele consegue ver para onde estamos indo? — Kara gritou, apontando para o pássaro.

Os olhos de David estavam apertados.

— Não tenho ideia! — ele gritou de volta.

Kara se sentia inquieta. Eles provavelmente bateriam nas paredes e cairiam nas trevas.

— Não se preocupe — gritou David. — Ele sabe para onde estamos indo.

Kara concordou.

— Certo, isto faz com que eu me sinta muito melhor!

Ela virou a cabeça a redor e seu corpo imediatamente ficou tenso. Os guardas estavam tão perto que ela podia sentir as lufadas de vento causadas pelas pedras que formavam o caminho. Eles seriam pegos.

— Não podemos ir mais rápido? — Kara gritou mais alto que o vento, e apontou para os guardas atrás deles.

Por um instante, medo surgiu nos olhos de David. Ele se inclinou para Sam.

— Ei, amigão. Você acha que consegue fazer esta coisa ir mais rápido?

Sam deu uma olhada para as águias gigantes na sua cola.

— Apertem o cinto, senhoras e senhores! Esta belezinha voa pra valer!

Kara mal teve tempo para agarrar o cinto antes que o carro celeste desse uma guinada para cima num ângulo de noventa graus, então uma curva fechada para a esquerda. Kara não entendia como o pássaro enxergava nestas trevas. Agora mesmo, tudo que ela queria era sair daquele carro maluco.

Com seus olhos estreitos, ela viu uma luz acima. Ao se aproximarem, ela constatou que era uma pequena abertura, grande

o suficiente apenas para passar um carro celeste.

David se virou e apontou.

— Esta é a abertura que fizemos. É como entramos. Nós a abrimos com uma adaga. Abaixe-se! — Ele gritou.

A cabeça de Kara estava entre seus joelhos. Ela sentiu uma pressão súbita. Então a luz brilhou sobre suas pálpebras fechadas. Ela abriu os olhos.

Eles estavam para fora. Ela temia que nunca mais fosse ver o lindo céu azul novamente. Kara olhava para trás deles a cada dois segundos. Mas as águias não estavam em lugar algum. Eles voaram por pelo menos uma hora antes que finalmente passaram por sobre a cidade flutuante. Eles avistaram o prédio do Alto Conselho e ela sentiu raiva dentro de si.

— Estamos fora! Conseguimos! — gritou Peter, mal conseguindo manter sua surpresa.

— Mas não escapamos do perigo ainda. Veja... — Jenny apontou para trá dela.

Duas águias monstruosamente grandes voavam na direção deles. Seus capacetes de metal reluziam sob a luz do sol. Suas asas poderosas se abriam e batiam contra o vento. Suas grandes garras estavam abertas e prontas. Aterrorizada, Kara observava uma das águias dobrar suas asas e mergulhar na direção deles.

— Faça algo! Elas vão nos pegar e me levar de volta!

David apanhou uma bolsa no chão.

— Eles não vão levá-la de volta.

Kara não estava convencida.

— O que você quer dizer? Se elas nos pegarem, elas vão.

— Elas não querem nos pegar.

— O quê? Você não está falando coisa com coisa. — Kara encarou David.

— O que ele está tentando dizer — interrompeu Jenny — é que nós quebramos a lei... eles não vão nos levar de volta... eles vão nos destruir.

Kara ouviu Peter resmungar. Ela observou a águia mergulhando como um míssel. Eles cairiam para a morte se ela os atingissem.

— Temos um plano?

— Eu tenho isto aqui. — David sacou duas adagas e duas Pedras da Lua. — Não sei se vão funcionar com aquelas águias, mas é melhor do que nada.

Kara se sentia horrível.

— Este é o seu plano! Você nem mesmo sabe se vão funcionar! — Kara jogou as mãos para cima. — Isto é muito ruim. — O guarda estava se precipitando na direção deles.

— Ei... espere um minuto? Onde está a outra? — O segundo guarda sumiu de vista.

— Ahhhh! — gritou Peter, apontando para cima.

Mas era tarde demais.

A segunda águia gigante se chocou contra o carro celeste com uma força inacreditável. As grandes garras rasgaram o carro no meio como se fosse de papel. Kara e o resto do grupo foram arremessados para fora do carro, como os bonecos de teste em vídeos de acidente de carro. O vento uivava no ouvido dela, enquanto ela sentiu cair.

*Este é o fim*, ela pensou. *Vamos todos morrer.*

Ela sentiu um aperto no braço. A força da queda era tão intensa que precisou de toda a força dela para virar a cabeça e ver que era David quem havia se segurado a ela.

Uma sensação de queimar alfinetava seu corpo. Pequenas partículas emanavam de seu braço, como bolhas de uma pastilha antiácida jogada em um copo. Os bochechas e a testa de David começaram a se desintegrar, como o fluxo de areia numa ampulheta. Fragmentos do corpo angelical flutuavam sobre eles e desapareceram na atmosfera como grãos de sal derretendo na água.

Kara olhou para Jenny e Peter. Ela viu um rastro de partículas flutuando atrás deles no ar como fagulhas de uma fogueira.

Eles não iriam sobreviver desta vez.

Pedaços do próprio corpo de Kara começaram a passar por seus olhos. Eles estavam caindo rapidamente para a atmosfera da Terra, caindo nove mil metros para suas mortes.

— Não vamos conseguir, David!

A esperança de Kara de salvar a sua mãe estava se esvaindo tão rápido quanto o corpo dela sumindo no ar.

David apertou com mais força o braço de Kara.

— Vamos conseguir! — ele gritou mais alto que o vento. Parecia como se David fosse evaporar completamente a qualquer segundo. Ele inclinou a cabeça para baixo. — Veja!

Kara seguiu o exemplo dele e olhou para baixo, com os olhos apertados. Uma enorme massa de oceano azul turquesa estendia-se sob eles.

— É o oceano! Água! Estamos salvos!

— Se não acertamos alguma ilha... vamos ficar bem.

— O quê? — Kara gritou.

— Ilhas. — David apontou para baixo com o seu braço livre.

Para o terror de Kara, eles estavam se dirigindo para uma grande ilha, com montanhas e rochas bastante espessas. Ela olhou para cima para Jenny e Peter. Eles também estavam olhando para a

ilha. Peter olhou para cima. Seus olhos estavam cheios de medo. O corpo de Kara ficou tenso. Era culpa dela que eles estavam aqui. Se morressem agora, seria por causa dela.

— Kara... endireite o seu corpo assim... — David apertou as pernas e os braços contra o corpo.

Kara fez o mesmo. E, quando ela olhou para cima, Jenny e Peter os imitavam.

— Incline o seu corpo mais para a esquerda! Rápido!

Kara seguiu David e se inclinou para a esquerda, como paraquedistas fazendo uma apresentação. Por entre seus olhos apertados, ela podia ver a ilha se aproximando rapidamente. Ela não tinha certeza se acertariam a água ou se chocariam contra rochedos afiados. Eles tinham apenas segundos antes de acertar alguma coisa. Kara fechou seus olhos para o impacto.

Mas o impacto nunca ocorreu.

Ela se dissolveu em milhares de luzes cintilantes ao atingir a água.

## *Capítulo 11*

## *A Fugitiva*

**K**ara e David tiveram de se esforçar para persuadirem o babuíno desconfiado a deixá-los descer do elevador na Orientação no nível um. Eles haviam combinado de se encontrarem ali com Jenny e Peter caso se separassem. Levaria um tempo até encontrarem seus amigos entre os milhares de anjos recém-nascidos que aguardavam na fila, mas Kara sabia que as multidões também significavam que era o lugar perfeito para fugitivos como eles se esconderem.

Desde que ela retornou a Horizonte, Kara se sentia rejeitada. Ela não tinha certeza mais onde ela se encaixava. Tinha ficado feliz de se tornar um anjo da guarda, e ainda mais quando descobriu que tinha habilidades únicas que outros guardiões não tinham. Ela era diferente. A mente dela vagava de volta para sua vida mundana. Escola, amigos, família, tudo isto era muito monótono. Ela nunca sentiu que se encaixava e este constante sentimento de que faltava algo sempre a oprimiu. Finalmente, quando ela acreditava ter realmente encontrado o que estava procurando, isto a acertou na cara. Literalmente. Ela se lembrava de ficar empolgada com a possibilidade de se tornar um anjo da guarda. Salvando almas mortais era o trabalho mais importante que alguém poderia ter, ela

pensou. Salvar o mundo humano contra demônios malignos tinha importância real. Importava para ela.

Agora a sua situação tinha mudado. Kara sabia que o seu papel como uma guardiã nunca mais poderia ser o mesmo, não depois do que ela fez. Ela tinha de se concentrar em salvar a alma de sua mãe, sem importar as consequências. *Salvar a alma*, ela repetia em sua mente constantemente. O resto não importava.

Ela observava David — a mandíbula dele estava contraída e a expressão dele era intensa. Os olhos dela vagavam para os ombros largos dele, que balançavam para frente e para trás. O corpo dela formigou. Ela se esforçou para ignorar seus sentimentos por ele. Isto não era hora de ter pensamentos românticos, ela disse para si mesma. Eles haviam compartilhado de uma conexão real no mundo angelical, e Kara se indagava por que tinha sido tão intensa. Por que ela não pôde ter encontrado David na Terra, onde o amor não era proibido, e onde eles poderiam ter ficado juntos? Kara estremeceu. O que quer que ocorresse com ela agora, ela não queria que David pagasse por seus erros. Jenny e Petter não deveriam se meter em problemas também. Isto era uma bagunça dela; ela que precisava limpar tudo isto.

Ela abriu caminho por entre a multidão, ficou nas pontas dos dedos e procurou sobre todas as cabeças.

— Eu não os vejo.

— Vamos por aqui. — David conduziu Kara até a parede na extremidade oeste do magistral salão. As filas dos recém-falecidos

ficaram mais rarefeitas ali e agora era mais fácil enxergar por entre a multidão. David encostou-se contra a parede e cruzou os braços.

— Vamos esperar aqui — ele disse. — Teremos uma visão melhor, de qualquer modo. Ponha o capuz sobre a sua cabeça um pouco mais... posso ver o seu rosto.

Kara segurou as bordas do capuz e as puxou até sobre o nariz.

— Melhor agora?

— Perfeito.

Kara mexia na manga de sua blusa.

— Não quero que você se envolva nesta bagunça.

David inclinou a cabeça. Ele ficou quieto por um instante.

— É tarde demais para isto. Além disto, eu gosto de quebrar as regras. Faz com que eu me sinta mortal de novo.

— Estou falando a sério, David. — Kara balançou a cabeça. — A situação é ruim. E só vai piorar. Não quero ter o seu destino em minhas mãos também... de Jenny e de Peter. Não acho que consigo aguentar isto.

— Somos seus amigos. E amigos apoiam uns aos outros. Eu não podia deixá-la apodrecendo na prisão. Não era certo. — O rosto de David se contraiu em um sorriso.

Kara desviou o olhar e não respondeu. Ela abaixou o capuz sobre o rosto. Se não fosse por seus amgios, ela ainda estaria trancada no Tártaro. Ela se indagou por quanto tempo o conselho a deixaria lá. Ela não sabia como um lugar tão horrendo como aquele podia existir em Horizonte. Ela se indagou quais outros calabouços secretos estariam escondidos do restante dos guardiões. Ela franziu o cenho.

Depois de umas duas horas, Jenny e Peter surgiram na multidão e caminharam lentamente para eles.

— Ei, pessoal — surrurrou Jenny. Ela olhou casualmente por sobre o ombro. — Nós avistamos alguns oficiais procurando por você, Kara. Não podemos ficar muito tempo aqui. Já se espalhou por toda a Legião.

Kara contorceu o rosto.

— Ótimo. Vocês pensaram que eles tentariam manter isto em silêncio? — Ela se sentiu inquieta e olhou para a multidão.

— Infelizmente não — interrompeu Peter. Ele ajeitou os óculos. — Eles estão com bastante raiva de você. O único lugar de onde você supostamente não deveria ter escapado... e você escapou. Isto faz com que eles pareçam ser fracos.

— E agora estão enfurecidos. — Jenny deu um sorriso maroto.

— Ótimo — disse Kara. Ela se jogou de novo de costas na parede. — ...outra coisa para adicionar na lista de razões pelas

quais eu deveria ser morta. Eles nunca vão acreditar em mim agora. Os inocentes não fogem da prisão.

— Sim... bem... você fugiu. Você não teve escolha. — O tom de David estava ficando mais alto. — Todos sabemos que você é inocente... e eles são estúpido e obstusos demais para repararem nisto.

Kara acertou a cabeça contra a parede atrás dela.

— Bem, você não reparou? Não importa o que vocês pensam. O que importa é o que o conselho pensa. E, agora mesmo, eu não passo de um demônio nos olhos deles... um demônio mau.

— Para com isto. — David franziu o cenho. — Você sabe que você não é má. Aqueles idiotas que estão sentados o dia inteiro nas cadeiras do conselho têm merda na cabeça. Temos de provar a sua inocência de algum modo.

Kara se sentiu reconfortada com a ternura na voz dele.

— Além disto, como mais procuraríamos por sua mãe se você estava trancada dentro de um gigantesco cubo de Rubik?

Kara fitou o chão e não respondeu. Ela tentava se lembrar da última conversa com sua mãe. Ela esperava que fosse uma boa conversa, mas não conseguia se lembrar. Ela sabia que o conselho não iria ajudar. Ela era a última esperança de sua mãe... tinha de fazer alguma coisa.

— Ouça — disse Jenny — meu amigo batedor acha que ele tem a localização da alma da sua mãe.

— O quê? Onde?

— Em Paris.

Kara deu um passo mais perto de Jenny. — Em Paris!

— Shhh! — Jenny olhou por sobre o ombro. — Tenha cuidado. Há espiões por todos os lados. Depois que ele tentaram esfaquear você, você não pode confiar em mais ninguém.

Raiva brotou no interior de Kara.

— Eles encontraram a Lâmina da Morte?

Peter balançou a cabeça.

— Não. Não acho que eles tenham procurado. Eles não acreditaram em você, Kara.

*Eles não acreditaram em mim*, pensou Kara. Não era uma surpesa. Ela era um demônio para eles agora; as alegações dela eram uma perda de tempo. Ela fechou os punhos para que os outros não a vissem com as mãos trêmulas.

— Então a alma da minha mãe está em Paris. — Esperança preencheu o vazio dentro dela. — Mas... Paris é imensa. Sabemos onde em Paris?

— Eu não conseguiria obter esta informação sem atrair suspeitas. Vocês terão de ir lá e se encontrar com ele.

— De qualquer mdo, é melhor que Jenny e eu fiquemos em Horizonte — disse Peter. — Ficaremos com os ouvidos bem atentos e lhes passaremos as informações desde dentro.

— O seu batedor disse quem estava prendendo-a? — Kara estremeceu ao se lembrar da essência angelical de Tom desaparecendo dentro da boca aberta da nova raça. Como poderia sua mãe ter sobrevivido ao sangue negro ácido?

Jenny olhou para os lados antes de falar.

— Não. Como eu disse, não consegui obter mais informações. Eu e Peter já estamos sendo observados por Cassiel. Acho que ele suspeita de alguma coisa.

Kara concordou.

— Tudo bem. Este é o furo pelo qual eu procurava.

— Você sabe que é uma armadilha, não sabe? — David suspirou profundamente. — Eles estão usando a alma dela como isca. Você sabe disto.

Kara deu de ombros.

— Não me importo. Tenho de tentar. Não posso me sentar aqui e esperar que as coisas aconteçam. Elas podem nunca acontecer. Tenho de fazer algo.

David tocou o ombro de Kara.

— Vou com você. Você não pode ter toda a diversão...

— ALI ESTÁ ELA! PEGUEM-NA!

Um grupo de primeiros-oficiais abriram caminho pela multidão de recém-mortos e apontavam diretamente para Kara. Um gorila com duzentos quilos estava com eles. Ele rosnava, revelando fileiras de pontiagudos dentes amarelos, empurrando-se com suas pernas traseiras e erguendo-se em toda sua estatura. Kara podia ouvir as altas batidas em seu peito poderoso com seus grandes braços musculosos. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu. Kara podia ver o brilho em seus inteligentes olhos negros. Então ele deu um salto gigantesco na direção dela.

Kara ficou petrificada, como um veado pego pelos faróis de um carro. O gorila atravessou a multidão, derrubando-a como pinos em uma pista de boliche.

— Saia daqui! — Jenny deu um empurrão das costas de Kara. — O meu batedor vai encontrá-la. Vá para Paris, apresse-se! Vou criar uma distração. Vá!

David agarrou Kara pelo braço e a puxou com ela enquanto corria.

Ela ouviu uma grande comoção atrás dela. Ela virou a cabeça. Jenny pulava no ar, balançando os braços e gritando.

— Vejam! É o Elvis! Ele está ali! — A multidão se precipitou como uma onda enorme e Kara pôde ver as cabeças dos oficiais desaparecerem na bagunça.

Mas o gorila continuava vindo. Ele pulava por sobre as multidões de anjos e vinha com um ruído ensurdecedor. Seus olhos predatórios estavam fixos em Kara.

David puxou Kara pela mão.

— Por aqui!

Eles correram no sentido norte pela multidão e chegaram aos escritórios da Orientação até um corredor. Eles viraram uma esquina e pararam diante de uma porta com aparência de antiga. Estava escrito numa placa de néon iluminada: *Divisão de Oráculo nº 745-5678, Orientação.* David abriu a porta sem hesitar. Kara o seguia de perto.

Um homenzinho com cabeço branco estava sentado sobre sua grande bola de cristal. Ele folheava os papéis em uma pasta. Sua barba branca bufante roçava as pontas dos dedões dele. Ele olhou para cima quando eles entraram.

— Oh... olá! Estava esperando por vocês. — Ele lhes deu um sorriso gentil. — Por favor, fechem a porta.

Kara soltou sua mão da de David. O chão vibrava sob os pés deles e ela sabia que o gorila estava perto. Ela deu um passo para trás e fechou a porta. Ela não tinha fechadura. Ela rezou para que o gorila passasse correndo por ela. Ela se aproximou cuidadosamente

do oráculo, olhando por sobre o ombro para David em cada oportunidade que tinha

— O que você quer dizer que estava nos esperando? — ela perguntou. Ela olhou para David, que deu de ombros.

O oráculo uniu as mãos com entusiasmo.

— Eu previ isto! Devo ajudar vocês a escapar! Que eletrizante! Não me divirto tanto assim em mais de mil anos!

Ele começou a girar sobre os calcanhares, com a bola de cristal gigante dando voltas como um pião.

— Acho que o oráculo andou cheirando... — David esfregou o nariz — ... entende, né?

— Sim! Sim! Sim! — exclamou o oráculo. Ele rolou até a extremidade oposta do escritório. Ele bateu na piscina no canto. Água espirrou no chão. — Estou ajudando uma *fugitiva*. Que encantador! — Ele agarrou a barba e a jogou por sobre o ombro direito, como se fosse uma serpente de pelúcia.

David fungou e ergueu as sobrancelhas.

— Definitivamente, ele cheirou alguma coisa.

— Ou é uma armadilha. — Kara se sentiu inquieta. Ela olhou para a porta atrás deles. Ela ainda estava fechada. Nenhum oficial. Nenhum gorila. Ninguém.

— Armadilha! — expressou o oráculo. — Um despropósito. Rapidamente agora! Eu previ isto... os primeiros-oficiais estão chegando logo para procurar por vocês. E aquele gorila terrível. Vai deixar o meu escritório fedendo... oh puxa! Quase me esqueci! — Ele rolou para sua escrivaninha e agarrou uma mochila verde. Ele a entregou para David.

— Armas — disse David, enquanto abria a mochila e puxava uma lâmina.

Kara caminhou até o oráculo.

— Por que você está fazendo isto? Por que está nos ajudando?

O oráculo ficou quieto por um instante. Ele sorriu.

— Por que é a coisa certa a ser feita. É o que tem de acontecer. Eu previ isto... você tem de ir a Paris... é o começo dos eventos que se seguirão. Você deve ir a Paris. — O oráculo gesticulou as mãos impacientemente. — E é melhor você ir rapidamente! Eles estão chegando!

David e Kara correram de braços dados para a piscina. Eles pisaram na borda. David jogou a mochila sobre os ombros e agarrou a mão de Kara.

Kara deu uma olhada momentânea para o oráculo. Ele estava sobre a bola de cristal sorrindo com satisfação.

— Obrigada — Kara sentiu uma grande afeição pelo oráculo. Ele acreditava nela.

— Au revoir! — O oráculo acenou.

Kara e David mergulharam na água. Um segundo depois, eles tinham desaparecido.

## *Capítulo 12*

## *Paris*

**K**ara e David caminhavam pela Avenue de la Motte-Picquet em seus trajes M. A onda de humanidade ao redor deles era indiferente ao sobrenatural. Eles passaram pelos magistrais edifícios de pedra marrom com pequenas cafeterias e lojas de souvernis que estavam cheios de pessoas tomando café e falando no celular. Kara sorriu. Carros compactos corriam pela rua e desapareciam no tráfego. Os parisienses xingavam os jovens em scooters que ziguezagueavam pela calçada de paralelepípedo, derrubando cadeiras e mesas ao passarem. E Kara adorava isto. Ela nunca havia estado em lugar algum da Europa. Isto era totalmente fantástico. Até mesmo o fedor de cocô de cachorro e do lixo da semana passada não estragavam o seu humor. Eles estavam bem no coração da cidade. E Kara se alegrava com seu esplendor.

Ela queria que estivesse com o seu traje da série M-5. Ela não sabia o que esperar e talvez precisasse de sua força extra. Seria impossível, ela sabia, obter um M-5. Eles tiveram sorte de terem conseguido escapar da Orientação.

As irregulares paredes escuras do Tártaro voltaram por um instante à sua mente. Ela estremeceu. Nunca mais queria voltar

para a prisão angelical. Uma cela degenerada que sugava sua alegria, que ria e observava-o definhar.

Como o conselho pôde pô-la naquele lugar? Por que Gabriel não a defendeu? Ele deve ter acreditado nela. Kara suspirou. Peter tinha dito que o Alto Conselho estava muito bravo. Ela se indagou se a Legião estava procurando por ela. Provavelmente, concluiu. Ela era uma cria de demônio. Tinha certeza que haviam enviado alguns guardiões para procurarem por ela na Terra.

A Lua lançava uma suave luz sobre a cidade. Uma brisa suave roçava a pele de seu traje M, como uma pele tocando um braço. Ela relaxou um pouco. Os postes de bronze tinham os topos de ferro curvados que pendiam em esferas ovais de vidro. Pareciam velhos homens deformados segurando laternas. A rua estava cheia de vida e lotada com turistas e locais.

Eles chegaram a um espaço aberto com carros estacionados. Mesmo sob a luz da lua, Kara conseguia distinguir as áreas verdes e os arbutos bem aparados de um grande jardim além do estacionamento. Paris a fazia se recordar dos prédios envelhecidos do velho porto de Montreal. Ela sentia falta de sua cidade.

— Por que você está rindo, presidiária gostosa? — David riu por causa do novo apelido que tinha dado a Kara.

Kara o empurrou.

— Pare de me chamar assim. Estou sorrindo porque estamos em Paris. Sempre quis vir até aqui. — Ela deu uma olhada para a

cidade. — É incrível. Tem tanta história. — Uma súbita onda de tristeza a inundou. — Minha mãe iria adorar isto aqui... como vamos encontrar o batedor?

David coçou a nuca.

— Sei lá. Jenny disse que *ele* nos encontraria. Acho que temos de ficar andando até que isto aconteça.

Kara olhou para os mortais vagando pelas ruas. Ela estudou os rostos deles.

— Pode ser qualquer pessoa. Há tanta gente aqui, como diabos ele vai nos encontrar.

— Acabei de encontrar.

Kara deu um pulo de susto. A voz veio de baixo. Ela olhou para baixo. Um cachorro pequeno, com espesso pelo branco e castanho e com uma enorme cabeça quadrada e orelhas caídas olhava para cima para ela.

— O quê? Você nunca viu um cachorro antes? — disse o cão com um tom sarcástico.

Grossas dobras de pele se enrolavam sobre a sobrancelha dele. Sua papada dependurava-se até embaixo, com baba pingando. Ao redor de seu grosso pescoço havia uma coleira vermelha com bolinhas brancas. Ele tinha uma cara amassada com um focinho preto amassado, e a sua mandíbula revelava dentinhos pontudos. Kara percebeu que ele não tinha rabo.

— Eu... eu não estava preparada para ver cão um falando. Quer dizer... os primatas em Horizonte falam, mas não esperava para ver um cão falar aqui na Terra.

— Por favor, tente falar baixo... não queremos que os mortais suspeitem, não é? Cães falantes não existem. — O cão ergueu a sobrancelha esquerda.

David se ajoelhou do lado do cachorro. Ele segurou a coleira dele.

— E esta coleira? Você é um cão menininha? — David olhou sob a barriga do cachorro.

O cão se sentou.

— Sou um cachorro macho, muito obrigado. Um buldogue inglês, para ser mais preciso.

Kara olhou para David.

— Eu pensava que os anjos batedores fossem... como nós.

O cão soltou um rosnado.

— Nós *somos* anjos... só que não em forma humana. Precisamos nos misturar sem atrair suspeitas. Minha pequena psique e graciosidade me leva e muitos locais sem ser percebido.

O cachorro coçou atrás da orelha com sua perna traseira. Ele balançou a cabeça. Gotas de baba voaram sobre a calça de Kara.

— Nojento. — Ela chacoalhou a perna e não ousou tocá-la. Ela de um chute de brincadeira em David quando ele riu.

O cão olhou ao redor antes de falar novamente.

— Acho que é hora de encontrarmos um lugar mais tranquilo para prosseguirmos com esta esclarecedora discussão. Os mortais estão começando a reparar que alguma coisa não está totalmente normal comigo. — Ele inclinou sua cabeça em direção a um grupo de mortais olhando para eles com os cenhos franzidos.

— Agora... se vocês me seguirem. — O buldogue ergueu a cabeça no ar e partiu, rebolando, como um pavão orgulhoso.

— Este é um mundo cão. — David riu e seguiu o cachorro.

Kara correu para o lado de David. O buldogue saltitava no meio deles. Ele mal atingia os joelhos deles.

— Então... qual é o seu nome, batedor? — perguntou Kara, com a voz baixa. Ela sempre quis um cachorro. Um buldogue inglês nunca seria a sua primeira escolha, mas ela também nunca havia se dado conta de quão engraçadinhos eles eram.

— É Thor.

David soltou uma gargalhada. Ele bateu na própria coxa e desatou a rir.

— É sério? Você não pode se chamar Thor! Se você fosse um dinamarquês ou um são bernardo, ou até mesmo um doberman

grande... aí funcionaria. Mas não assim...

— Assim como? — O tom de Thor era perigoso. Ele rosnou — Não se engane com o meu tamanhinho, David. Sim, eu sei quem você é... e ela também. Ouvi tudo sobre vocês dois, e muito mais. Agora... menos conversa e mais caminhada. Por aqui.

Eles seguiram Thor em silêncio, mas com sorrisos na cara.

Enquanto caminhavam, Kara começou a ficar nervosa. Ela sabia que havia apenas dois desfechos possíveis para a sua busca. Ou era uma armadilha, ou a alma de sua mãe estava realmente ali. A última provavelmente não era uma opção — nunca seria tão simples, especialmente se envolvia Asmodeus. Mas ela se indagou o que aconteceria se ela pusesse as mãos dela na alma de sua mãe. A Legião a deixaria voltar? *Não*, ela não acreditava nisto. Ela decidiu que depois que lidar com a questão da alma da sua mãe, ela ainda teria de encontrar provas da Lâmina da Morte para limpar o seu nome. Ela não queria voltar para o Tártaro.

Thor as conduziu para o norte pela Avenue Emile Deschanel e, finalmente para uma grande clareira levando a um exuberante parque. Ele se sentou atrás de uma grande árvore.

— Devemos estar bem aqui. — Ele começou a cavar freneticamente um buraco, e quando estava fundo o bastante, ele se acomodou no interior, como se fosse uma cama de cachorro.

Kara se sentou com as pernas cruzadas.

— Jenny nos contou que você sabia onde estava a alma da minha mãe? Está em algum lugar próximo?

Thor deixou a língua pendurada de um lado da mandíbula.

— Sim.

Kara se encurvou para frente.

— O quê? Onde? Diga-me onde ela está!

— Vá com calma, garota. — Thor olhou ao redor. — Eles estão com ela na Torre Eiffel. Ela está no topo, passando os restaurantes, em uma área restrita. Ela está sendo guardada por três demônios superiores — e farejei algo a mais — algo mais horrível e nojento que jamais farejei.

— Podemos passar como turistas e nos infiltrar ali — disse David, ajoelhando-se. — Isto não deve ser muito complicado. Você sabe se a alma ainda está viva?

Kara recuou diante das palavras de David.

— Como você pode fazer uma pergunta destas!

— Precisamos saber. Pode ser uma armadilha.

— A alma está viva — disse Thor, concordando com sua cabeça quadrada enquanto suas orelhas balançavam. — ... e tenho certeza que é uma armadilha. No entanto, é a alma mortal de sua mãe e ela é uma das guardiãs escolhidas. Não sei qual é a grande comoção por sua causa e seus *poderes*. Mas não concordo com a decisão da

Legião de deixar a alma de sua mãe para trás. Não podemos deixar que eles a levem. Se fosse a alma da minha mãe... eu iria lá buscar.

Kara ficou sentada fitando o chão. Ela tinha certeza que era uma armadilha. Com três demônios superiores e provavelmente uma nova raça aguardando, tinha de ser uma armadilha. Mas ela sabia que não tinha escolha. Ela não deixaria a sua mãe morrer. A garganta dela começou a se apertar. Dependia dela agora. Ela se levantou e limpou a terra da calça.

— Tudo bem então... vamos.

— Adoro uma mulher que assume o controle. É muito sexy. — David exibiu seus dentes perfeitos. Desejo brilhou em seus olhos.

Por um instante, Kara se perdeu nos olhos dele. O mundo ao redor dela sumiu e ela se sentiu às sós com David ao lado dela. O seu traje mortal formigou e ela sentiu um calor se espalhando em seu interior. Ele estava tão perto. Ela sabia que bastava esticar a mão que poderia tocá-lo. Ela se lembrou do toque dos lábios macios dele nos dela. Ela fechou os olhos e forçou as emoções para fora de sua mente. Isto não poderia acontecer agora, ela se deu conta. Ela fechou as mãos em punhos e se virou para outro lado, mas não antes de ver um olhar magoado surgir no rosto dele.

Thor parecia estar enojado e lambou o nariz.

Eles caminharam pelo du Champs de Mars, no sentido norte pela Avenue Anatole France. Eles caminharam por vastos gramados podados às perfeição. Mesmo à noite, Kara poderia afirmar que

estavam bem cuidados. As folhas das árvores farfalhavam com sussurros como notas de uma melodia musical.

As perninhas de Thor caminhavam rapidamente, mantendo-se na frente do grupo. Ele fazia com que Kara pensasse em um tenente liderando seus soldados para a batalha. Ela sorriu. Ela não sabia porque ele a estava ajudando, mas estava feliz mesmo assim.

Então a Torre Eiffel surgiu diante deles em toda sua glória. Iluminada por milhares de luzes, ela brilhava contra a paisagem de Paris como uma pirâmide preciosa de prata e ouro. Era magnífica e gigantesca. O passo deles se acelerou.

Quando eles atingiram a base da torre, Kara ergueu a cabeça e olhou para cima. Era linda.

Então Kara se inquietou — a alma de sua mãe estava em algum lugar ali.

Vendedores enfiaram camisetas, cartões-postais e réplicas em miniatura da Torre Eiffel na cara deles. David os espantou.

— Há três plataformas na Torre Eiffel... — Thor sussurrou. Espuma branca se formava nos cantos de sua boca. Kara teve de se inclinar para frente para ouví-lo claramente. — ...você quer chegar na plataforma do topo. Vamos pegar as escadas até o primeiro elevador. Precisamos trocar de elevadores no segundo nível para chegarmos ao terceiro. E de lá, pegamos as escadas para o topo. O horário de visitação está quase acabando, temos de nos apressar.

Kara olhou para a multidão de turistas ansiosos esperando no começo das escadas.

— Venha — gritou Kara.

Após alguns minutos de espera, Kara finalmente deu os primeiros passos para cima da torre. Ela apertou as mãos no frio corrimão de metal e se empurrou para cima. Kara fitava a pirâmide de escadas de ferro. Ao seu redor, ela estava cercada por vigas de ferro gigantes, graciosa treliça que unia os quatro pilares como uma teia de aranha de ferro.

Ela ouviu um som de arranhar atrás dela, então um plop. Ela se virou. Thor estava com as patas arreganhadas na escada de metal. Ela conseguia ver que as patinhas dele não alcançariam. Ela se inclinou e pegou o cão. Ele era surpreendentemente pesado e ela o segurou confortavelmente em seu colo como um grande saco de batatas. Ele sorriu por entre as dobras do focinho.

— Ele podia perder um pouco de peso — David riu. Ele deu uma encarada numa linda morena que roçou nele e Kara estreitou os olhos.

— Por que você está parado aí? Vamos. — Ela tentou manter a voz dela constante. Não queria que David percebesse como o olho vagabundo dele a afetava. Mas o apanhou sorrindo para ela antes que ela virasse a cabeça.

Assim que terminaram de subir os trezentos degraus — Kara os contou — eles finalmente chegaram ao primeiro elevador. Todos

eles se espremeram juntos com alguns turistas mortais. Eles não pareciam se incomodar com o amigo de quatro patas deles que babava todo sobre a camiseta de Kara.

Kara e David saltaram do primeiro elevador e se dirigiram ao segundo. Eles evitaram falar um com outro. O elevador deu um solavanco, então parou. David deixou que os mortais saíssem primeiro, então ele e Kara saíram. Ela ouviu David soltar uns palavrões, e quando ela olhou a vista, entendeu por quê.

Um mar de luzes brilhava lá embaixo e todo ao redor até Kara perder de vista. As luzes cintilavam e bailavam no Sena, como fogos de artifício aquosos de vermelho, dourado e prateado. Uma brisa morna afastou a franja de Kara de seu rosto. Ela olhou ao redor. Romance enchia o ar enquanto casais se beijavam e tiravam fotos.

Thor olhou para ela e rosnou. Ele inclinou a cabeça. Kara seguiu o olhar dele para uma porta no final da plataforma. Ela deu uma olhada para David, que concordou que tinha entendido.

Eles ficaram perto da porta por um instante, e esperaram que os últimos turistas partissem. Finalmente, restaram apenas eles. Começaram a subir a escadaria circular que levava para a última plataforma. Estava muito mais escura. Apenas algumas das luzes da torre estavam montadas nas escadas de ferro. Uma luz suave vinha da lua e Kara estava grata que ela lhes permitia ver o bastante para onde estavam indo.

Ela correu para cima na escada de ferro dois degraus por vez. Thor balançava em seus braços. No topo, uma porta estava

entreaberta. Ela podia ouvir vozes. Uma voz de mulher. Ela deu um passo—

— Espere — disse David, segurando o braço dela. — Precisamos de um plano. Não podemos ir entrando assim — ele sussurrou.

— Ele está certo. — Thor esticou o pescoço e farejou a plataforma acima dele. — Afinal de contas, é uma armadilha. Você precisa pensar em algo esperto.

Ele farejou o ar novamente.

— Há três demônios superiores... e eu sinto o cheiro de outra coisa... algo mais podre. — Ele apertou o focinho e olhou para Kara.

Kara pôs Thor na pequena base de metal, agradecida por ter os braços de volta. — Que armas temos? — ela perguntou com uma voz baixa.

David retirou sua mochila e revirou dentro dela.

— Duas Lâminas da Alma. Uma Pedra da Lua e três Pedras de Fogo.

— Não será o suficiente. — Thor balançou a cabeça.

— Terá de ser. Não temos escolha.

— E você, cachorro? Virá conosco? — David olhou para o Thor, enquanto entregava uma lâmina para Kara e uma Pedra de Fogo. — O que você consegue fazer? Latir até lá em cima?

— Temo que não posso ajudá-los em combate. Sou um batedor... não um guardião. Vou aguardar o resultado aqui. Espero que vocês vençam. — Thor se sentou sobre as patas traseiras, com a língua para fora, na lateral da mandíbula.

— Caramba, obrigada. — Kara fechou os punhos. Talvez ela devesse ter deixado o cão na base da torre. Ela sentiu o punho da lâmina fria na palma da sua mão. Ela a apertou com força. Fosse ou não uma armadilha, sabia que não tinha escolha. O quer que estivesse ali, ela enfrentaria. Até a morte, se fosse necessário.

— Vamos lá — disse Kara.

— Logo atrás de você, gata.

Kara abriu a porta e pisou sobre uma plataforma redonda de metal. Paris estava toda iluminada ao redor deles, como um campo de pedras preciosas brilhantes. Uma lufada de vendo empurrou Kara de lado e ela se equilibrou. A plataforma era pequena, com um escritório no meio. As luzes do escritório estavam apagadas, mas Kara podia ver uma sombra lá dentro.

Ela se virou para David.

— O cara na mesa, que está sentado parado, é de cera... É Gustave Eiffel... esta é uma réplica do escritório dele.

— Isto é bastante perturbador. — David deu uma espiada no escritório.

Ela olhou cuidadosamente atrás do escritório, com a sua adaga em prontidão. As longras sombras das traves de metal da torre criavam teias negras no chão. Kara não conseguia enxergar para o outro lado do escritório. Thor havia farejado demônios, mas ela não conseguia vê-los.

Gemidos — Kara contraiu o rosto e seguiu o som.

Ela contornou o escritório cuidadosamente. Um pacote jazia no chão. Primeiro, Kara pensou que um turista havia esquecido seu casaco. Mas então se moveu.

Kara viu um rosto — uma mulher jovem, com um corte profundo na testa, e sangue escorrendo pelas bochechas. Seus olhos estavam inchados e escoriados. Alguém a havia espancado seriamente. *O que ela estava fazendo aqui?*

Algo brilhou no canto de seu olho, e Kara se virou. Uma esfera branca pairava em um frasco de vidro na plataforma a alguns passos de distância.

— MÃE! — Kara gritou. Ela correu em sua direção;

— Kara... Não! — David tentou alcançá-la.

Uma ondulação de fumaça negra apareceu diante de Kara, como uma parede de água negra tremulando.

Ela pulou para o lado, brandindo a sua lâmina.

A parede cintilou e se rachou, explodindo em redemoinhos de névoa negra, como um turbilhão de sombras. Um homem caminhou para fora da parede. Kara já havia visto seu cabelo branco platinado e terno cinza antes.

## *Capítulo 13*

## *Fazendo um Acordo*

**O** demônio superior sorriu ao avistar Kara. Sua pele branca pastosa se destacava sob o luar, como um cadáver de uma semana. Ele se precipitou adiante e ergueu a garota espancada pela garganta. Ele fez com que o corpo dela balançasse como um brinquedo. Em sua outra mao, ele segurava o frasco de vidro.

O demônio rosnou, expondo presas afiadas. Ele riu.

— Procurando por isto?

Ele balançou a jarra, com a alma quicando nas paredes de sua prisão de vidro.

— Você é tão previsível, Kara Nightingale. E muito tola. Sabíamos que você viria atrás da patética almazinha de sua mãe.

Kara observou o demônio.

— Eu pensava que teríamos mais diversão com esta aqui. — Ele apertou sua mão com mais força na garganta da garota espancada. Kara podia ouvir um tênue lamento.

Raiva ferveu em Kara.

— Deixe-a ir. — ela rosnou.

Em sua visão periférica, ela viu David dando um passo para o lado dela.

— Deixe-a ir... é a mim que você quer. Vamos fazer uma troca. Eu pela vida da garota... e pela alma de minha mãe.

Os olhos de David fuzilaram Kara.

— Kara, não! — ele sussurrou.

A fissura oscilou e se rachou novamente, e dois outros demônios superiores saíram das sombras. Os dois sorriram quando a viram. Eles se separaram e caminharam pela plataforma. Suas Lâminas da Morte deixavam longas trilhas de fumaça negra atrás deles.

Kara deu um passo para trás quando um dos demônios se posicionou à sua direita. O outro, na esquerda de David, manteve sua posição.

O demônio superior lançou sua cabeça para trás e uivou.

— Você trocaria a sua vida angelical por esta alma patética... e desta miserável mulher mortal? Que tocante.

Kara observou em horror enquanto o rosto da garota se tornou um tom mais vermelho enquanto ele a estrangulava.

— Você quer trocar ou não! Última chance. — Kara deu outro passo na direção dele.

— Última chance? — o demônio riu.

Ele balançou a garota com um trapo.

— Você quer fazer um acordo? E se eu não aceitar? O que você vai fazer? Por favor, esclareça-nos.

O demônio superior zombou dela. Kara sabia que eles estavam jogando com ela. A boca da garota se contorceu e tremia. Kara sentiu uma terrível tristeza por ela.

— Se você não a deixar ir, vou matá-los todos. — As palavras soaravam estranhas saindo de sua boca. Mas, de algum modo, ela se sentiu mais forte. Podia sentir o seu poder elemental fluir através dela, ganhando força ao se alimentar de suas emoções.

Ela o procurou. E ele respondeu.

Uma incomensurável energia de poder indomável dentro de seu âmago aguardava, pronta para explodir. Ela deu outro passo para frente.

— Você é uma garota estúpida. Meu mestre me disse que você viria. E agora terei a satisfação de assistir a sua reação enquanto eu arranco o coração desta mortal e devoro a alma dela.

Ele se virou para os outros demônios superiores e inclinou a cabeça.

— Matem o anjo e tragam-*na* para o mestre. Mas não a cortem demais... o mestre a quer intocada! Oh, e aproveitem para esmagar aquele maldito cachorro.

Kara sentiu Thor roçar os calcanhares dela. Ele olhou para ela com determinação.

— Thor! Saia daqui! — Kara empurrou o buldogue com a perna. Ele cambaleou na direção do demônio superior latindo alto.

— Ataquem! — gritou o demônio.

Os demônios lançaram seu ataque.

David soltou um grito de batalha e correu para acertar o demônio frente a frente. O outro demônio superior arremessou uma lâmina da morte em Kara. Mas ela estava pronta. Ela desviou a lâmina para o lado facilmente e se aprontou para o próximo massacre. O demônio puxou outra lâmina da morte e cortou no ar sobre a cabeça de Kara. O cabelo dela se levantou com uma corrente de ar. Ela se agachou e rolou sobre a plataforma de metal. Com a sua lâmina da alma pronta, ela pulou, esquivou-se e atacou no peito do demônio. Mas ele antecipou o movimento dela. Ele voou no ar, evitando a lâmina dela, girou e caiu na frente dela. Um sorriso malicioso se abriu em seu rosto branco pastoso. Ele lançou um beijo para ela.

Um grito rasgou no ar noturno. A atenção de Kara se voltou para a garota mortal — a boca do demônio estava escancarada de maneira anormal. Dentes afiados como navalhas brotavam dela, com veneno já se espalhando pelo corpo dela.

Uma dor súbita surgiu no peito de Kara. Ela cambaleou para trás e caiu. Uma lâmina da morte estava fincada em seu abdômen. Rolos de fumaça subiam dela, o veneno já estava se espalhando por seu corpo.

Ela agarrou a lâmina em sua mão. Queimava. Ela gritava de dor e a arrancou. Mas ela podia sentir o seu corpo se enfraquecendo. Kara tremeu enquanto o veneno a devorava até o âmago, como um câncer destruindo o tecido saudável.

Mas havia algo a mais dentro dela. Kara sentiu um calor crescer em seu interior e envolvê-la, como um cobertor quentinho. Ela olhou primeiro para o frasco com a alma de sua mãe, então para a garota. O demônio a estava provocando, suspendendo o corpo dela a centímetros de sua grande boca, alimentando-se do medo dela como se fosse uma droga. Kara podia ouvir o chocar-se de armas atrás dela. David ainda resistia.

Kara se levantou. Segurando com força a sua lâmina da alma em sua mão, ela deixou o fluxo de energia elemental crescer através dela. Seu poder se alimentava de seu ódio absoluto aos demônios como um animal esfomeado. Ela tentou tocá-lo, como uma luz no fim do túnel. Uma irradiação dourada borrou sua visão. Seu corpo tremia.

O demônio ria. A garota gritava.

Então um lampejo de luz dourada jorrou das mãos esticadas de Kara e acertou o demônio superior bem no peito.

Gemendo, o demônio soltou a garota e tombou no chão. Ele soltou o frasco de vidro contendo a mãe de Kara. Ele caiu no chão e rolou sobre a plataforma perto do pé dela. O corpo dele tinha convulsões, contorcendo-se enquanto a luz dourada o envolvia. Ela brilhava como raios de eletricidade ao redor dele. Então, com um alto ruído, ele desapareceu.

Outro feixe de luz dourada foi disparado da mão de Kara e acertou o outro demônio superior. Ele foi erguido no ar, com os membros contorcidos, enquanto tentáculos brilhantes foram deflagrados e envolveram o corpo dele como uma múmia dourada. O demônio superior gritou e estourou em milhões de pedaços brilhantes, como deslumbrantes fogos-de-artifício.

O veneno da lâmina queimava no peito de Kara. Ela envolveu o braço ao redor da ferida aberta. Ela olhou para cima e viu David sobre um demônio morto. Kara correu para a garota. Ela estava caída no chão. Sangue escorria da boca e do nariz dela. Hematomas pintavam o rosto dela. Os olhos dela estavam fechados e Kara se indagou se ela estava morta.

— Ei — disse Kara, gentilmente. Ela acariciou o rosto da garota. — Você me ouve? — Ela disse, com maior urgência.

As pálpebras da garota se abriram e se fecharam. Uma mistura de medo e confusão se espalhou pelo rosto dela.

— O... o quê? — ela resmungou.

Kara foi tomada por alívio.

— Você vai ficar bem. Acabou. Está à salvo agora.

David se ajoelhou ao lado de Kara.

— Tudo vai ficar bem.

Os olhos da garota se arregalaram. Ela os olhou, distante, então fez uma careta de dor. Ela estudou o rosto de Kara por um instante. Então, lembrando-se do que aconteceu, ela recuou.

— Eles eram monstros! Não eram humanos!

— Está tudo bem. Eles se foram. — Kara segurou a garota pelos ombros e estudou o rosto dela. — Ninguém vai machucá-la mais. Acabou.

O corpo da garota tremia ao toque de Kara.

— Quero ir para casa. Só quero ir para casa. — Ela chorou.

David esticou o braço e levantou o queixo da garota delicadamente.

— Sou David. Esta é Kara. Qual é o seu nome?

A garota piscou. Lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Christina. — Ela limpou o nariz com as costas da mão.

Kara forçou um sorriso.

— Bem, Christina. Vamos levá-la para casa. Você consegue se levantar?

Cristina conferiu seu estado. Ela concordou.

— Acha que consegue andar?

Com a ajuda de Kara, Christina se levantou e se equilibrou. Ela deu alguns passos incômodos, piscando a cada movimento.

Kara segurou Christina pelo lado e a ajudou.

— Não se preocupe. Vamos ajudá-la.

Thor apareceu entre elas. Ele caminhava para frente e para trás, farejando o ar.

— Desculpe-me interromper... mas acho que estou farejando uma coisa.

— O cachorro acabou de falar? Aquele cachorro feio acabou de falar! — Os olhos de Christina estava cheios de medo.

— Quem você está chamando de feio? Tenho pedigree. Sou lindo. — Thor deu um grande sorriso para Christina debaixo de todas suas dobras. Cuspe voou de sua boca.

Kara olhou para David.

— Não se preocupe — ele sussurrou — a memória dela será apagada. Ela não vai se lembrar de nada.

— Graças a Deus — disse Kara. — Ok, vamos tirar a alma da minha mãe daqui.

Kara soltou Christina. A alma da mãe dela ainda planava dentro do frasco de vidro, incólume. Kara havia conseguido. Ela tinha salvo a alma de sua mãe. Ela se moveu em direção à esfera de vidro.

— Apressem-se, pessoal — exortou Thor. Ele correu para a beira da plataforma em direção à fissura. A parede negra ondulante ainda se erguia diante dele. Ele ergueu a cabeça. — Espere um minuto. Por que ainda está aberta? Algo não está certo...

Um alto ruído explodiu e Thor foi arremessado para trás no ar. Uma criatura horrenda saiu da Fissura, sob o luar. Sua carapaça úmida brilhava sob a luz suave. Centenas de patas como de insetos empurravam seu longo corpo pegajoso retorcendo-se e enrolando-se em direção a ela, arranhando o chão de ferro com suas garras afiadas, como uma centopeia gigante. Duas cabeças humanas desfiguradas brotavam de cada extremidade da criatura. Ela enrolou o corpo, para que as duas cabeças fitassem Kara. Suas bocas distorcidas se abriram e ácido negro fumegante espirrou no chão. Seus olhos vermelhos cintilavam e Kara percebeu que havia inteligência neles.

Christina soltou um grito e desmaiou no chão.

A nova raça avistou o frasco de vidro. Ela se inclinou e o apanhou antes que Kara tivesse uma oportunidade.

Então atacou.

— David! Pegue Christina e tire-a daqui! — Kara brandia sua Lâmina da Alma e avançou para a nova raça. — Aqui, sua

imundície! — ela balançou os braços e atraiu a atenção do demônio.

David correu para o lado dela.

— Kara, o que você está fazendo? Está louca!

Kara mantinhas os olhos na criatura. Com a sua mão livre, ela puxou uma Pedra da Lua.

— Talvez esteja... mas, agora mesmo, preciso que você leva a mortal para um lugar seguro.

A criatura uivou um horrendo grito mortal.

— Não. Não vou deixá-la! — David sacou uma lâmina e a segurou diante de si.

Kara balançou a cabeça e o empurrou.

— Você tem de fazer isto. Esta é a minha batalha. Você nem deveria estar aqui. Salve a garota! Não quero mais sangue na minha consciência. Vá!

David encarou Kara.

Kara deu um passo adiante.

— Vá, David. Agora!

Com uma última olhada, David correu para Christina e lançou o corpo dela sobre seu ombro. Ele disparou para baixo na escadaria em espiral. Kara observou em silêncio enquanto ele desapareceu

nas trevas. Thor jazia como uma pilha inconsciente perto da beira da plataforma. Kara franziu o cenho.

Ela encarou a nova raça de novo.

— Agora somos só eu e você, feioso.

Kara procurou dentro dela por seu poder elemental. Ela o sentia escondido dentro dela. Ela o convocou. Nada aconteceu.

*Oh não, de novo não!* Ela se esforçou mais uma vez. *Por favor! Não faça isto comigo agora!*

Talvez o veneno da Lâmina da Morte o houvesse inibido. Ela se concentrou mais.

A criatura sentiu a luta de Kara e atacou.

Kara rolou para o lado. Ela pulou e jogou sua Pedra da Lua nela. Ela explodiu com uma brilhante nuvem de luz barnca, cegando Kara por um instante. Mas, quando a luz se dispersou, o demônio permanecia intacto. Ele gemeu ao desferir outro ataque.

Kara deu um impulso e saltou ao redor do demônio, cortando-o com sua lâmina. A criatura uivou. Sangue negro jorrou dos ferimentos abertos. Kara viu outra oportunidade e a aproveitou, decepando o ombro do demônio. O braço dele caiu sem vida no chão.

O demôniu cuspiu uma gosma verde que Kara não tinha visto antes. Passou raspando em Kara e pegou fogo ao tocar o chão.

Kara brandiu a espada e a arremessou na criatura. Ela a acertou bem no olho esquerdo de uma de suas cabeças. Espantada, a criatura hesitou por um instante. Kara reconheceu sua oportunidade. Ela correu em direção a Thor. Ela apanhou o cão desfalecido e o segurou no colo. Virou-se e saltou para baixo na escadaria em espiral.

Ela podia ouvir a criatura correndo atrás dela nas escadas. Ignorando a dor em seu peito, ela acelerou. Avistou a segunda plataforma e Kara correu para ela. Ela saltou o último degrau e pousou na plataforma com um barulho alto. O ferro vibrou sob seus pés.

Toda a área do mirante estava vazia e escura. Nenhum turista vagava por ali observando a vista. Ela podia ver as patas da nova raça enrolando-se no corrimão da escada no andar acima. Ela empurrava seu corpo grotesco adiante. A alma de sua mãe ainda estava em suas garras.

Kara saltou para dentro do segundo elevador. Ela apertou o botão freneticamente. Com um solavanco, o elevador começou a descer. Ela sentiu um pouco de alívio.

*BOOM!*

A torre tremeu quando o demônio pousou na segunda plataforma. O elevador balançou e Kara foi arremessada com força para um dos lados. Os cabos poderiam não suportar outro impacto como aquele. Kara olhou para cima. Uma horrenda cabeça humana a fitava. Seu rosto estava rasgado e contorcido, como se houvesse

sido posto em um liquidificador. Suas garras afiadas seguraram ao redor da plataforma. Seus úmidos olhos vermelhos estava fixos nela. Ele gemeu. As patas gigantescas de inseto se moveram adiante. A outra extremidade da criatura apareceu. Ela abriu a boca. Vomitou líquido negro de suas bocas e atingiram as bordas do elevador. Kara pulou para trás. Ela sabia que se o sangue tocasse sua pele ela teria um grande problema. O líquido negro fumegou e começou a derreter o metal.

O elevador estava derretendo. Kara sabia que teria de saltar para evitar ser derretida também. O primeiro nível da torre podia ser avistado. Ela viu sua oportunidade. Antes de atingir o fundo, Kara saltou e correu pela primeira plataforma e procurou por uma saída. Ela olhou para baixo da borda. Carros pequenos do tamanho de formigas vagavam pelas ruas. Os postes pareciam mirtilos reluzentes. Era alto demais para saltar.

Um alto gemido atravessou a imobilidade e o chão tremeu sob ela, enquanto o demônio pousou no terraço.

Kara teria escalar para baixo. Seu traje M era mais poderoso que um corpo humano normal. Ela torcia para conseguir fazer isto.

Ela pulou para uma das escadas de ferro. Agarrando Thor com uma mão, ela usou a outra para escalar. Antes de dar-se conta, ela estava a meio caminho do chão.

Subitamente, ela foi atingida por algo duro no rosto. Ela perdeu a sustentação e caiu. Ela caiu de costas sobre uma grade de metal três metros abaixo. A ferida em sua barriga se abriu e ela gritou de

dor. Mas ela se segurou. A nova raça estava a poucos metros dela. Atacava o ar com suas patas. A alma de sua mãe balançava para cima e para baixo dentro do frasco de vidro, ainda em posse do demônio. Com seu braço direito, ela se levantou e continuou escalando para baixo.

Ela chegou à base e pulou para o chão de concreto. Ela rapidamente olhou para cima — mas o demônio havia desaparecdio.

— Hã? Mas que...

Ela se virou. Fitou o rosto de um nervoso homem de meia-idade com um quepe negro, coturno negro e camisa azul-marinho.

## *Capítulo 14*

## *A Polícia Francesa*

***— Uh****…bon soir* — disse Kara, lembrando-se das lições de francês de sua mãe. — *Ça va?* — ela sorriu, completamente *blasé*. Ela deu umas piscadas.

O policial não se impressionou. Ela a tocou no braço com o cacetete.

— Você é uma estrangeira — ele disse num inglês perfeito. Não era uma pergunta.

— Rapaz, você não tem ideia — Kara sussurrou.

— O que você disse? Está fazendo uma piada? O que você está fazendo no meio da noite... escalando La Tour Eiffel? A hora de visitação acabou. O que você estava fazendo lá em cima?

Kara se esforçou para esconder sua barriga ferida com Thor.

— Nada, senhor... eu juro... eu só estava... vendo a paisagem. É tudo.

O policial olhou para cima e disse, enquanto outro policial corria na direção deles.

— *Je l'ai trouvé, Francois. Une gamine.*

Com o seu cacetete, o policial cutucou Thor.

— O que há de errado com o seu cachorro?

— Hã — Kara olhou para Thor. — Ele só está doente. Estava a caminho de casa para dar o remédio dele... então devo ir agora... até mais. — Kara deu um passo adiante, mas o policial parou na frente dela.

— Os seus documentos, por favor — Ele disse, num tom agressivo. Kara não se moveu. — O seu passaporte, por favor — ele repetiu, ficando irritado.

— Não tenho.

O policial deu uma olhada para o parceiro.

— Você é uma estrangeira... e está me dizendo que não tem documento? Como você entrou no país sem um passaporte? Não brinque conosco, mocinha.

A situação estava ficando pior a cada minuto.

— Eu... eu perdi. Eu... tentei encontrá-lo, venha... é por isto que estava aqui tão tarde. Devo ter deixado cair antes, quando a nossa excursão visitou a Torre Eiffel esta tarde. Quando voltei para o hotel,

percebi que tinha perdido meu passaporte... então vim aqui... ei! O que você está fazendo?

O policial agarrou Kara pelo braço e a puxou em direção a um carro de polícia. Ele abriu a porta e a empurrou para o banco de trás. Kara perdeu o equilíbrio e caiu primeiro de cabeça no assento. Fedia a cigarros e suor. Havia manchas marrons nojentas no assento e Kara fez uma careta torcendo para que não fosse o que ela pensava ser.

*Isto é muito ruim*, ela disse para si.

— Por favor! Não fiz nada! Você não pode fazer isto!

O policial fechou a porta e se sentou no banco dianteiro. Kara observou enquanto o parceiro dele se acomodou no banco do passageiro.

— Para onde vocês estão me levando? — Kara gritou. Mas eles apenas a ignoraram.

Eles dirigiram, acelerando descuidadamente pelas ruelas. Kara começou a se sentir tonta. Seu traje M começava a pifar. Ela podia sentir a essência dela começando a ficar fraca. Não duraria até de manhã e ela não sabia quanto tempo conseguiria segurá-la.

Cinco minutos depois, o carro parou e Kara deu uma olhada para fora da janela. Um alto edifício marrom de pedra estava diante deles. Uma bandeira azul, branca e vermelha da França tremulava na brisa suave. A porta do carro se abriu.

— Saia.

Kara obedeceu e cambaleou desajeitamente com Thor ainda em seu colo. Ele ainda estava inconsciente.

Sem saída a não ser traindo a sua identidade, ela decidiu seguir os homens até a delegacia. Eles caminharam por um corredor e abriram uma porta. Kara olhou para dentro. Era uma pequena sala com uma única mesa e duas cadeiras de metal de frente uma para a outra. Ela sentiu um apertão em seu ombro. Um policial a empurrou para a frente e então a forçou a sentar-se em uma das cadeiras. Ela olhou para baixo para Thor. Ele não abriu os olhos.

A porta de abriu e uma policial feminina entrou. Ela olhou para Kara.

— Venha. — Ela acenou para Kara para segui-la em direção a uma grande fotocopiadora bege em um canto.

A policial agarrou a mão de Kara e pressionou o dedo indicador dela em uma pequena plataforma quadrada. Uma luz apareceu. Ela se moveu lentamente do topo até embaixo. Ela pegou outros dedos de Kara e fez o mesmo até ter escaneado todas as impressões digitais de Kara.

A policial parecia subitamente confusa. Ela olhou para Kara, então de volta para o escâner.

— *Mai... je ne comprend pas*? — disse a policial.

— O que é? — O policial veio e estudou a pequena tela sobre a máquina. Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Dê-me a sua mão — ele ordenou. Ele pegou a mão de Kara com agressividade e pressionou cada um de seus dedos no escâner novamente. Kara temeu o que aconteceriam em seguida.

Ele olhou para a tela e estreitou os olhos.

— Você... você não tem impressões digitais! Como é possível que você não tenha impressões digitais?

Kara deu de ombro e tentou parecer o mais inocente possível. *Finja ser a garota idiota*, ela disse para si mesma.

— Isto não é normal. Quem é você? — ele rugiu. — Como você removeu as suas impressões digitais? Você é uma espiã, disfarçada de garotinha? — Ele bateu com força com a mão na máquina, fazendo com que Kara desse um pulo.

Então houve um súbito *click*, enquanto a porta do escritório se fechou atrás dela. Kara se virou e deparou-se com o olhar frio de um demônio superior.

Num piscar de olhos, ele pegou a policial por trás e cortou a garganta dela. Sangue espirrou da ferida e a mulher caiu no chão. Kara recuou, horrorizada.

— *Arrêtez!* — gritou o policial.

Ele sacou a arma. Mas antes que pudesse disparar, o demônio arrancou a arma da mão dele e quebrou o braço dele com um ruído horrível. O demônio apertou a garganta do homem com sua mão. Ouviu-se um crack alto. O policial escorregou até o chão.

— Pensava que podia se esconder de nós, anjinha? — o demônio superior riu. Ele lambeu sua lâmina e sorriu. Sangue escorria de seus dentes pontudos.

Kara recuou lentamente. Ela não tinha mais armas. Ela não podia contar com seu próprio poder. Quando ela gentilmente pôs Thor no chão sob a mesa, Kara percebeu duas pequenas esferas planando sobre os policiais mortos. Ela sentiu o seu corpo se inclinando em direção a elas. Ela tinha de salvá-las.

Mas o demônio foi mais rápido. Ele as apanhou e as engoliu.

— Hummm... delicioso. Nem pense em escapar. Não há como fugir. Você vem comigo.

Subitamente, batidas brotaram atrás das portas. Ela ouviu vozes abafadas de mais policiais tentando derrubar a porta.

— Meu mestre está esperando por você, Kara. Ele tem sido bastante paciente. Ele gostaria de conversar com você, entende. E, como recompensa por trazê-la até ele... poderei devorar a alma de sua mãe. Vou desfrutá-la muito. — O demônio rugiu numa risada e lambeu os lábios.

Algo pesado se chocou contra a parte de fora da porta. Ela sabia que logo seria derrubada. O demônio os mataria também.

— Vou matá-lo se você tocar a alma da minha mãe — Kara rosnou, sentindo uma súbita agressividade animal.

— Ha! Olhe para si... você está ferida... não vai durar muito neste mundo. Seu *patético* corpo mortal está morrendo. Está fraco. Assim como o resto dos mortais... patético! Nós deveríamos governar este mundo, não os mortais. Eles só se importam com dinheiro. Para que serve o dinheiro se você é fraco e não tem poder? Por que eles têm o direito de vagar por este mundo? Nós somos seres de verdade.

— Os humanos habitam a Terra. É como as coisas são. Habitue-se a isto, demônio.

O demônio superior curvou os lábios.

— Não por muito tempo. Logo eles enfrentarão sua emancipação final. Logo os *patéticos* pequenos mortais deixarão de existir. Eles serão esmagados... e nós obteremos o que é nosso.

Kara balançou a cabeça dela. Ela se lembrou do odor de sabão de lavanda que sua mãe usava todas as manhãs antes do trabalho, e o jeito como ela arrumava o cabelo em um coque, com mechas de cabelo constantemente se soltando.

— O quê? Do que você está falando?

O demônio ergueu as sobrancelhas, satisfeito por ter uma informação que Kara não possuía. Ele ergueu a cabeça arrogantemente.

— Amanhã à meia-noite... portais serão abertos para o mundo mortal... e cada casa ao redor da Terra receberá um visitante surpresa. — O demônio ergueu a a mão, fechando-a como se estivesse estrangulando alguém.

Ele olhou para Kara e sorriu.

— Você não pode evitar isto, pequenina. Ninguém pode. Nem mesmo a sua insignificante Legião. Você testemunhará a morte de todos os mortais... então reconquistaremos a Terra.

— A Legião vai impedí-los. Vocês nunca serão capazes de fazer isto.

O demônio sorriu.

— Eles não podem evitar o que eles não sabem, como poderiam? Tolos previsíveis, estes anjos. Mas você, minha cara, você é especial. E meu mestre quer falar com você.

— Não vou a lugar algum com você. — Kara recuou.

A porta se abriu. Cinco policiais hesitaram na porta por um instante. Eles avistaram os corpos. Eles olharam para Kara e para o demônio superior — então começaram a atirar.

As balas passaram raspando pela cabeça de Kara, enquanto ela se agachou sob a mesa. Ela assistiu horrorizada a velocidade sobrenatural do demônio. Ele atacou dois dos homens e os rasgou no meio como se fossem folhas de papel. Ele parou no meio dos corpos com um sorriso maligno.

Então ele ouviu de dor. Thor mordeu a perna do demônio. Ele agarrou o cachorro e arremessou contra a parede. Os outros três policiais atacaram. Kara rolou no chão e alcançou Thor. Ela o apanhou.

— Esta é a nossa oportunidade... enquanto o demônio está ocupado com outras coisas — ele exortou — agora!

Sem olhar para trás, Kara correu porta afora. Thor balançava no colo dela enquanto ela atravessou por mesas e cadeiras. Ela se agachou atrás de uma grande mesa, enquanto uma horda de policiais com coturnos negros e armas automáticas corriam em direção à sala onde o demônio superior estava matando os outros. Eles morreriam também.

— Kara! Temos de ir!

Com uma última olhada para os policiais, Kara disparou porta afora e correu para a movimentada rua noturna, com os seus olhos se ajustando à escuridão e às luzes da rua.

— Pare de correr. Você está parecendo suspeita. — Thor se contorceu desconfortavelmente nos braços dela.

Kara reduziu o passo. O veneno da Lâmina da Morte devorava o seu traje M. Ela se sentia tonta. Ela olhou para seus braços. A pele do seu traje M estava fina; ela podia facilmente ver a luminosidade do seu corpo angelical. Ela calculou que tinha uma meia hora remanescente antes que todo seu corpo se desfizesse, expondo-a a todo tipo de demônio possível. Então seria um alvo fácil.

— Eu tenho de encontrar água... meu traje mortal não vai durar muito.

— Há um chafariz no parque Saint-Lambert. Nesta hora da noite, você pode entrar nele sem ser vista. — Thor ergueu seu focinho chato e farejou. — É por aqui. — Ele inclinou a cabeça para a direita.

Kara caminhou furtivamente pela rua, apertando Thor contra o peito. As ruas estavam cheias. Música brotava das muitas lojas e pequenas cafeterias que contornavam as calçadas de paralelepípedo. O cheiro de álcool e café preenchiam seus sentidos.

Parte dela não queria voltar. Ela se indagou se não deveria simplesmente deixar-se morrer aqui. Seria melhor do que sucumbir à fúria da Legião. Ela havia quebrado tantas leis, que nem conseguia se lembrar — eles provavelmente a jogariam novamente no Tártaro. Ela não era má mesmo apesar de seu pai ter sido um demônio. Era inocente.

— Thor? — ela pigarreou. — O que você acha que eles vão fazer comigo quando eu voltar?

Thor desviou o olhar por um instante.

— Eles vão jogá-la na prisão e aguardar o seu julgamento, tenho certeza disto.

— Ótimo. — Kara encolheu os ombros. — Como é que poderei provar a minha inocência agora?

Ela parou e falou novamente.

— Você acha que o que o demônio disse é verdade? Que à meia-noite um visitante virá e matará todos os mortais?

— Ele pareceu ser arrogante demais para estar mentindo.

— Temos de avisar a Legião! Você tem de avisá-los... eles nunca vão acreditar em mim. Thor... você tem de contar para eles — Kara insistiu.

— Sim, farei o possível. Mas primeiro temos de encontrar um lugar seguro para você.

Eles passaram por um pub com um terraço. Uma pequena televisão estava suspensa sobre o balcão de madeira. O rosto dela estava na TV. Cenas em preto e branco dela correndo para fora da estação de polícia com Thor nos braços passava na tela. No lado direito da tela estava uma mesnagem, *Polícia Francesa, Procurada. Extremamente perigosa. Assassina de policiais.*

— Minha nossa — disse Thor.

— Oh, diabos. — Kara via enquanto os fregueses a encaravam e depois a TV. As expressões deles mudaram de confusão para reconhecimento. Antes que piorasse, Kara disparou.

Ela correu o mais rápido que o seu traje M em colapso a permitia.

— Para onde? — Ela gritou, correndo.

— Vire à esquerda depois da placa de pare, então à direita... cuidado!

Um carro apareceu do nada. O motorista freou. Kara bateu no lado da porta. Ela caiu, mas rapidamente se levantou. Ela tinha batido em um carro da polícia. Ela podia ver o monitor no painel pela janela — o seu rosto estava na tela deles. Kara viu nos olhos do policial que eles a tinham reconhecido. Mas mesmo antes que eles pudessem se mover, Kara já tinha se movido.

Ela correu mais rápido. Ela esforçou suas pernas mortais e torceu para que elas não perdessem a força.

— Aqui! — Thor gritou. — Estamos aqui. Rápido... ponha-me no chão; você vai correr mais rápido.

— Você vai ficar bem?

— Eu? É claro, é com você que estou preocupado.

Kara soltou Thor e correu em direção ao chafariz. As sirenes soavam mais altas a cada segundo.

— Logo eles estarão aqui. Vai! Vai! Vai! — Thor a exortou.

A voz dele foi afogada pelas altas derrapagens de pneus no asfalto. Um carro de polícia derrapou ao redor da esquina, vindo direto para eles. Thor correu ao redor do chafariz e se escondeu atrás da estátua de uma mulher segurando um jarro.

Kara pisou na água.

— Obrigada, Thor! Nunca vou me esquecer da sua gentileza.

— Manteremos contato — respondeu o cão.

E, assim, Kara mergulhou na água e deixou que a claridade a envolvesse.

## *Capítulo 15*

## *Para bom entendedor*

**K**ara ignorou os muitos insultos e repetidas tentativas de um grande chimpanzé de envolvê-la em um diálogo. Ela nunca o havia visto antes. Ele tinha grandes tufos de pelo no topo da cabeça, como um Mohawk fino e uma bufante saia quadriculada. Era uma fêmea ou um macho? Kara não tinha certeza. Mas o que ela podia afirmar no breve período que passaram juntos era que ele era tão repulsivo e grosseiro quanto todos os outros ascensoristas primatas.

— Você tem um problemão, sabe? — O chimpanzé ergueu os braços acima da cabeça. O espesso pelo negro o cobria completamente. Seu chapéu amarelo de ascensorista estava preso debaixo do queixo com um elástico. Ele estendeu o braço para baixo e começou a coçar o traseiro. — Você *é* a infame Kara Nightingale, não é?

Kara encostou a cabeça no painel do fundo do elevador.

— Não dá para você calar a boca e me deixar em paz? Não quero conversar. Especialmente com você.

— Que pena. — O chimpanzé se inclinou sobre o banco de madeira. Ele observava Kara com grande interesse. — Eles vão jogá-la de novo na prisão, eles vão. Você quebrou a lei. Você escapou do Tártaro. Faz com que eu me pergunte por que você foi escolhida em primeiro lugar. Por que depositar tanta fé em uma garota tola que vaga por aí sem uma preocupação na vida, hã?

— Cale a boca, macaco. — Kara olhou furiosamente para o chimpanzé. O sorriso dele a enfureceu.

O elevador parou com um solavanco.

— Nível dois, Operações! — gritou o chimpanzé. — Eu sou o Chimpanzé 2P72, desejando-lhe um bom dia, senhorita. — Ele fez uma reverência, segurando a barrada de sua saia com suas mãos.

Kara girou os olhos e caminhou em direção às portas. O corpo dela se enrijeceu. As mãos delas tremiam. O que a estaria esperando atrás das portas?

As portas se abriram e ela pisou na macia areia vermelha.

A forma gigantesca de Gabriel se elevou sobre ela. Ela relaxou um pouco ao ver David. Só havia eles dois — o Alto Conselho não havia enviado a Legião inteira atrás dela.

— Que bom vê-la novamente, Kara. Teve uma boa viagem? — O tom de Grabiel era desprovido de emoção. Enviou calafrios por todo seu corpo. Ele olhou para ela.

— Se importaria em me dizer como você escapou do Tártaro? Quem mais estava envolvido? Duvido que você tenha escapado por conta própria.

Kara mordeu o lábio e não disse nada. Gabriel a observava com desdém. Kara olhou para David procurando ajuda. Ele deu de ombros — ele não havia dito nada a eles sobre ter ajudado-a. Ela se perguntou onde Jenny e Peter estariam agora. Ela esperava que eles estivessem escondidos.

Gabriel cruzou os braços e olhou para David com desconfiança.

— Eu sei que David tem alguma coisa a ver com isto... mas não podemos provar. Pelo menos, não por enquanto.

— Ele não estava envolvido. Eu... eu... corri o risco e pulei. — Kara gaguejou.

Os olhos de Gabriel cintilaram perigosamente.

— Você sabe quanto problema você causou? Fugir da prisão é uma coisa... mas agora... você está nas notícias de toda a Terra... uma assassina perigosa que matou uma dúzia de policiais franceses.

Ele jogou um jornal na cara dela. Ele caiu no chão. Na capa tinha a foto de Kara e uma fotografia sangrenta dos policiais mortos empilhados uns sobre os outros. Seus corações e vísceras haviam sido arrancados deles. Kara estremeceu diante da foto sanguinolenta.

Kara começou a tremer.

— Eu não fiz isto! Você sabe que não conseguiria. Foi um demônio superior! Ele fez isto.

— Você não deveria estar ali! — Gabriel rugiu. — Você não tinha que ter escapado e se envolvido com isto! O que estava tentando fazer?

A pele dele começou a escurecer e Kara se lembrou porque ela sempre teve um pouco de medo dele.

— Ela estava tentando provar a inocência dela, Gabe. — David deu um breve sorriso para Kara. Ele se virou para encarar o arcanjo. — Ela nunca teve intenção de ferir Al. Foi um acidente... Eu sei, eu estava lá. Ela estava tentando me proteger daquele idiota! O conselho sequer lhe deu chance de explicar-se. Não é justo. Por quanto tempo ela deveria apodrecer naquela prisão? Eles nunca iriam soltá-la.

— Não era só isto — disse Kara, dando um passo adiante. Ela olhou para o chão. — Eu tinha de voltar para procurar a alma da minha mãe. Eu tinha de salvá-la.

Ela deu uma olhada para David.

— Mas não consegui salvá-la. A nova raça levou a alma dela.

— Você fez o seu melhor. — O olhar de David se fixou em Kara.

Gabriel deixou seus braços poderosso caírem ao seu lado.

— Sinto pela alma de sua mãe. Mas você tem problemas maiores. Problemas que poderão lhe custar tudo. — Ele uniu os polegares sobre seus dedos entrelaçados. — O conselho está furioso com você, Kara. A sua punição será severa, escreva o que lhe digo. E não há nada que eu... ou o David possamos fazer sobre isto.

Ele desviou o olhar, perdido em algum pensamento distante, então retornou a atenção para Kara.

— Deram-me a ordem para escoltá-la de volta à prisão.

— O quê! Agora! Não, espere... eu tenho de lhe contar uma coisa! — Kara suplicou. O corpo dela tremia.

— Gabe, você não pode fazer isto! Ela é inocente! Você sabe que ela é!

O arcanjo ergueu as mãos.

— Não é a minha decisão. Além disto, ela trouxe isto para ela. Se ela houvesse ficado no Tártaro, ela teria recebido uma sentença mais leve. Mas depois de tudo que aconteceu, ela terá sorte se não a matarem.

O queixo de Kara caiu.

— O quê? Mas... mas...

— Não está certo! — David gritou. — Como eles podem fazer isto?

— Ela é parte demônio... uma arma de algum tipo. O conselho teme o que ela pode fazer.

Kara fechou os punhos.

— Então é isto? Só porque sou parte demônio... não sou mais uma parte da Legião? — Ela ergueu os braços — Serei jogada fora como lixo.

— Se você se comportasse como um obediente anjo normal — Gabriel rugiu — nada disto teria acontecido!

Kara chutou um pouco de areia com seu pé.

— Bem, se eu houvesse obedecido, eu nunca teria ouvido sobre o ataque que os demônios estão planejando.

— O quê? — disseram David e Gabriel juntos.

Kara fitou as colinas vermelhas, seguindo-as com os olhos até elas desaparecerem.

— Os demônios estão planejando um ataque amanhã à meia-noite... o demônio superior me contou que todos os mortais na terra serão destruídos.

A testa de Gabriel se franziu profundamente.

— Qual tipo de ataque? Ele disse mais alguma coisa?

— ...um portal. Ele disse que eles viriam através de portais.

— Que tipo de portais?

Kara balançou a cabeça.

— Não sei. Ele não disse. Tudo que sei é que ele disse que todas as casas ao redor da Terra receberiam um mortífero visitante à meia-noite.

— Isto é ruim. — David passou os dedos por seu cabelo desgrenhado. — Gabriel, você tem de avisar o conselho.

Gabriel caminhou de um lado a outro com o rosto contraído de preocupação. Ele parecia estar resmungando consigo próprio. Kara forçou seus ouvidos para ouvir o que ele estava dizendo, mas não conseguia escutar. Ele caminhou de volta até eles.

— David — disse Gabriel — preciso que você seja os meus olhos e meus ouvidos nisto, entendeu? Não posso me dar o luxo de você estragar tudo... escutou?

David trajou uma expressão de inocente e apontou para si.

— Eu? Estragar tudo? Nunca! Sou o seu cara... hã, anjo... diga-me o que você quer que eu faça.

Gabriel se concentrou em Kara.

— Quero que você pegue Kara e a tire daqui. Preciso que vocês dois procurem por estes portais.

— E o que você vai fazer? — Kara sabia o que estava em jogo aqui. Gabriel acreditava nela. E agora ele estava desobedecendo o

conselho.

— Vou trocar umas ideias com o conselho, se eles me ouvirem. Preciso tentar e convencê-los da verdade.

— Uriel vai acreditar em você — disse David. — Sei que ele ainda acredita em Kara.

Gabriel ergueu a cabeça. Seus olhos vasculharam o deserto.

— Vocês precisam sair daqui agora mesmo. Peguem algumas armas... rápido... e vão para as piscinas. Rápido.

Os três correram para a tenda de armas. David e Kara rapidamente encheram suas mochilas com cada arma que conseguiam pôr as mãos. Assim que as suas mochilas estavam cheias, eles seguiram Gabriel até as piscinas.

Subitamente, o ar ao redor deles ficou mais sombrio. O deserto vermelho perdeu seu brilho.

— Pare-os!

Kara se virou.

O arcanjo Zadkiel apareceu em uma névoa negroa. Uma equipe de anjos da guarda estava perto dele. Kara tremeu.

— O que você está fazendo, Gabriel? Traição representa morte entre os anjos. — O traje cinza de Zadkiel flutuava atrás dele. — Você está indo contra as vontades do conselho, ajudando e encobrindo uma inimiga.

— O conselho está errado — rosnou Gabriel. — Preciso que eles me escutem... para ouvir a verdade.

— A verdade? — Zadkiel riu. — A verdade é que você está ajudando aquela cria de demônio! Você ficou louco, Gabriel? Ela é o inimigo! Ela deve morrer!

— Não vamos nos precipitar, Grande Z. — David parou na frente de Kara e a escondeu de vista. — É como Gabriel disse... foi um erro terrível. Kara não é o inimigo.

Zadkiel ergueu sua grande mão.

— Tolo! Você é um tolo inútil, David McGowan. Seus olhos o traem. Posso ver a sua luxúria mortal por aquele demônio. Você pagará com a sua vida!

Kara abaixou os olhos. Parte dela estava feliz que David ainda se importava com ela. Mas ela conhecia as leis. O fato de um arcanjo saber como eles se sentiam só piorava as coisas.

Gabriel ergueu a voz. O ar reverberou ao redor dele. Pequenas faíscas brancas emanavam de seu corpo.

— Kara merece um julgamento justo, e agora o conselho está cego pelo fato de ela ser parte demônio.

— Ela é a filha do senhor dos demônios! — rugiu Zadkiel. Grandes nuvens bloqueavam o sol. — Um inimigo jurado! Se você não for levá-la para a prisão... eu o farei.

Gabriel se virou para Kara e David.

— Corram!

— Não precisa repetir. — David agarrou a mão de Kara e a puxou consigo.

— Parem-nos! Matem-nos se necessário!

Diante da palavra *matem* as esperanças de Kara ruíram. Mas sua tristeza rapidamente se tornou um ímpeto de raiva pela injustiça disto tudo.

Kara e David correram pelo declive em direção à piscina. Kara olhou para trás. Os guardiões estavam logo atrás deles, correndo como uma matilha de lobos selvagens. Ela começou a entrar em pânico, porque as piscinas estavam longe demais. Ela não acreditava que conseguiriam.

David era mais rápido que seus perseguiroes e Kara se sentia quase voando atrás dele.

Ela ouviu um som, e um segundo depois uma estrela cinza-escuro pousou na areia do lado deles. Para Kara, parecia como uma sofisticada estrela ninja com afiadas pontas mortais. Ela explodiu em uma nuvem de fumaça.

— Mais rápido! — David puxou Kara pelo braço e a arrastou com uma velocidade extraordinária.

*Swish*.

Outra estrela voou por eles e explodiu alguns metros à frente.

As piscinas surgiram na vista. Centenas de anjos estavam reunidos, esperando para pular nas águas para suas próximas atribuições. David embrenhou-se entre eles e correu para a frente da fila. Ele puxava Kara atrás dele e a empurrou escada acima.

— Abaixe-se!

Uma estrela passou raspando pela cabeça de Kara e fincou-se na beirada da piscina.

— Apresse-se!

Kara subiu até a borda da piscina. A água ondulava dentro da piscina redonda. Uma mão segurou a dela. David pisou na borda atrás dela. Ela deu uma última olhada para Gabriel e Zadkiel. O chão tremia e o céu retumbava. O deserto vermelho, antes lindo, estava coberto de sombras. Raios explodiam ao redor dos dois arcanjos. Ela se perguntou quem seria o vencedor.

— Você sabe aonde estamos indo? — perguntou Kara.

— Londres — disse David, enquanto ele e Kara pulavam nas águas cintilantes. Ela viu estrelas cadentes passando sobre eles, enquanto a cabeça dela mergulhava na água.

## *Capítulo 16*

## *A Fissura*

**K**ara caminhou pela Victoria Street com David ao seu lado. Ele disse a ela que iriam se encontrar com Jenny e Peter na frente da Catedral de Westminster. A majestosa arquitetura de pedra da grande estrutura bizantina resplandecia sob o sol da tarde, erguendo-se sobre os edifícios ao redor. Suas impressionante beleza e design intrincado de tijolos vermelhos e pedra deixaram Kara estupefata. Grupos de turistas entravam e saíam pelas grandes portas, como formigas ocupadas.

Kara se sentou nas escadas de pedra, observando as pombas rulhando e bicando as migalhas no chão. Em sua mente ainda estavam frescas as imagens de Gabriel e Zadkiel lutando. Ela não queria que Gabriel sofresse por causa dela. Ela decidiu que tentaria ajudá-lo quando voltasse.

— Que horas são? — perguntou Kara.

David puxou a manga de sua jaqueta de couro.

— Duas da tarde. Temos dez horas até a meia-noite.

Kara deixou a cabeça pender.

— Sequer sabemos onde procurar? Os portais poderiam estar em qualquer lugar.

David jogou uma pedrinha escada abaixo.

— Bem... temos de descobrir logo. Dez horas não é muito tempo.

— O que você acha que vai acontecer com Gabriel.

David encolheu os ombros.

— Honestamente, não sei. Ele é um arcanjo. Duvido que vão jogá-lo na prisão. Só vamos torcer para que ele tenha consigo receber a atenção deles.

Um jovem casal asiático escalou as escadas ao lado deles, com suas mãos entrelaçadas. Kara observou suas expressões de contentamento. Ela os acompanhou com os olhos até que eles desapareceram pelas grandes portas. Teve inveja deles.

Ela se virou e encontrou o olhar de David. Seu corpo mortal se arrepiou com proximidade dele. Ele segurou a mão dela e se aproximou. Ele estava perto o bastante para um beijo. Ela sentiu o corpo dela se inclinar para ele sem que ela pensasse.

— Ei, pessoal!

Kara recuou, enquanto Peter e Jenny corriam para eles.

Jenny sorriu ao olhar para Kara e David. Ela ergueu uma sobrancelha.

— Desculpe-nos por termos nos atrasado. Tivemos de ser sorrateiros... bem, vocês sabem o que quero dizer.

Jenny uniu as mãos e deu um pulinho no lugar.

— Rapaz, temos algo para você!

— O que quer dizer? — Kara tirou a franja da frente dos olhos, desejando que pudesse desaparecer sob uma parede de cabelo.

— Desembucha, Jenny. Não temos o dia inteiro. — David se pôs de pé.

Jenny rodou no lugar.

— Peter, explique para eles. — O cabelo roxo dela brilhava na luz do sol e Kara pensou que ela se parecia a uma fada de combate.

— Bem... você me pediu para procurar por algo fora do normal antes de sair com Gabriel — disse Peter, parecendo nervoso. — Acredito ter encontrado algo. De acordo com as leituras que recebi... é grande. Quer dizer, *realmente* grande. Um portal imenso, aqui mesmo em Londres. E ainda está aberto.

Os olhos de Kara se arregalaram.

— Um portal? Um portal para onde?

— Uma abertura para o maldito reino dos demônios, gata. — respondeu Jenny, e ela bateu os calcanhares, como Dorothy em O Mágico de Oz.

Kara olhou para David.

— Talvez fosse sobre isto que o demônio estava falando.

Jenny inclinou a cabeça.

— Qual demônio? Do que você está falando? Ei, você não pode esconder este tipo de coisa da gente... somos seus amigos... lembra-se?

Kara ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Encontrei um demônio na delegacia... uma longa história... e ele me disse que, à meia-noite, portais se abririam por toda a Terra, e que os mortais iram morrer.

— Mas como? — perguntou Peter. — Bilhões de portais se abrindo ao mesmo tempo? Isto não é possível. A Terra não suportaria este tipo de energia. Isto destruiria o mundo inteiro. Não há nada por aí com este tipo de energia. Como isto seria possível?

— Não tenho certeza. Tudo que ele disse foi que um visitante atravessaria estes portais... e mataria todos os mortais. — Ela olhou para uma família que passava, com crianças, correndo alegremente para a catedral. — Não podemos deixar que isto ocorra. É porque isto que temos de encontrar estes portais e, de algum modo, fechá-los. A nossa única pista é que este portal fica em Londres.

David jogou a mochila sobre os ombros.

— Então vamos, senhoras e senhores. Temos oito horas e meia antes que este mundo entre em colapso.

Kara olhou para Peter.

— Espero que você esteja errado.

Peter deu um sorriso de lado para ela.

— Nunca estou errado... ei! — Jenny deu um murro no braço dele.

— Não seja um espertalhão. Vamos.

Os quatro deixaram as escadas da Catedral e continuaram pela Victoria Street. Altos prédios de metal e vidro os cercavam dos dois lados e desapareciam no céu azul. Táxis pretos reluzentes aceleravam pelo tráfego e buzinavam para os pedestres. Ônibus vermelho-tomate corriam pela rua. Kara pensou que eles pareciam touros loucos.

Eles passaram por uma banca de jornal.

— Oh meu Deus, Kara! Veja, é você! — Jenny sussurrou. Ela apontou para o rack de jornais. A foto de Kara estava na primeira página.

Kara se escondeu atrás de seu cabelo. Ela torceu para ninguém a reconhecesse aqui. Ela sempre sonhou em ter seus quinze minutos de fama, mas não assim, e particularmente não como uma sociopata.

— Vamos seguir adiante — David puxou Jenny dos jornais. O dono, um velho senhor com fino cabelo branco que se movia na brisa e com uma pança do tamanho de uma bola de vôlei, observou-os desconfiado.

— Qual é a distância que temos de ir? — Kara olhou para trás. O dono da banca ainda os encarava, com seus olhos perdidos sob uma onda de espessas sobrancelhas.

— É mais ou menos uma hora de caminhada — Peter respondeu. — O portal está debaixo do lado leste da Ponte de Westminster.

— Vamos — disse Kara.

Um grupo de homens com chapéus e uniformes apareceram enquanto eles se encaminhavam para o portal. Kara abaixou a cabeça e torceu para que a polícia de Londres não a reconhecesse. Ela a manteve abaixada durante quase todo o caminho.

O Tâmisa fluía debaixo deles e Kara observou os barcos navegando pelo rio, como folhas em um córrego. As águas escuras brilhavam sob o sol. Ocorreu a Kara que, se ela e seus amigos estivessem com problema com os demônios, que poderiam facilmente escapar no rio. O nervosismo dela se acalmou. Obrigada Deus pelo rio, ela pensou. Ela se indagou porque a Fissura está próxima da água.

Uma hora depois, eles chegaram ao lado leste da ponte. Um grande leão esculpido em pedra branca estava sobre um bloco de

concreto na entrada oriental da ponte. Ela pensou em Aslan, o leão das Crônicas de Nárnia. Ela adoraria tocar a estátua, mas sabia que não havia tempo para turismo.

Três lances de escada de concreto levavam para o nível inferior. Os três marcharam para baixo na escada. Os pés de Kara tocaram uma pequena plataforam de concreto. Ela olhou ao redor. A estrutura da ponte era enorme. Parecia maior vista de baixo, ela se deu conta. Eles se achavam de frente para um túnel sombrio. Pequenas luminárias de parede iluminavam o caminho. Eles estavam bem mais perto da borda da água — uma fuga fácil.

Peter apanhou uma geringonça quadrada que parecia um controle remoto de televisão, excetuando que tinha mais botões e com eletricidade verde fluindo através um arame. Depois de ler isto por um instante, Peter olhou para cima.

— Está aqui — ele apontou para o túnel.

David foi o primeiro a se mover. Ele passou pela entrada do túnel.

— Quão longe está?

Peter seguiu David, mas parou diante de uma grossa parede de concreto. Ele parou ali por um instante.

— É isto aqui... quem quer ir primeiro?

Kara viu os tijolos oscilarem como se as pedras fossem feitas de água. A Fissura cobria boa parte da parede e era grande o

suficiente para deixar sair a nova raça.

— Eu vou. — David parou ao lado do Peter.

— Então... Só caminho por esta área? — Ele fez um gesto com as mãos.

— Sim.

— Espere! — Kara agarrou David e o virou para encará-lo. — Você nem sabe onde isto vai parar? Temos de fazer um plano.

— O plano é... eu espero vocês do outro lado, gata.

Kara ergueu os braços.

— Isto não é engraçado. Leve a sério pelo menos uma vez. Não quero que nada aconteça com você.

— Não se preocupe, vou ficar bem. — David se virou e encarou a parede. — É uma porta, não é? Tem de levar para o outro lado. — Ele agarrou uma Lâmina da Alma de dentro de seu bolso da jaqueta. — Estou pronto, baby. Vamos lá.

Ele deu um passo adiante. A parede de concreto oscilou, como se fosse feita de líquido. Ele enfiou o braço na parede.

— Ahh! — David pulou para trás e caiu no chão. Fumaça negra subia de sua mão e braços, como serpentes negras. A sua pele mortal tinha derretido, revelando o brilho de sua verdadeira essência angelical. A adaga dele caiu de suas mãos cheia de pústulas.

Kara envolveu-o com seus braços.

— Oh meu Deus, David! Seus braços! — Ela tirou sua jaqueta e envolveu os braços dele com ela.

David franziu o cenho.

— O que é isto? Por que um portal derreteria a minha pele?

— Porque é um portal para o Submundo.

Kara ouviu alguma coisa e se virou para ver um buldogue inglês branco observando-os com a cabeça inclinada.

— Thor! O que você está fazendo aqui? Como nos encontrou?

O cão se sentou sobre seu traseiro. Suas patas traseiras gorduchas se achataram sob uma grande barriga. — Eu segui o seu cheiro... há um certo odor em você, sabe.

Kara franziu o cenho e se cheirou.

— Obrigada.

— De nada. — Thor mostrou seus dentes afiados. — Mas você, meu amigo, não pode passar para o Submundo.

David se levantou do chão.

— O que você quer dizer, cachorro?

— Quero dizer que apenas demônios podem atravessar seus portais. Nenhum anjo normal pode viajar para o reino dos demônios.

Se você tentar, vai morrer.

— Talvez devamos voltar e contar a Gabriel. — Peter pôs seu aparelho de volta na mochila. — Esperamos que o conselho nos ouça.

— Que saco. — Jenny se jogou no chão e começou a enrolar seu cabelo roxo entre os dedos.

Kara encarou Thor. Ele estava olhando para ela, seus olhos marrons cintilavam.

— O que você quer dizer por anjo normal? — Ela tinha um pressentimento que sabia o que o cão queria dizer. Mas não conseguia verbalizar isto. Se ela dissesse, então se tornaria real.

— Que bom que você perguntou. — Thor se coçou com a pata traseira. — Anjos normais como seus amigos aqui certamente morreriam se tentassem passar pelo portal. Mas um anjo com essência demoníaca poderia atravessar. Até mesmo sobreviver.

— Ele está certo. — David caminhou até Kara. — Você pode ser a única que pode passar.

Kara olhou para a Fissura. Um único ponto oscilou onde David tinha sido queimado. Ela caminhou em direção do ponto e enfiou sua mão no portal.

Nada aconteceu.

Kara puxou de volta sua mão e a examinou. Não havia marcas de queimaduras ou lesões. O traje M dela estava intacto. Ela sabia o que isto queria dizer.

— Eu lhe disse. — Thor trotou até Kara. — Agora ouça, nenhum anjo sabe o que há do outro lado. Mas todos sabemos que está cheio de demônios. Tenha cuidado e confie em si.

Kara começou a ficar nervosa. Ela nunca tinha imaginado que teria de fazer isto sozinha. Ela sempre pensou que David estaria ao lado dela.

— Sei que isto é o que eles querem. Sei que é uma armadilha. Mas não importa. Não vou deixar a alma da minha mãe morrer... não me importo com o que tenha de fazer... vou pará-los. Vou fazer as coisas certas. O conselho terá de acreditar em mim.

— Não! — David a agarrou. — Não vou deixar que você vá sozinha. Isto é suicídio! Isto não é um plano. Você não vai entrar aí sozinha!

Kara olhou nos olhos de David e se perguntou se ela estaria fazendo isto pela última vez.

— Tenho de ir. Sou a única que consegue passar pelo portal. Você ouviu o Thor... eu *tenho* de fazer isto. Eu o verei quando voltar. Eu prometo.

— Não. Isto é loucura!

— Estou indo, David. E você não pode me deter. — Ela lhe deu um sorriso doce. — Sou mais forte do que qualquer um de vocês. Vocês sabem do que sou capaz. Meu poder elemental pode salvar os mortais. Tenho de tentar.

— Deixe que ela vá — disse Thor.

David recuou, mas ele estava bastante incomodado em deixar Kara ir.

— Estarei esperando por você — ele disse com doçura.

— Vocês têm de avisar a Legião — disse Kara. — Diga a eles o que aconteceu e o que estou prestes a fazer. Espero que as cabeças teimosas deles escutem, para variar. — Ela jogou sua mochila sobre o ombro. — Vejo vocês depois.

— Boa sorte, Kara. — Jenny se levantou num pulo e a abraçou. — Se cuide.

— Tenha cuidado... e fique de olho. — disse Peter. Ele estava mais nervoso do que ela.

— Ficarei.

— Diga oi para o seu pai por mim. — Os lábios de David se curvaram em um sorriso maroto.

— Idiota.

Kara se preparou. O portal ondulava com expectativa, como se esperasse que ela entrasse.

Ela deu um passo adiante.

## *Capítulo 17*

## *Sr. Barata*

**K**ara sentiu um puxão repentino. Ela foi sugada pelo portal como se fosse um aspirador.

Para onde quer que ela olhasse estava totalmente escuro. Ela sentiu o corpo dela ser puxado, ou estava caindo? Ela não conseguia determinar. A coisa estranha era — ela não estava mais assustada. Ela se deixou ser tragada para o abismo. Uma réstia de luz e, então, subitamente, seus arredores explodiram em luz. Estrelas brilhantes de vermelho vivo e luz azul giravam ao redor dela, como um gigantesco funil brilhante. As pernas dela saíram de sob ela. Luz explodiu de todos os lados e o corpo dela começou a girar horizontalmente. Ela olhou para seus braços e mãos. Pequenas partículas douradas se soltaram do corpo dela, planaram por um momento, então se uniram novamente. Era como olhar para uma versão desfocada dela mesma.

Então parou.

Kara sentiu uma pressão em seu corpo. Com com uma súbita elevação, ela caiu sobre uma superfície dura. A visão dela estava borrada. Luzes pipocavam dentro de suas pálpebras quando ela

fechava os olhos. Ela piscou várias vezes. As imagens diante dela entraram em foco. Uma penugem coçava o seu nariz. O rosto dela estava amassada em um tapete vermelho. Ela se levantou, cambaleando, e olhou ao redor. Cortinas vermelho-sangue de veludo cobriam as paredes, como aqueles que Kara tinha visto no cinema local. Uma grande bola de discoteca girava lentamente, enviando centenas de pequenos feixes de luz sobre as cortinas vermelhas de veludo, como pequenos diamantes brilhantes. Música — ela reconheceu como uma sedutora música de lounge, ou R&B antigo. O ar era uma mistura de charuto com odores de mofo, como um velho pub empoeirado. Ela constatou que estava em um grande elevador.

E algo estava com ela ali.

Kara deu um pulo para trás e escancarou a boca.

A maior barata que Kara já viu estava acomodada em uma cadeira acolchoada vermelha, diante do painel de controle. Ela tinha cerca de um metro de altura. A sua carapaça negra brilhava sob as luzes cintilantes da bola de discoteca. Ela vestia uma cartola negra, um longo fraque vermelho e uma gravata borboleta vermelha. Ela parecia como um apresentador de um circo, excetuando que era um inseto. Em um dos braços dela havia uma bengala negra de madeira. Ela seguia cada movimento dela com seus grandes olhos negros.

Kara a encarou, sem acreditar.

— Que diabos? — Ela se segurou antes que começasse a rir.

— Diabo? — disse a barata. — A non, mademoiselle — ela a corrigiu, com um sotaque francês. Ela pulou da cadeira e pousou sobre suas duas patas traseiras. Então ela deu um giro, com o seu casaco voando a redor dela. Ela balançou a bengala na direção dela. Estendeu a pata dianteira e tirou o chapéu da cabeça.

— Isso... isso é o Submonde.

— Você não quer dizer Submundo? — Kara olhou para a bola espelhada de discoteca. Ela começou a se sentir tonta e desviou o olhar.

— Foi isto que eu disse.

— Não... você disse *Submonde*.

— Oui! Excatement! Le Submonde. — Ela levantou suas quatro patas dianteiras para o ar.

Kara inspirou e suprimiu outra risada.

— Tanto faz, Sr. Barata.

As antenas dele se enrijeceram e se esticaram para cima.

— A non, non, non! Meu nome é Jean-Pierre! — Ele fez uma reverência. — Prazer em conhecê-la, mademoiselle... qual é o seu nome? — Ele se endireitou e ajeitou sua cartola em sua chata cabeça brilhante.

— Kara.

— Kara — repetiu Jean-Pierre. — Um nome bonito para uma garrota bonita! — As antenas dele se entortaram e fizeram a forma de um coração. Kara fez uma careta. *Que diabos?*

De repente, a barata gigante deu um salto no ar e pousou na parede a centímetros de Kara. Grudou na parede como se fosse feito de velcro. Com a cabeça apoiada nas duas patas dianteiras, seu corpo todo esticado, como se estivesse deitado em um divã. Ele piscou os olhos e ajustou sua gravata borboleta. Kara podia ver o seu reflexo estupefato nos grandes olhos negros dele. Ela se afastou lentamente. Ela não queria insultar o grande inseto. Quem sabia do que ele era capaz?

— Você é solitárria, ma chéri? — Jean-Pierre enrolou sua antena esquerda com sua pata do meio. — Eu sou um grande amante, sabe. Sei o que uma mulher gosta. — Ele acertou a parede com sua bengala e a luz ficou mais baixa e a música mudou para algo com saxofones.

Kara virou os olhos.

— Mas... mas você é um inseto? Eu não sou um inseto! Sou uma garota... um anjo com demônio... esquece. Sou diferente, é isto. E certamente não como você. — Kara pensou ter visto um sorriso surgindo sob as mandíbulas dele. Isto a apavorou.

Jean-Pierre continuou a enrolar suas antenas e a piscar.

— Eu gosto do diferrente, ma chéri! Gosto muito. — As antenas dele se esticaram e tocaram a bochecha de Kara. Ela recuou.

— Você tem um cheirro diférrent. Não cheirra como os demônios aqui. Seu cheirro é mais como de uma mulher! Você tem um pouco... je ne sais quoi, sobre você?

— Hã... obrigada, tenho certeza. — Kara se libertou da barata e caminhou na direção do painel de controle.

O painel era feito de cobre escuro com dois botões negros. Um com a palavra *SOBE* e o outro com a palavra *DESCE*. Não havia informações ao lado dos botões.

— Então para onde vai este elevador? Há apenas dois botões aqui... isto quer dizer que o Submundo tem apenas um nível? Como a Terra? — Kara apertou seu dedo indicador sobre a placa de cobre. Era frio ao toque.

Em um piscar de olhos, Jean-Pierre pulou para o lado dela. Ele tocou o chapéu sedutoramente.

— Por que quer saber, mon amour? — ele sussurrou.

Kara balançou a cabeça.

— Porque eu preciso deter Asmodeus. Ele precisa pagar pelo que fez com a minha mãe... para a Legião. Preciso detê-lo. — Kara não estava totalmente certa se podia confiar toda esta informação para este inseto. Claramente, ele podia fazer um estrago.

Jean-Pierre roçou sua bengala pela perna de Kara.

— Fique comigo, Kara. Eu amo você! Não há nada parra você lá forra. Fique comigo e seja mon amour. — Ele se inclinou na direção de Kara. Ela pulou para o lado.

— Escute, JP. Sinto-me bastante lisonjeada, mas tenho um trabalho a fazer. Tenho de ir. Não me obrigue a machucá-lo. — Ela abaixou sua mochila no chão. Ela não tinha muita certeza do que faria em seguida.

— Machuque-me! Por favor, machuque-me! Eu quero que você me machuque! — A barata deu um pulo no ar e pousou ao lado de Kara novamente.

Kara virou os olhos.

— Deus do Céus. — Frustrada, ela cruzou os braços. — JP. Preciso sair deste elevador... posso fazer isto sozinha ou você pode me ajudar... não posso ficar aqui.

Jean-Pierre pôs sobre o lado esquerdo do peito seus quatro braços de uma só vez.

— Você não me ama! Vou morrer de corração quebrado.

Kara olhou para seu relógio. Seis da tarde. *Que m...?* Ela já havia perdido três horas. Ela tinha de sair daquele elevador.

— Preciso sair agora! — Ela ergueu a voz. — Deixe me ir.

— Bon, bon, bon. — Jean-Pierre se afastou e se acomodou sobre sua cadeira vermelha. — Vou deixá-la ir, mas com uma

condição.

Kara agarrou sua mochila e a jogou sobre ombro.

— Qual condição?

— Um beijo.

— Você não pode estar falando a sério!

— Muito sério. — Jean-Pierre penteou sua antena com sua pata dianteira. — Você me dá um beijo, e eu deixo você ir. Sem beijo... sem ir!

*Isto não pode estar acontecendo.* Kara contorceu o rosto. Não podia ser tão ruim, certo? Seu primeiro beijo tinha sido com David e, agora — com uma barata gigante.

— Estou pronto, mon amour. — Jean-Pierre se encostou na parede, com as quatro patas dianteiras detrás da cabeça.

— Você vai pagar por isto — resmungou Kara. Ela caminhou até a barata. Inclinou-se, fez uma careta, fechou os olhos e beijou o inseto onde ela pensava ser a boca.

— Ahhh... que beijo! — Jean-Pierre girou no lugar, caiu de sua cadeira e pousou com um alto som no tapete felpudo. Ele estava imóvel.

As portas do elevador se abriram rangendo. Uma lufada de vento a acertou no rosto e Kara sentiu o odor de decadência e carne podre.

— Au revoir, mon amour!

Kara hesitou por um instante, então sacou a sua lâmina da alma e, com uma última olhada para a barata, ela fechou os olhos até que ficassem estreitos, preparou-se e entrou no Submundo.

## *Capítulo 18*

## *Submundo*

**U**ma rajada de vento forte empurrou Kara imediatamente para o chão assim que ela pisou através do portal. Suas mãos tocaram areia — não de cor vermelha como da Operações, mas uma areia cuja cor havia sido sugada — cinza, opoca e morta.

Ela se levantou, protegendo os olhos. O vento soprava em seu capuz. Uma terra plana devastada coberta com uma capa de cinza desapareceu nas sombras distantes. Ela não conseguia ver sinal algum de vida. Era como se fosse o que havia restado após uma guerra nuclear. Ela tremeu. Formas negras pareciam rastejar além das trevas. O vento era uma voz macabra chamando de além da morte. Kara não conseguia ouvir mais nada. Era como se ela fosse a única ali.

*Kara...*

Ela ouviu um sussurro do seu nome roçar seu ouvido.

*Eu a vejo...*

Ela sentiu uma mão apertar o seu ombro. Kara se virou.

Não havia ninguém ali.

Então ela ouviu uma risada distante.

Eles estavam zombando dela, ela constatou com raiva.

— Revele-se! — Ela gritou, segurando sua Lâmina da Alma. — Covardes!

Algo se moveu ao longe. Kara se esforçou pela areia no vento para enxergar. Vinha na direção dela, lentamente. Era vermelho e ondulava pelo chão. Era um tapete.

Ele se desdobrou diante dela, como aqueles em eventos de tapete vermelho. Parou bem diante dos seus dedões. Um calafrio subiu em sua espinha. O tapete estava molhado de sangue.

*Kara...*

Kara girou ao redor de si novamente, desesperadamente tentando enxergar.

Ela estava sozinha com o tapete ensanguentado.

Alguém havia enviado o tapete. Era um convite — ela sabia o que tinha de fazer em seguida.

— Bem... vamos ver no que dá. — Kara saltou sobre o tapete. Seus satapos afundaram no material macio, enquanto sangue espirrou para os lados. Que bom que ela estava usando seus grandes coturnos. O tapete se estendia para as sombras das areias cinzas.

*Aqui vamos nós*. Kara caminhou cuidadosamente sobre o tapete vermelho. Ela podia ouvir o som das suas botas mesmo com o vento rugindo. Nada aconteceu. Ela caminhou e caminhou. Parecia para Kara que ela estava caminhando por horas, ou haviam sido minutos? Ela não conseguia determinar. O tapete parecia ficar mais longo enquanto ela caminhava. Uma lufada de vento roçou o seu rosto, como uma mão acariciando sua bochecha — eles estavam enganando-a?

*Kara...*

Kara cortou o ar atrás dela com a lâmina. Ela cortou o nada.

Ela se virou. Ela cambaleou — uma enorme estrutura estava diante dela. Havia aparecido do nada.

Um grande salão, repleto de luzes brilhantes que cintilavam e com música alta que ecoava à sua volta chamavam por Kara. Ela podia ouviu risadas vindo de dentro. Numa placa gigante de néon vermelho e azul estava escrito, Cassino Submundo.

— Você só pode estar brincando.

Duas portas de vidro surgiram, rangeram e se abriram na frente dela.

Ela apertou sua lâmina em sua mão. Ela entrou — demônios estavam por todo o lado. Demônios com pele azul como tinta matavam o tempo no bar. Demônios com grandes asas como de morcego estavam bebendo um líquido vermelho que Kara tinha certeza que não era vinho. Pequenos demônios que pareciam como

gnomos, excetuando que eles tinham uma espessa pele verde de couro e dentes extra grandes, jogavam um jogo parecido com blackjack. Demônios superiores gritavam e jogavam com moedas douradas e bolas brilhantes.

Enquanto Kara se embrenhava no cassino, ela viu demônios fêmeas dançando de topless nas mesas e fazendo pole-dance. Chifres brotavam de suas cabeças. Demônios inferiores engaiolados uivavam, enquanto eram atormentados por demônios superiores que pareciam estar jogando pedaços de comida ensanguentada para eles. Outros demônios olhavam para ela e silvavam quando ela passava, mas ninguém tentou atacá-la.

*Estranho*, ela continuou caminhando.

Ela passou por uma piscina no chão cheia com um líquido verde-amarronzado. Ela percebeu uns calombos na piscina. Primeiro ela pensou que fossem pedras, mas então eles se moveram. Horrorizada, Kara assistiu um destes calombos tremer e oscilar. Era um grotesco ovo deformado. Pernas negras pegajosas com garras afiadas rasgaram a casca, com líquido verde vazando do interior. Ele pulou para fora da piscina. Seu corpo negro e verde brilhava na luz. Grandes asas molhadas de morcego se desdobraram atrás dele. Seu rosto humano se contorceu e se inchou, com grandes olhos vermelhos saltados. Era parte mosca e parte humano. Kara teve ânsia — ela havia acabado de testemunhar o nascimento de um demônio da nova raça.

Um súbito arrombo de alegria atraiu a atenção de Kara. Um demônio rosnando com fileiras de dentes podres amarelos se

levantou e jogou algumas fichas de pôquer no bar. Ele esticou sua longa mão ossuda e braço deformado em direção ao bartender, que alcançou atrás dele e abriu um armário de vidro. Ele enfiou a mão dentro e puxou uma esfera brilhante. A cabeça de Kara girou — era uma alma — todo o armário estava cheio de fileiras e mais fileiras de almas. O demônio rosnando lançou sua cabeça para trás e engoliu a alma. O corpo dele cintilou enquanto luz explodiu ao redor dele. Ele fechou os olhos e deu um alto gemido.

Os joelhos de Kara fraquejaram — para onde quer que ela olhasse, as almas eram o prêmio — almas humanas e angelicais.

*Aqui, Kara...*

Um movimento atraiu o olhar dela. Kara ficou paralizada. A mãe dela estava jogando em uma das mesas. Com uma bebida em sua mão, ela ria e acariciava um grande demônio negro com a cabeça de um javali e corpo de um homem. Ela flagrou o olhar de Kara e acenou.

— Mãe? — Kara cambaleou adiante. — Mãe! — Petrificada, Kara abriu caminho por entre demônios para alcançar sua mãe. Ela chegou à mesa, mas sua mãe tinha desaparecido.

— Mãe? Onde está você?

*Minha filha... por aqui...*

Kara avistou sua mãe acenando para ela novamente. Ela ria e saltitava como uma menininha.

— Mãe! Pare. Mãe!

Kara correu adiante. Demônios pulavam no caminho dela, sibilando para ela enquanto tentava passar. Ela ergueu a lâmina, e eles se afastaram, cuspindo no rosto dela enquanto ela passava. Kara olhou por sobre as cabeças dos demônios e avistou sua mãe. Ela abriu uma porta e sumiu por ela. Kara correu para segui-la. Ela deu socos e chutes para abrir caminho por entre a multidão de demônios gargalhantes, embriagados de almas. Ela não se importava.

Chegou até a porta. Estava entreaberta. Ela espiou lá dentro. Sabia que era uma sala, mas só podia ver as trevas fitando-a de volta.

— Mãe? Mamãe? Mãe... onde está você... não consigo ver nada.

*Kara...*

Sem pensar duas vezes, Kara entrou na sala. A porta se fechou atrás dela com uma batida.

As luzes piscaram e Kara estava no meio de uma grande sala redonda com espelhos do chão ao teto. Milhares de espelhos refletiam milhões de imagens dela. A sua mãe estava sentada em uma cadeira de metal sobre uma plataforma no meio da sala. Ela bebia de seu copo e ria.

Kara correu até ela.

— Mãe! Precisamos sair daqui, venha comigo. — Ela estendeu a mão.

Sua mãe recuou e riu. O corpo dela oscilava, como se fosse feito de água, e Kara observou o rosto de sua mãe se transformar. O que ela acreditava ser sua mãe se metamorfoseou em sua verdadeira forma demoníaca. Ela tinha grosseira pele verde como o tronco de uma árvore e longo cabelo verde fino. Uma cauda se enrolava atrás dela. Os olhos amarelos zombavam de Kara. O demônio fêmea riu e pulou da cadeira.

Kara compreendeu o seu erro. Mas era tarde demais. Antes que ela pudesse se virar, ela sentiu duas mãos poderosas agarrando-a por detrás. Um demônio arrancou a sua lâmina. Eles a seguraram. Ela não conseguia se mover.

— Bem, olá novamente, Kara.

As mãos a puxaram da plafaforma com força e a arremessaram para baixo. Ela olhou para cima em direção à voz.

— Estou feliz que você tenha vindo para ver a sua nova casa.

Asmodeus estava parado diante dela. Ele sorria. Ela estremeceu. Tinha se esquecido do quanto o senhor dos demônios se parecia com os arcanjos. O rosto dele era absolutamente lindo, esculpido com perfeição. Seus claros olhos azuis pousavam sobre altas maçãs do rosto. A pele dele era branca e Kara pensou que ele parecia bastante com um vampiro. O cabelo preto curto reluzia na luz suave da sala, como uma coroa de joias negras. Ele vestia um

terno vermelho com uma gravata e camisa pretas. Ele apertou um grande charuto marrom com os lábios, então soltou uma fileira de anéis de fumaça.

— Procurando por isto. — Asmodeus levantou um jarro de vidro com sua outra mão. Uma alma brilhante planava no interior. Kara sabia instantaneamente que era da sua mãe.

— Temo que não seja hora de uma reunião familiar, embora eu sentirei falta da aparência estonteante de sua mãe, bastante surpreendente para uma mortal. Sempre pensei que ela parecia mais como um arncajo do que uma mera mortal. Não conseguia tirar os olhos dela naquele dia de verão... sabia que ela era a mulher para mim.

Ele ergueu a jarra e a examinou por um instante. Ele virou a cabeça na direção de Kara.

— Você parece ter herdado parte da beleza dela — disse Asmodeu com um tom fatual. Ele depositou o jarro na plataforma e se afastou.

— Teremos um grande espetáculo hoje à noite, minha filha. Estou feliz que você conseguiu vir. Não seria o mesmo sem você.

— Eu não sou sua filha! — Kara bateu o pé. Ela queria poder chutá-lo na cara por se referir à sua mãe como se fosse um pedaço de carne.

— Mas é claro que é, garota tola. Você é minha rebenta. E você chegou bem na hora para a grande apresentação. Grutus. Xenor.

Por favor, tragam a minha filha adorada para a cadeira dela. — Asmodeus riu. Ele girou no lugar, com seu casaco vermelho flutuando atrás dele, e Kara pensou que parecia mais como um terno de sangue grudado no corpo dele.

Os dois demônios superiores ergueram Kara no ar. Ela chutava e lutava o melhor que conseguia, mas sem sucesso. Os demônios eram muito mais fortes do que ela. Eles a jogaram na cadeira, prenderam seus braços e pernas com correntes e se afastaram.

Kara se contorceu na cadeira.

— Você me chama de filha e é assim que me trata? Por favor, solte-me.

Ela se sentia uma condenada no corredor da morte, esperando para ser executada na cadeira elétrica. Ela puxou com toda sua força. Não tinha como ela se soltar das correntes. Ela começou a entrar em pânico.

O senhor dos demônios sorriu e riu suavemente. Ele flanou até ela.

— Eu me lembro do nosso último encontro, filha... assim como você deve ser lembrar também. Eu não ia querer que você *tocasse* qualquer coisa com estas suas mãos. — Ele olhou para o relógio. — Está quase na hora. — Ele ergueu os braços e estalou os dedos.

Kara avistou movimento nos espelhos. Ela ergueu a cabeça e franziu o cenho. As milhões de imagens de seu rosto bravo oscilaram subitamente e desapareceram, sendo substituídas por

rostos de pessoas que ela não reconhecia. Eram os rostos de todas as nações ao redor do mundo olhando de volta para ela — crianças escovando os dentes, homens se barbeando, mulheres se maquiando, penteando o cabelo, pondo suas lentes de contato, adolescentes apertando espinhas — milhões de pessoas indo para suas rotinas regulares, sem saber que Kara podia vê-las em seus momentos mais privados. Ela desviou o olhar, envergonhada.

— Isto não é certo. O que... o que você vai fazer com eles? — Kara puxou suas correntes.

Asmodeus deu um sorriso malicioso.

— Ah... tenha paciência, minha cara. A diversão só começou.

Ele uniu as mãos atrás das costas e caminhou pela sala, observando os milhões de mortais.

— Agora, rapazes... tragam-me o meu espelho especial.

Grutus e Xenor pularam para baixo da plataforma e desapareceram atrás de um porta. Algum tempo depois, eles reapareceram carregando um magnífico espelho antigo. Kara queria tocá-lo. Era esculpido elegantemente em uma madeira vermelha, com símbolos estranhos gravados nas bordas. O vidro no centro era completamente negro e não refletia nada. Era grande como um homem adulto. Os demônios puseram o espelho no centro da sala, entre Kara e a parede de espelhos.

— Lindo, não? — Asmodeus caminhou até o espelho. Ele deslizou a mão para cima e para baixo nas bordas de madeira,

acariciando os detalhes. Ela podia ver uma ânsia nos olhos dele enquanto tocava-o com delicadeza.

Kara desviou o olhar.

— Dizem que os olhos são janelas para a alma, não é? Estão equivocados. Os espelhos são as janelas para as almas, e você, minha cara... é a chave.

Kara olhou para cima, incomodada.

— O quê? Qual chave? Do que você está falando?

Asmodeus riu suavemente.

— Não é óbvio? Eu preciso do seu poder *especial*, Kara. Sem você, o espelho não funcionaria. Mas através de você — o Espelho das Almas viverá com poder elemental e abrirá portais para o mundo mortal através de cada espelho que tiver um reflexo. E por todos estes espelhos meus servos surgirão do outro lado. O mundo inteiro será preenchido com demônios esta noite, minha cara. Vamos esmagar os mortais, devorar as almas deles e nos apossar da Terra.

Kara tremeu. Isto era culpa dela. O fim do mundo mortal podia ser culpa dela. Ela sabia que era uma armadilha, mas ainda assin foi tentar salvar sua mãe. Foi um ato egoísta, ela percebia agora. Só estava pensando em seus sentimentos e de sua mãe. Ela nunca pensou que poderia ser a responsável pela aniquilação total da raça humana. Ela se deparava com o pior resultado possível. Se

houvesse ficado no Tártaro, nada disto teria acontecido, ela se deu conta.

Ela apertou a mandíbula.

— Não vou deixar. Você não pode usar o meu poder... então o seu plano não vai funcionar — ela silvou.

— HÁ! — Asmodeus precipitou-se para Kara com velocidade extraordinária e pousou suavemente diante dela.

Ele fez uma carranca.

— Vai funcionar, e você me dará seu poder, minha cara. Você foi tola o bastante para entrar no meu reino. Eu sabia que você viria por sua mãe... era apenas uma questão de tempo... então eu esperei. E agora que você está aqui, por que esperar?

Um lampejo de eletricidade negra acertou Kara no peito. Ela gritou de dor. Queimava através de sua pele angelical como ácido líquido. Um calor fluiu por ela, então se esvaiu. Ela abriu os olhos. Luz dourada cobria seu corpo. Longos rastros de luz projetaram-se dela, enrolando-se e girando. Então um feixe dourado foi disparado dela e acertou o Espelho das Almas. Kara sentiu sua energia sendo sugada para dentro do espelho.

O espelho se iluminou com um vermelho brilhante. Depois de um momento, milhões de feixes dourados foram disparados do Espelho das Almas e acertaram os espelhos ao redor da câmara. Os feixes de luz pareciam tramas de fios em uma gigantesca teia de aranha. A cabeça de Kara pendeu para frente. Ela se sentia fraca.

— Pare... pare! — Kara forçou as palavras de sua boca. O corpo dela tremia, enquanto os espelhos drenavam sua energia. Ela sabia que estava morrendo lentamente. Logo ela desapareceria completamente. O rosto de David surgiu em sua mente. Ela sabia que nunca mais o veria novamente. Os lábios dela tremiam.

Asmodeus lançou os braços para o ar. Havia um brilho insano nos olhos dele.

— Está funcionando! Está funcionando! Logo o mundo será meu! Vão, meus servos. Vão e tenham o seu banquete como eu prometi!

Tendões negros lentamente rastejaram para fora do Espelho das Almas. O ar se encheu com o fedor de carne podre e sangue. Demônios das sombras e outros demônios inferiores se materializaram a partir do espelho por um instante antes de cintilarem e se tornarem névoas negras. Eles se entrelaçaram aos feixes dourados que emanavam do Espelho das Almas como tranças negras e douradas.

Kara estremeceu quando eles chegaram aos espelhos que contornavam a sala.

Ela podia ouvir os gritos vindo do outro lado, além dos espelhos. Ela ouviu uma criança choramingando. Um rugido de demônio. Então o silêncio.

— Pare! Por favor, pare! Farei qualquer coisa que você pedir... só não faça isto.

— Tarde demais para isto, minha cara. Além disto, você está fazendo o que eu pedi. Você está me dando poder! O poder que eu precisava para fazer o espelho funcionar! O mundo mortal morrerá por sua casa, minha criança!

Gritos e lamentos preencheram a sala. A câmara tremeu. Kara ergueu os olhos, e imediatamente se arrependeu. Nos espelhos ao redor da sala, ela podia agora ver o terror refletido nos rostos dos mortais do outro lado, terror e o reconhecimento da morte. Era quase demais para Kara suportar. Ela torceu desesperadamente para que a Legião houvesse ouvido Gabriel e acreditado nele. Ela tinha de acreditar que alguns dos mortais sobreviveriam.

Ela se contorceu na cadeira. Sua mente estava no limite das trevas. Parte dela queria desistir e deixar-se se esvair.

— P... pare — Kara gaguejou, sussurrando. — Por favor... pare... por favor.

Mas Asmodeus não a ouviu. Ele dançava pela sala, rindo.

Em um dos espelhos, Kara pôde ver uma garota de sua idade gritando enquanto um demônio das sombras rasgava suas entranhas. O corpo sem vida dela tombou no chão do banheiro dela.

— NÃO! — Kara tremeu. O desespero dela subitamente foi substituído por raiva. — Pare!

A sala vibrou sob os pés dela. Ela sentiu um pequeno influxo de energia dentro de sua barriga. Ela se concentrou nela, tentando convocá-la. Ela tinha de fazer isto.

Asmodeu ergueu o punho.

— Alimentem-se, minhas crianças! Alimentem-se! Peguem-nos todos! Devorem-nos! Destruam-nos!

O corpo de Kara começou a tremer. O calor se reuniu em sua barriga e se espalhou para seus dedões. Moveu-se para seus dedos e, finalmente, para sua cabeça. Ela sentiu o poder incontrolável do elemental tomar conta dela. Ela se entregou a ele.

Suas cadeias de couro derreteram. O seu poder se alimentava a partir de sua raiva por Asmodeus e continuava crescendo. Ela queria matar a todos — matá-los todos.

Uma explosão de energia voou de Kara e atingiu o Espelho das Almas. O espelho estourou em milhões de pequenos cacos de vidro negro.

## *Capítulo 19*

## *Sonhos estilhaçados*

**— N**ão! — Asmodeus correu para o espelho estilhaçado. Mas era tarde demais.

A conexão foi interrompida. Todos os feixes dourados e tendões negros se evaporaram, e os milhões de espelhos explodiram com um rugido. Pedaços de vidro se espalharam pelo chão, como uma chuva brilhante.

Asmodeus se virou para encarar Kara. O rosto dele havia se distorcido em algo maligno e sinistro. O rosto lindo agora era feio e contorcido.

— Você tentou arruinar os meus planos mais uma vez, filha — disse Asmodeus.

Um sorriso contorceu os lábios, enquanto ele tirou o cigarro da boca e soprou anéis de fumaça.

— ... mas você agiu tarde demais. Os meus mascotes já entraram no mundo mortal. Logo, todos seus patéticos mortais ao redor do mundo terão sido erradicados. E devo agradecê-la, minha

filha. Foi você quem realizou isto. E agora, infelizmente, não tenho mais utilidade para você... MATEM-NA! — ele rugiu.

Grutus e Xenor sacaram suas armas e atacaram.

Kara sentiu o seu poder se dissipando de seu corpo. Ela sabia que estava dormente agora. Ela se sentia cansada. O último influxo de energia tinha drenado completamente. Sabia que não tinha chance alguma contra os demônios sem seu poder, então ela fez a única coisa que poderia fazer — correu.

Kara segurou o jarro com a alma de sua mãe e disparou porta afora.

— Segurem-na! — Asmodeus rugiu e apontou. — Segurem-na, seus tolos!

Kara não olhou para trás. Ela escondeu o jarro sob sua camiseta e embrenhou-se por entre demônios bêbados no cassino. Ela torceu para que eles não reparassem nela. Então ela ouviu uma comoção e se virou para ver Grutus apontando para ela. A legião inteira de demônios superiores parou de jogar e se concentrou nela. Eles atacaram.

Kara empurrou e chutou seu caminho em direção à placa azul e vermelha de néon de Saída. Ela passou por debaixo do sovaco de um demônio lançando dados. A saída estava perto.

— Peguem-na!

Kara alcançou a porta e saiu.

Ela se encontrava novamente no deserto ventoso. Sombrio, morto e devastado, o deserto atacou Kara com tornados de areia e tentou nocauteá-la. Ela não conseguia ver dois metros à sua frente. Para seu alívio, o tapete de sangue ainda estava desenrolado. Ela torceu para que o elevador estivesse no final dele.

Com os olhos estreitos, Kara correu pelo tapete. Ela ouviu as portas se abrirem atrás dela, mas ela não parou. Imagens de sua mãe e de David lhe impulsionaram a seguir adiante.

Para sua surpresa, Kara chegou ao final do tapete. Mas, quando olhou ao redor, não conseguia ver o elevador. Tinha sumido.

— Oh não! — gritou Kara, desesperadamente. Ela ouviu os sons de muitos pés. Rugidos raivosos alcançaram seus ouvidos. Ela olhou ao redor do deserto cinzento. Para onde ela iria? Onde se esconderia? Qual era o nome daquela barata?

— Jean-Pierre, onde está você! JP, preciso de você! — Kara gritou para o vento e para a areia.

Ouviu-se um pop súbito e o barulho de portas deslizando. Kara se virou.

— Ah! Mademoiselle, Kara! Sabia que você não resistiria, mon amour! — A barata estava parada na porta do elevador e piscava rapidamente.

— Oh, graças a Deus! — Kara se lançou para dentro, tomando cuidado para não quebrar o jarro de vidro. Ela olhou para a porta. — Rápido! Temos de sair daqui. Eles estão vindo! Feche a porta!

— Quem está vindo, ma chéri? — Jean-Pierre pôs a cabeça para fora. — Não vejo ninguém?

Em alguns poucos segundos, a horda de demônios chegaria ao elevador, mataria Kara e devoraria a alma de sua mãe.

Kara rastejou até a barata e agarrou sua pata.

— Por favor... eu suplico! Feche as portas agora! Eles estão quase aqui... Eu vou... Eu vou... lhe dar cem beijos se você fechar...

As portas do elevador se fecharam. Instantaneamente, ouviu-se altas batidas e Kara podia ver as marcas de marretas se formando nas portas de metal, enquanto os demônios tentavam arrombá-las.

Jean-Pierre jogou para o lado sua cartola. Depois a sua bengala. Ele caminhou até Kara, com seus olhos cintilando no reflexo da bola de cristal que guardava a alma de sua mãe.

— Estou pronto, meu amor.

O elevador balançou. Os demônios batiam na porta. A bola de cristal pulava e tremia.

Ela se arrependeu de ter se oferecido para beijá-lo, mas decidiu que não seria uma boa ideia ferir os sentimentos da barata francesa agora.

— Tudo bem... — Kara se inclinou na direção de Jean-Pierre. As antenas dele estavam dobradas na forma de um coração sobre sua cabeça. — ...que opção tenho?

Outra batida trovejante. A porta não aguentaria. Ela tinha de fazer o elevador se mover.

— Estou contando, sabe.

Kara estremeceu.

— Com certeza. Você pode contar. Vamos fazer isto rápido!

Depois de dar uma centena de selinhos nele e limpar sua boca na manga da camisa, Kara recuou. Jean-Pierre pulou no ar e saltitou pelo pequeno elevador.

Kara apertava o jarro de vidro em seus braços.

Com um grande impacto, abriu-se um rasgo na porta. Uma mão se enfiou por ele.

Kara pulou para trás.

— Rápido! Precisamos ir! Agora!

— Oui, mon amour. Posso levá-la de volta para a Terra... então você pode voltar para Horrizonte.

— Ótimo. Já está bom. — Ela olhou para as mãos se enfiando. — Vai!

Jean esticou o braço e apertou o botão *Sobe*.

Kara foi arremessada no chão com a súbita força do elevador. Os demônios se foram. Ela suspirou aliviada. Um instante depois, o

elevador parou e as portas se abriram.

— Merci, Jean-Pierre — disse Kara.

— Au revoir, meu amor. — A barata gigante fez uma reverência e apertou as quatro patas sobre o lado esquerdo do peito. — Esperro vê-la de novo logo.

*Deus, espero que não*, pensou Kara. Ela mostrou os dentes e saltou para fora.

## *Capítulo 20*

## *Indo para casa*

**K**ara correu pelas dunas vermelhas da Operações. O Alto Conselho a ouvira agora? Eles acreditariam nela agora, mesmo sendo filha de Asmodeus? Ela apertou a alma de sua mãe em seu peito e correu mais rápido. Depois do que Jean-Pierre tinha feito por ela, Kara teria de se lembrar de sempre ser gentil com os insetos, especialmente com as baratas. Mesmo tendo sido nojento beijá-lo, ele salvou sua vida.

Ela avistou o topo das tendas azuis de treinamento. Ela queria ver David. Ela esperava que ele não estivesse com problemas. Ela manteve os olhos baixos. Não queria atrair atenção desnecessária. Especialmente agora. Primeiro, ela queria ir até Gabriel. Então, se tudo se transcorresse bem, poderia levar a alma de sua mãe para o Salão das Almas.

Alguns AGs pararam suas lições de combate e a encararam. Alguns apontaram. Kara apertou o queixo em seu pescoço e correu mais rápido. Mas antes que pudesse encontrar Gabriel, Zadkiel surgiu diante dela. Kara estremeceu.

— Eu estava esperando por você — disse Zadkiel, com sua voz emitindo veneno.

Kara recuou, protegendo o jarro de vidro.

— O que... o que você quer? Onde está Gabriel? — Ela procurou pela tenda branca de Gabriel, mas Zadkiel deu um passo para o lado para bloquear a vista dela.

— Gabriel não está aqui agora. — Os olhos negros e as sobrancelhas negras de Zadkiel faziam com que Kara quisesse fugir. — Ele está indisposto no momento.

Zadkiel olhou para o jarro de vidro. As sobrancelhas dele se ergueram.

— Eu cuido disto agora. — Ele ergueu sua grande mão a partir de seu traje.

Kara recuou.

— Não. Esta é a alma da minha mãe. E eu vou levá-la ao Salão das Almas, onde ela estará segura.

Zadkiel rosnou. O rosto dele se enrugou, consternado.

— Eu cuido disto agora... dê para mim ou você vai se arrepender. — Os cantos dos lábios dele se levantaram.

Kara balançou a cabeça como uma criança teimosa. Ela sentiu pânico brotando dentro dela. O que estava acontecendo? Onde estava Gabriel?

— Dê-me a alma, guardiã.

Kara ergueu o jarro no ar por um momento, observando a pequena esfera branca planando dentro como um vaga-lume. Ela deu de ombros e entregou o jarro para o arcanjo.

— Então vamos para o Alto Conselho? — Kara perguntou com expectativa. — Tenho de explicar o que aconteceu. Fui para o Submundo... Eu vi Asmodeus. Ele está planejando destruir todo o mundo mortal! Eles soltou milhares de demônios por espelhos. Temos de detê-lo...

Zadkiel levantou a mão diante de Kara.

— Não, você não vai ao conselho.

Kara franziu o cenho.

— O que quer dizer? Tenho de contar para eles o que aconteceu. Isto é muito importante... pelo menos para relatar.

— Você não precisará relatar nada para onde está indo.

Kara olhou nos olhos dele. Ela temia o que ele diria em seguida.

Zadkiel sorriu suavamente.

— Vou levá-la para o seu lugar, demônio imundo. Vou levá-la para o Tártaro. E acredite em mim, desta vez você não vai escapar.

# Agora dê uma espiada em

***HORIZONTE***

## *Capítulo 1*

## *Esquecida*

**K**ara Nightingale estava sentada no chão frio de pedra. Ela se sentia anestesiada e vazia, drenada de todo sentimento. Ela podia ouvir um desgastado coro de gemidos de outros prisioneiros e ela se indagava quando também começaria a ter alucinações. Ela não queria perder a sanidade para as sombras na perene treva de sua cela de prisão. As vozes dos mortos e dos esquecidos eram suas únicas companheiras.

Com o tempo, as rugosas paredes cinzas se tornaram um conforto para ela. Ela não recebia visitantes desde que o próprio arcanjo Zadkiel a havia trazido para prisão e jogado-a na cela. Ele havia cavalgado nas costas de uma das grandes águias, como um cavaleiro cavalgando sua poderosa montaria. Ela estava dependurada abaixo nas afiadas garras do pássaro, como uma presa prestes a ser devorada. Zadkiel havia sido a última pessoa que ela tinha visto, e ela se perguntava se um dia veria outra alma novamente.

Kara suspirou. Ela segurou uma pedra afiada e se virou para encarar a parede atrás dela. Esticou o braço e apertou a pedra na parede com força o suficiente para fazer uma pequena inscrição e formar uma linha. Ela se sentou sobre os calcanhares e admirou seu trabalho. Cada marca contava um dia.

Ela contou vinte e oito pequenas marcas. Não tinha certeza se os seus cálculos estavam corretos; era difícil determinar o tempo em

Horizonte, por causa das trevas que a cercavam todo o tmepo e ela nunca via a luz do dia. Mas imaginava que estava certo, pondo ou tirando alguns dias. Sua primeira atribuição como um anjo da guarda a havia ensinado isto.

A garganta dela se apertou. Ela se lembrou da primeira vez que foi trancafiada no Tártaro. Ela podia ver o rosto sorridente de David quando ele veio para resgatá-la e ficou na porta da sua cela de prisão. Seu *cavaleiro de amardura reluzente*, ele havia dito. Mas ninguém tinha vindo salvá-la desta vez. Ela havia sido trancada por quase um mês, esquecida como um par de sapatos velhos.

Não fazia bem para ela viver no passado.

Ela se espantava com o fato de ainda estar sã. Os gritos insanos e uivos dos vizinhos a levava a acreditar que havia pelo menos uma dúzia de outros aqui, trancados em níveis separados. *Quantos níveis e celas havia em todo o Tártaro?* Ela só podia supor — milhares talvez. Ela se indagou por quanto tempo os outros prisioneiros haviam sido deixados definhando até que suas mentes não pudessem mais distinguir entre realidade e ilusão. Quanto tempo até que ela começasse a gemer e a definhar? Talvez contar os dias mantivesse a mente dela funcionando e sã.

Ela ardia com o desejo de falar com o conselho e alegar sua inocência mais uma vez. Era o que a motivava. Ela torcia por este dia, logo poderia se erguer e provar de uma vez por todas que não era uma espião demônio, mas um anjo adolescente normal, se é que tal coisa existe. Ela não era o inimigo que eles a acusavam ser. Eles podiam confiar nela. Ela era um dos mocinhos, não era?

Kara se sentou de volta. Bateu a cabeça contra a parede. Ela sabia que havia realmente feito uma bagunça. Havia quase matado um colega guardião. Então, ela havia escapado do Tártaro, sem aguardar o seu julgamento. Tinha havia se esquecido da sua obrigação de salvar os mortais e se preocupou com a sua busca egoísta para salvar a alma de sua mãe. Ela havia se tornado um anjo vingador, uma renegada no mundo sobrenatural. Mal podia imaginar o que o conselho faria com ela. Apesar de saber que seria muito desagradável...

Com um suspiro, Kara deixou sua cabeça pender em seus joelhos. Ela se lembrou do sorriso maligno no rosto do arcanjo Zadkiel. Poeira e pequenas partículas tinham caído do telhado e dentro dos seus olhos quando ele bateu a porta, fechando-a. Os olhos dele brilhavam com gratificação. Grandes rugas, como batata chips, haviam se formado no topo de sua careca. Os profundos olhos negros dele e as espessas sobrancelhas zombavam dela. Ela se lembrava de se indagar por que ele parecia estar tão satisfeito. Parecia que o arcanjo tinha uma vingança pessoal contra ela e mal podia esperar para trancafiá-la. Zadkiel ignorou todas suas súplicas para levá-la diretamente a Gabriel. Ele tinha ignorado suas informações sobre os planos de Asmodeus... ela nem tinha certeza se ele a tinha ouvido. Era como se houvesse ficado surdo. Ele não queria nada mais do que calá-la, jogá-la na prisão e se livrar definitivamente dela.

Kara engoliu seu ressentimento. Ela balançou a cabeça.

— Estou tão ferrada...

— Ainda não.

Kara ficou paralizada. Ela forçou os ouvidos e percebeu que a voz vinha da parede atrás dela.

— Quem está aí? Quem disse isso?

Kara se virou sobre os joelhos e fitou a parede. Uma inspeção mais detalhada revelou uma grande rachadura como um raio na rocha irregular. A voz vinha através dela. Ela se aproximou.

— Você precisa sair daqui, Kara — disse a voz grossa pela fissura.

Kara imaginou que a voz pertencesse a um ancião. A imagem de Merlim, o mago com o cabelo branco fino e uma barba branca desalinhada que roçava o chão, surgiu em sua mente.

— Você precisa deter Zadkiel antes que seja tarde demais.

— O quê...? Quem é você? E como você sabe o meu nome? — perguntou Kara. Os lábios dela roçavam a áspera parede de pedra. Ela se esforçou para ver pela rachadura, mas ela avistou apenas uma sombra.

Houve um momento de silêncio, então o homem falou novamente.

— Ouvi os guardas falarem sobre você. Sei que você é um anjo da guarda, Kara Nightingale. Também sei que você é diferente da maioria dos anjos e que você possui poderes únicos e incríveis,

poderes que assustam e enfurecem o Alto Conselho. Você tem muitos inimigos na Legião, minha cara.

Kara ouviu o desconhecido pigarrear, então ele falou novamente:

— Entendo que esta é a sua *segunda* vez no Tártaro e que você é a filha de Asmodeus.

Kara estremeceu com as últimas palavras. Era estranho para ela como o homem havia dito isto tão naturalmente, era como se fosse conhecimento comum entre todos os prisioneiros. Ela se indagou se este homem era outro doido e se restava alguma sanidade nele. Seria o tipo de doido que nunca cala a boca e ficaria balbuceando para sempre? Seus resmungos a acompanhariam até o final dos tempos ou até que ela também ficasse louca junto? Ele sabia quem ela era. Talvez os outros prisioneiros não fossem tão loucos.

— O meu nome é Legan — disse o desconhecido. A voz dele era suave e gentil, nem de longe o tom de um louco balbuceante.

Ele prosseguiu:

— ...e o que eu tenho para lhe contar agora é muito importante. Você tem de me prometer que vai contar para o conselho *exatamente* o que estou prestes a lhe contar. Você não pode se esquecer de nenhum detalhe. Prometa-me, Kara.

Kara se endireitou. Ela não conseguia evitar de ficar espantada com o que havia ouvido.

— Hum... prazer em conhecê-lo, Legan. Mas do que você está falando? O que é exatamente que você quer que eu conte para o conselho? É provável que eu nunca mais saia daqui... então você pode estar desperdiçando o seu tempo. Sinto que ficarei presa aqui por muito, muito tempo.

Kara ouviu pés se arrastando, então um suave plop. Ela sabia que Legan tinha acabado de se sentar com as costas encostadas na parede. Kara se perguntou se ele estaria preparando suas próximas palavras com cuidado, para tentar e persuadi-la, de algum modo.

— Você precisa contar para o conselho — disse Legan, por fim — que Zadkiel é um *traidor* — ele silvou.

Kara percebeu o nojo ao pronunciar o nome de Zadkiel, como se o próprio nome apodrecesse em sua boca. Ela nunca tinha gostado do arcanjo Zadkiel; ele sempre a fez se sentir indesejável e grotesca. Ele a havia chamado de demônio imundo mais de uma vez. Kara sorriu e sentiu uma empatia imediata por Legan, por odiar Zadkiel também. Talvez eles pudessem ser amigos?

— Nunca gostei dele — anunciou Kara. — Ele sempre me deu calafrios. Um traidor, você diz? Tem certeza? — Ela cruzou os dedos. — Tem provas?

— Ainda não — respondeu Legan, e Kara ouviu desapontamento no tom dele. — Ele enganou todo o conselho. Mas *eu* não foi enganado. Sei qual mestre ele verdadeira serve. É por isto que vim parar aqui. Ele sabia que eu estava na cola dele. Ele tinha de se livrar de mim, entende. Eu estava prestes a revelar a *marca* dele.

Kara estremeceu diante da menção da marca. A marca do demônio era símbolo da lealdade ao senhor dos demônios que a fez. Uma horrível cicatriz raivaosa, uma marca do demônio, como uma teia de aranha, que havia se envolvido ao redor de seu tornozelo antes. Toda a Legião a havia acusado de ser um demônio espião por causa disto. David havia se afastado dela quando a viu. O peito dela se apertou ao se lembrar do rosto nervoso e confuso quando ela mostrou a ele seu tornozelo. Ela havia revelado isto como se não fosse nada. Nunca poderia imaginar o caos que causaria depois. Apesar de o arcanjo Rafael ter removido a marca, ela não poderia remover a desconfiança que causou. O dano havia sido feito; ela sabia que alguns anjos nunca confiaram nela novamente.

— Onde ele é marcado? — Kara perguntou abruptamente, com a voz mais alta do que gostaria. Ela não podia imaginar onde a marca estaria nele. Claramente, estava astutamente escondida.

— Eu não sei — disse Legan, e Kara ouviu-o suspirar. — A marca está bem escondida nele. Como ele conseguiu ocultá-la, não consigo determinar, embora ele deve estar utilizando algum tipo de ilusão para mascará-la. Um dispositivo de ocultamento de algum tipo, não tenho certeza. Mas sei que ele é marcado!

Kara mordeu o lábio. Ela questionou a história de Legan. Talvez Zadkiel houvesse trancado o velho, e ele queria se vingar de algum modo. Envolver-se com um louco não ajudaria a sua situação atual, ela sabia. Com um suspiro de resignação, ela se levantou

lentamente da parede e se sentou de volta com as costas recostadas na pedra. Ela não queria que Legan ouvisse.

— Você não acredita em mim — Kara ouviu Legan dizer após alguns minutos de siêncio. — Você acha que sou um tolo louco, não é? Você acredita que inventei tudo isso.

— Não sei mais em quem acrediatr. Se você tem algum problema com Zadkiel... isto é problema seu. Eu já tenhos meus próprios problemas. Não preciso disto agora. Talvez você devesse pedir a outra pessoa para ajudá-lo.

Kara jogou uma pedra contra a parede oposta. Ela deixou a cabeça pender.

— Não posso pedir a mais ninguém. Você é a única. Esta é a *sua* tarefa, e somente sua. Você deve acreditar em mim, Lara, quando eu digo que somente *você* pode fazer isto — disse Legan. Kara ouviu um tom de urgência na voz dele que faziam com que ela se sentisse desconfortável. — Zadkiel não devolveu a alma de sua mãe ao Salão das Almas...

— O quê! — Kara se levantou num pulo e bateu a testa na parede da cela. — Como você sabe sobre a alma de minha mãe?

Ela se lembrava do sorriso desagradavelmente satisfeito no rosto de Zadkiel quando ela lhe havia dado o jarro de vidro contendo a alma de sua mãe. Ela compreendeu que, num momento de horror, ele não tinha sorrido porque poderia devolver a alma ao Salão das Almas — ele estava sorrindo porque não ia. O que lhe havia dado

calafrios naquela hora, agora fez com que ela sentisse um frio percorrer todo seu corpo. O que havia acontecido com a alma de sua mãe?

— Sei de uma porção de coisas que acontecem em Horizonte, minha cara — Legan prosseguiu — eu estive por aí, digamos... por muito, muito tempo. Nada passa despercebido por mim... bem, nada passava até que me jogaram aqui. Mas isto não importa mais. O que importa é o que você vai fazer. Confie em mim quando eu lhe digo que ele não retornou a alma de sua mãe.

O chão balançou um pouco e Kara se segurou nas paredes para não cair. O único pensamento feliz que a mantinha seguindo adiante todo este tempo na prisão era a convicção de que a alma de sua mãe estava segura entre todos aqueles outros brilhantes globos planando no Salão das Almas. Mas agora ela estava perdida. Estava furiosa. Que tola tinha sido. Ela estava trancada na prisão por absolutamente nada. Kara aguardou que o sensação de tontura passasse antes de falar novamente.

— Como eu posso saber que você está me contando a verdade e não alguma mentira criada a partir da sua mente danificada? Como eu sei que você não está trabalhando com Zadkiel para me matar?

— Você não sabe. Terá de confiar em mim — ele disse com uma voz gentil.

Quando Kara não respondeu, Legan prosseguiu:

— Você deve acreditar em mim, Kara. Estou lhe dizendo a verdade. Parte de você sabe que falo a verdade... pode sentir isto.

Silêncio pousou sobre o ambiente. Kara ansiava por estar com sua mãe novamente. Se o que o velho disse era verdade, então a mãe dela estava em grande perigo. Ela tinha de fazer alguma coisa.

— O quê... o que posso fazer? — disse Kara, e ela sabia que não podia disfarçar sua voz trêmula. — Estou presa aqui! Como posso fazer algo? Você um jeito de fugir daqui? — Kara jogou seu peso contra a parede dura, mas era mais como tentar mover um elefante. Ela sabia que não conseguiria escapar. Ela havia pensado em tentar abrir a fechadura. Mas havia uma fechadura na cela? Ela não se lembrava de ter visto uma. Ela se desesperou. Como fugiria?

— Você não ficará presa no Tártaro por muito tempo — informou Legan, como se estivesse lendo a mente dela. — Logo você será convocada para a sua audiência para enfrentar as acusações feitas contra você diante do Alto Conselho. E não será fácil, pois o conselho foi mal-orientado pelo veneno da boca de Zadkiel. Mas você deve detê-lo. Esta será a sua única oportunidade — a *nossa* única oportunidade. Compreende? Se você não for bem-sucedida, estamos todos condenados.

Kara sentiu outro calafrio subir sua espinha. Ela estremeceu involuntariamente.

— O que você quer dizer exatamente? — Já era bastante ruim ser parcialmente responsável pelos demônios terem cruzado para o mundo mortal. Ela não queria que o fim do mundo angelical em sua

consciência também. Era demais para uma única alma suportar. — Hã... estou completamente perdida. O que tenho de fazer?

— Você deve tocá-lo.

Kara balançou a cabeça.

— Como? Você está louco? *Tocá-lo*?

— Sim — disse Legan — um único toque seu e a marca se revelará.

Pânico brotou no peito dela. Ela não conseguia imaginar como chegaria perto o suficiente para tocá-lo. Este plano ia de mal a pior. — Eles nunca me deixariam chegar perto dele. Eu sou cria do demônio; lembra? Eles vão me matar se eu chegar perto demais do conselho. Onde estaríamos então?

— Mas você deve, Kara. Você deve tocá-lo e mostrar ao conselho a quem ele serve verdadeiramente. Eles vão acreditar em você assim que a marca se revelar. Eu prometo.

— Não sei. Isto não me parece um plano perfeito. — Kara deixou sua cabeça bater-se contra a parede. Uma imagem do lindo rosto de sua mãe dançou diante de seus olhos. Música de uma orquestra deslizou por seus ouvidos. Ela se lembrou de ouvir Billie Holiday, enquanto lavava a louça com sua mãe, cantando juntas e espirrando água por todo o piso de linóleo. Os nervos estavam à flor da pele. Ela devia isto à sua mãe, devia tentar. — Tudo bem. Vou fazer isto.

— Bom — disse Legan, e Kara tinha certeza que ele sorria. — Não vai demorar muito agora.

Kara não tinha certeza do que ele queria dizer com isto. Seria tudo isto um plano deste louco? Como ele sabia quando o conselho a convocaria? Quão profundas eram as conexões dele com o mundo exterior? Ela tinha sido trancafiada por tanto tempo que estava começando a se esquecer do como era fora destas paredes. Algo a incomodava no fundo da mente.

— Legan. Por que você não falou comigo antes? Por quê?

— Bem, eu não estava *aqui* antes. Quer dizer, eu estava num lugar diferente.

— Como abaixo alguns níveis ou algo do gênero? — Kara se indagou quantas celas pertenciam ao bloco de concreto que chamavam de prisão. Era uma estrutura enorme. Ela imaginou que devia haver milhares de celas. Onde milhares de anjos inocentes estavam presos?

— Hummm... sim... acho. Algo do gênero — disse Legan. — Aqui vêm eles. Prepare-se, Kara. Vamos nos encontrar novamente.

— O quê...?

Kara ouviu um alto rangido, seguido de um boom ensurdecedor. As paredes da cela tremeram e, por um instante, Kara pensou que poderia ter sido um terremoto, mas ela rapidamente compreendeu que isto era impossível porque eles estavam flutuando em um cubo

gigante. Ela se virou. Ela limpou a poeira e a sujeira de seus olhos e piscou.

Kara fitou os penetrantes olhos dourados de uma águia gigante.

***Sobre a Autora***

Kim Richardson é a autora da série GUARDIÕES DE ALMAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde ela escreve em tempo integral.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

www.kimrichardsonbooks.com

www.kim-richardson.blogspot.com

www.facebook.com/KRAuthorPage